

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - IFCHS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA  
AMAZÔNIA - PPGSCA**

**RAIMUNDO DOS SANTOS MACHADO NETO**

**(RE)CONFIGURAÇÕES DO SISTEMA DE CRENÇAS DAS BENZEDEIRAS EM  
BORBA/AM: práticas de benzeção e estratégias de resistência sociocultural na  
modernidade contemporânea**

**Linha de Pesquisa 1:** Sistemas Simbólicos e Manifestações Socioculturais

**MANAUS - AM  
2025**

**RAIMUNDO DOS SANTOS MACHADO NETO**

**(RE)CONFIGURAÇÕES DO SISTEMA DE CRENÇAS DAS BENZEDEIRAS EM  
BORBA/AM: práticas de benzeção e estratégias de resistência sociocultural na  
modernidade contemporânea**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como critério obrigatório para obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Adelson da Costa Fernando  
Coorientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Gisele Giandoni Wolkoff

**MANAUS -AM  
2025**

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

- 
- M149r      Machado Neto, Raimundo dos Santos  
              (Re)configurações do sistema de crenças das benzedeiras em Borba-Am:  
              práticas de benzeção e estratégias de resistência sociocultural na  
              modernidade contemporânea / Raimundo dos Santos Machado Neto. -  
              2025.  
              129 f. : il., color. ; 31 cm.
- Orientador(a): Adelson da Costa Fernando.  
              Coorientador(a): Gisele Giandoni Wolkoff.  
              Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa  
              de Pós-Graduação em Soc. e Cultura na Amazônia, Manaus, 2025.
1. Benzedeiras. 2. Benzeção. 3. Saberes ancestrais. 4. Sistema de crenças.  
              5. Resistência. I. Fernando, Adelson da Costa. II. Wolkoff, Gisele  
              Giandoni. III. Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-  
              Graduação em Soc. e Cultura na Amazônia. IV. Título
-

**RAIMUNDO DOS SANTOS MACHADO NETO**

**(RE)CONFIGURAÇÕES DO SISTEMA DE CRENÇAS DAS BENZEDEIRAS EM  
BORBA/AM: práticas de benzeção e estratégias de resistência sociocultural na  
modernidade contemporânea**

Dissertação apresentado à Banca examinadora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM); Linha de Pesquisa 01: Sistemas Simbólicos e Manifestações Socioculturais, sob orientação do Prof. Dr. Adelson da Costa Fernando.

Aprovado em 25/02/de 2025.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Adelson da Costa Fernando – Presidente  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Profa. Dr. Gladson Rosas Hauradou – Membro  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Prof. Dr. Andriolli de Brites da Costa – Membro  
Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho à minha mãe Zuzú Machado, que apesar da força do tempo, continua a me fortalecer com sua fé, ternura e orações.

A todos os meus irmãos, a quem sempre recorro em busca de apoio moral e de uma palavra amiga.

À minha esposa Andréa Cavalcante e aos filhos André e Adrian, que renovam em mim a coragem de sonhar e seguir em frente, sempre com o coração cheio de esperança.

À minha netinha, Clara Beatriz, que chegou como um verdadeiro raio de luz, iluminando nossas vidas com fagulhas de amor e alegria. Vô ama infinitamente!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, o grande arquiteto do universo, por ter me concedido força, sabedoria e resiliência para concluir esse trabalho. A Ele toda honra e toda glória!

Agradeço à minha esposa Andréa Cavalcante, por reacender em mim a chama do mundo acadêmico e por ajudar a pavimentar o caminho que me trouxe até aqui. Seu apoio, paciência, companheirismo e contribuições foram verdadeiros bálsamos nos momentos de tensão e desencorajamento.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM), com os quais pude navegar pelo vasto e caudaloso rio do conhecimento.

Registro minha eterna gratidão ao meu preclaro orientador, professor Dr. Adelson da Costa Fernando, cuja humildade e elegância ao compartilhar seus conhecimentos se constituíram em fontes contínuas de inspiração e motivação. Sua parceria, sagacidade e ricas orientações foram indispensáveis para a condução deste trabalho.

Expresso minha profunda gratidão a todas as benzedeiras de Borba-Am, bem como aos comunitários e líderes religiosos que generosamente aceitaram participar dessa pesquisa. Suas inestimáveis colaborações ao compartilhar saberes, percepções e experiências vividas no universo da benzeção, são a gênese desta dissertação.

Agradeço ainda à minha chefe, Joyce Alice Almeida de Magalhães, por compreender que este mestrado representava para mim, mais do que um título acadêmico – era, na verdade, um sonho, uma meta, um projeto de vida. Sua sensibilidade ao permitir que, em alguns momentos me afastasse das atividades profissionais, foi fundamental. Sem sua colaboração, o caminho até aqui certamente teria sido mais desafiador.

A todos os meus colegas de turma. Juntos, compartilhamos alegrias, enfrentamos desafios, construímos memórias e cultivamos sonhos. Se hoje a vida nos conduz por caminhos distintos, nessa diáspora de novos horizontes, é porque um dia ela nos uniu e fomos muito felizes.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) pelo apoio ao fomento de pesquisas essenciais para o desenvolvimento cultural, científico e tecnológico da região.

Por fim, expresso meu eterno reconhecimento à Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) pelo acolhimento ao longo de toda esta jornada acadêmica. Agradeço, igualmente, pela valiosa oportunidade de explorar caminhos enriquecedores, guiados pela ciência e pelo conhecimento.

“Compreender a benzeção é penetrar na sua essência, é buscar o significado de sua prática social, entendendo de que modo esse lado da cultura popular, tão fragmentado, hostilizado, rejeitado e marginalizado, é recriado com força e autonomia” (Elda Rizzo de Oliveira).

## RESUMO

Esta dissertação é fruto de uma pesquisa qualitativa desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM e tem como título “(Re)configurações do sistema de crenças das benzedeiras em Borba-Am: práticas de benzeção e estratégias de resistência sociocultural na modernidade contemporânea”. Constitui seu objetivo geral analisar as (re)configurações do sistema de crenças das benzedeiras em Borba-Am, tendo em vista os processos de recorrência às suas práticas de benzeção e as formas estratégicas de resistência sociocultural em tempos de modernidade contemporânea. O trabalho tem inspiração etnográfica, uma abordagem que busca compreender uma cultura, fenômeno ou grupo social por meio da observação e da imersão do pesquisador no contexto estudado. Os resultados mostram que apesar das grandes transformações sociais, científicas e tecnológicas do mundo moderno, as benzedeiras de Borba-Am não desapareceram. Pelo contrário, elas continuam demonstrando notável capacidade de adaptação e resistência. Alicerçadas em uma relação comunitária pautada no acolhimento, no respeito às diversidades, no afeto e na confiança mútua, seguem como guardiãs da fé e da esperança em um mundo cada vez mais desigual e injusto. A expectativa é de que essa dissertação possa contribuir para valorização e conservação das crenças e dos saberes ancestrais, despertando a comunidade acadêmica, o poder público e a iniciativa privada para o fomento de novas pesquisas científicas e abordagens epistêmicas em contexto cultural amazônico.

Palavras-chave: Benzedeiras; Benzeção; Saberes ancestrais; Sistema de crenças; Resistência.

## **ABSTRACT**

This dissertation is the result of qualitative research developed within the scope of the Postgraduate Program in Society and Culture in the Amazon – PPGSCA, of the Federal University of Amazonas – UFAM and is entitled “(Re)configurations of the belief system of the healers in Borba-Am: practices of blessing and strategies of sociocultural resistance in contemporary modernity”. Its general objective is to analyze the (re)configurations of the belief system of the healers in Borba-Am, considering the processes of recurrence of their blessing practices and the strategic forms of sociocultural resistance in times of contemporary modernity. The work is inspired by ethnography, an approach that seeks to understand a culture, phenomenon or social group through observation and the immersion of the researcher in the context studied. The results show that despite the great social, scientific and technological transformations of the modern world, the healers of Borba-Am have not disappeared. On the contrary, they continue to demonstrate a remarkable capacity for adaptation and resistance. Based on a community relationship based on acceptance, respect for diversity, affection and mutual trust, they continue to be guardians of faith and hope in an increasingly unequal and unjust world. The expectation is that this dissertation can contribute to the valorization and conservation of ancestral beliefs and knowledge, awakening the academic community, the public authorities and the private sector to the promotion of new scientific research and epistemic approaches in the Amazonian cultural context.

**Keywords:** Benzedeiras; Blessing; Ancestral knowledge; Belief system; Resistance.

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1. Palavras populares usadas no contexto da benzeção em Borba/Am.....32

Quadro 2. Liderança espiritual e comunitária.....50

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1. Mapeamento de dissertações.....40

Tabela 2. Mapeamento de teses.....44

## **LISTA DE FIGURAS**

|                                                                       |    |
|-----------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1. Mapa do Amazonas com destaque no município de Borba/Am..... | 19 |
|-----------------------------------------------------------------------|----|

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

AM – Amazonas

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

PPGSCA – Programa de Pós Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia

SUS – Sistema Único de Saúde

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PL – Projeto de Lei

ACS – Agente Comunitário de Saúde

## SUMÁRIO

|                                                                                                                            |            |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                                                                                     | <b>15</b>  |
| <b>CAPÍTULO I - BENZEDEIRAS DE BORBA/AM: sistema de crenças, liderança carismática e agentes populares de cura.....</b>    | <b>24</b>  |
| 1.1 Crenças religiosas: da tradição a modernidade contemporânea.....                                                       | 24         |
| 1.2 Benzedeadas, quem são elas? .....                                                                                      | 31         |
| 1.3 Sistema de crenças das Benzedeadas de Borba-Am .....                                                                   | 37         |
| 1.4 liderança carismática das benzedeadas: a legitimidade das comunidades .....                                            | 49         |
| <br><b>CAPÍTULO II - PRÁTICAS DE BENZEÇÃO NO MUNICÍPIO DE BORBA/AM .....</b>                                               | <b>53</b>  |
| 2.1 Ritual de preparação físico e espiritual das benzedeadas.....                                                          | 54         |
| 2.2 O tempo e o local: contexto e significado.....                                                                         | 58         |
| 2.3 Universo simbólico das benzedeadas .....                                                                               | 60         |
| 2.4 Plantas utilizadas na benzeção .....                                                                                   | 63         |
| 2.5 Doenças do corpo e da alma .....                                                                                       | 65         |
| 2.6 Percepção religiosa sobre o ofício da benzeção.....                                                                    | 67         |
| 2.7 Testemunhos e recorrência à prática da benzeção.. .....                                                                | 71         |
| <br><b>CAPÍTULO III - ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA SOCIOCULTURAL DAS BENZEDEIRAS NA MODERNIDADE CONTEMPORÂNEA.....</b>       | <b>77</b>  |
| 3.1 Tradição e Modernidade: análise dos pressupostos teóricos.....                                                         | 77         |
| 3.2 (Re)configurações da benzeção: entre tradição e modernidade .....                                                      | 86         |
| 3.3 A atuação das benzedeadas e as relações com as comunidades locais.....                                                 | 89         |
| 3.4 Benzeção e os Serviços de Atenção Básica de Saúde.....                                                                 | 93         |
| 3.5 Transformações socioculturais e científicas da modernidade: desafios e estratégias de resistência das benzedeadas..... | 99         |
| <br><b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                                                       | <b>105</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                                                                    | <b>109</b> |
| <b>ANEXO.....</b>                                                                                                          | <b>112</b> |
| <b>APÊNDICES.....</b>                                                                                                      | <b>114</b> |

## INTRODUÇÃO

O Amazonas, vasto em sua riqueza cultural, é um cenário onde práticas e tradições ancestrais se entrelaçam com a modernidade, formando um universo místico de crenças e cosmovisões. Nesse contexto, a benzeção emerge como dinâmica social efetiva na relação entre os povos amazônicos e a natureza, permeada por simbologias e rituais que transcendem as fronteiras do tempo. Suas raízes históricas vão além de meras manifestações de crença; são formas de cuidado físico e espirituais presentes no cotidiano das comunidades tradicionais da região.

A prática da benzeção pode ser compreendida como uma manifestação que abrange dimensões além do alívio ou da cura física. Observa-se que aqueles que procuram por essa prática, buscam aspectos mais profundos relacionados a um conforto espiritual ou a uma conexão que vai além do plano material. Nesse contexto, os rituais realizados, carregados de simbolismos, parecem desempenhar um papel significativo na expressão da fé e na construção de sentidos para quem participa.

A benzeção é primariamente uma expressão de resistência política, histórica e cultural. Revestida de uma representação religiosa e genuinamente espiritual, resiste às barreiras da modernidade e se mantém viva como parte efetiva das relações sociais dos povos amazônicos.

Na obra *Modernidade líquida*, Bauman (2001) explora a ideia de que a modernidade atual se caracteriza pela fluidez e pela incerteza, em contraste com a modernidade sólida do passado e que mesmo em tempos de fluidez, as tradições não desaparecem completamente; elas assumem novas formas e representações.

Assim como os líquidos se moldam aos recipientes que os contêm, as instituições e as identidades individuais também se adaptam e se transformam em resposta às novas condições e demandas do mundo moderno. Dessa maneira, as tradições religiosas podem ser reinterpretadas para se adequar a um novo cenário, ajudando as pessoas a encontrarem sentido e significado em suas vidas. Todavia, ao abordarmos esse processo de resistência, é necessário recordar, mesmo que brevemente, um fato significativo.

O catolicismo ortodoxo, ao se estabelecer na região a partir da invasão colonial procurou impor sua própria visão de mundo e práticas religiosas que conflitavam com as crenças e rituais indígenas aqui existentes. A imposição de uma religião sistematicamente aparelhada resultou no enfraquecimento das crenças e práticas espirituais que iam além de uma mera estrutura espiritual, mas também moldavam a identidade, as relações sociais, os sistemas de valores e as

percepções de mundo dos povos originários. Se voltarmos os olhos para a história um pouco mais distante, especialmente a partir do século XVI, veremos que nesse período a igreja católica adentrava o campo da saúde, buscando curar pessoas por meio de benções e rituais exorcistas. Nessa época já existiam mulheres dotadas de habilidades curativas, capacidades de adivinhação e autointituladas portadoras de um poder divino.

Devido à sua posição social, econômica e cultural inferior, e por desafiarem os valores e normas da igreja, essas mulheres foram perseguidas, oprimidas, torturadas e queimadas vivas nas fogueiras da inquisição, um sistema institucionalizado pela igreja católica romana, responsável por investigar, julgar e punir aqueles considerados hereges ou que se desviavam da ortodoxia católica. Não havia escolha ou perspectiva de resistência ou contestação contra os tribunais inquisitórios.

De acordo com Oliveira (1985), a inquisição em seu período tenebroso, protagonizou em nome de Deus os mais duradouros e sanguinários crimes contra a humanidade registrados na história. Essa foi a face de uma era religiosa sombria, marcada por extrema violência e desrespeito à dignidade humana que tudo legitimou em defesa de uma igreja manipuladora, sectária e abusiva.

É evidente que não pretendemos com essa narrativa buscar um caminho para interpretar a história da benzeção, mas enxergá-la em um espaço de conquistas e preservação, uma demonstração de resistência por pequena que seja ao saber erudito e às grandes transformações contemporâneas. Foi com essa perspectiva que traçamos o curso dessa pesquisa.

Esta dissertação é fruto de uma pesquisa qualitativa desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, e tem como título “(Re)configurações do sistema de crenças das benzedeiras em Borba-Am: práticas de benzeção e estratégias de resistência sociocultural na modernidade contemporânea”.

A abordagem qualitativa pretende compreender o contexto analisado, permitindo a interação do pesquisador com o objeto de estudo, pois “uma pesquisa é sempre de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito, cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados” (Duarte 2002, p. 140).

Teoricamente está embasada nas contribuições de Weber (2004, 2015), Hervieu-Léger (2015), Santos (2009, 2022), Durkheim (1981, 2022), Oliveira (1985) Fernando (2018), Gomes e Pereira (2004), Bauman (2001), Eliade (1992), Loyola (1983), Krenak (2019). Silva (1996), Quintana (1999), Beltrão (1980). O estudo se apoia ainda em diversos outros especialistas e estudiosos que se destacam neste campo de investigação.

Constitui seu objetivo geral analisar as (re)configurações do sistema de crenças das benzedeiras em Borba-Am, tendo em vista os processos de recorrência às suas práticas de benzeção e as formas estratégicas de resistência sociocultural em tempos de modernidade contemporânea, e como objetivos específicos; 1. Compreender o sistema de crenças das benzedeiras em Borba-Am, a constituição de sua liderança carismática e como elas se constituem agentes populares de cura; 2. Descrever a prática da benzeção em Borba-Am, analisando o ritual de preparação, o tempo e o local, o universo simbólico, a utilização de plantas, as doenças do corpo e da alma, percepções religiosas, testemunhos e recorrência à prática da benzeção; 3. Identificar os principais desafios enfrentados pelas benzedeiras na preservação de suas tradições, bem como as estratégias de resistência frente às profundas transformações sociais, culturais e científicas da modernidade contemporânea.

Para a coleta de dados, foram conduzidas entrevistas semiestruturadas. A escolha por esse instrumento de pesquisa se deu por ser considerado mais adequado para o levantamento de informações sob a ótica de quem está inserido no contexto de estudo (Duarte 2004).

Os critérios de inclusão da pesquisa limitaram-se aos residentes do município de Borba-Am. Participantes que, por vontade própria, decidissem se retirar da pesquisa em qualquer momento seriam automaticamente excluídos do estudo. Após a seleção, todos foram informados sobre a possibilidade de aceitar ou recusar sua participação, sendo garantido que, em caso de adesão, suas identidades seriam preservadas por meio do anonimato.

Quanto aos procedimentos técnicos utilizamos a pesquisa bibliográfica buscando aprofundamento teórico sobre o trabalho das benzedeiras. No que tange a pesquisa bibliográfica Marconi e Lakatos (2003, p. 158), esclarecem que “a pesquisa bibliográfica é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema”.

A pesquisa foi dividida em três etapas: (I) pesquisa bibliográfica; (II) pesquisa de campo; (III) análise dos dados.

Na primeira etapa buscamos aporte teórico para fundamentar os achados da pesquisa. Nessa etapa foram feitos fichamentos em obras já produzidas e revisão de literatura em teses e dissertações sobre a temática proposta.

Na segunda etapa, realizou-se a pesquisa de campo por meio de entrevistas semiestruturadas com quatro benzedeiras, cinco pessoas da comunidade que já recorreram à benzeção e três líderes religiosos. Para garantir que a amostra da pesquisa refletisse a diversidade do município de Borba-Am, a seleção dos entrevistados foi realizada da seguinte forma: duas benzedeiras da zona rural e duas da zona urbana; cinco comunitários, sendo três residentes na

zona rural e dois na sede do município; um padre e um pastor da cidade, além de um pastor do interior.

Durante as entrevistas, duas benzedadeiras residentes na zona rural do município, foram ouvidas em suas próprias casas. Já as benzedadeiras da zona urbana, preferiram ser entrevistadas em locais mais tranquilos, visto que estávamos na ardência do processo eleitoral e a propagação de sons próximo às suas residências era muito intensa. É importante destacar, que à todos os participantes dessa pesquisa, foi garantido o sigilo de suas identidades.

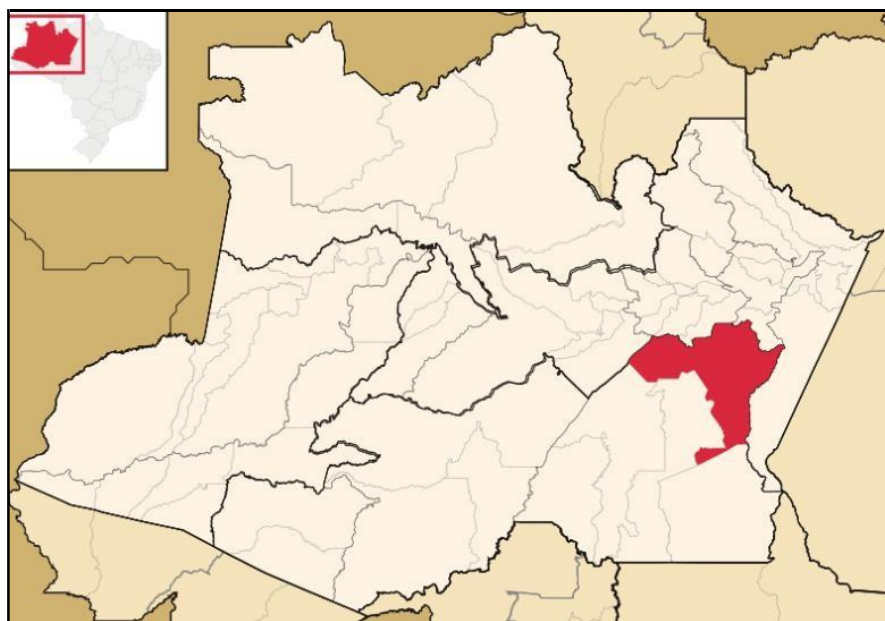
Na terceira etapa, foi realizada a análise dos dados coletados, que foram posteriormente transcritos na dissertação, com a sistematização das falas dos entrevistados à luz do referencial teórico pertinente à temática estudada. Por fim, na fase de tratamento dos resultados, ocorreu a interpretação dos dados em relação aos objetivos estabelecidos para a pesquisa.

O trabalho foi inspirado na etnografia, uma abordagem que busca compreender uma cultura, fenômeno ou grupo social por meio da observação e da imersão do pesquisador no contexto estudado. Essa metodologia permitiu tanto a observação quanto a interação direta com os participantes, com o objetivo de entender suas práticas, comportamentos, valores, costumes e os significados culturais envolvidos.

Ao mergulhar nesse universo, buscamos explorar, a partir dos objetivos elencados, como essa prática milenar persiste e se adapta em um contexto marcado por mudanças sociais, ambientais e políticas que permeiam a modernidade contemporânea e como essas mulheres de origens modestas conseguiram imergir como líderes sociais em uma época marcada por forte influência patriarcal. Analisando a ritualística, a simbologia, as crenças nas quais se ancoram as benzedadeiras de Borba-Am.

O município de Borba-Am, lócus dessa pesquisa, foi a primeira vila criada em território amazonense, de acordo com censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2022), possui uma área territorial de 44.236,184 km<sup>2</sup>. Está localizado no sudeste do Estado do Amazonas, a 150 km de Manaus, em linha reta, e 215 em via fluvial. Conta com uma população de 33.080 habitantes.

FIGURA 1 – MAPA DO AMAZONAS COM DESTAQUE NO MUNICÍPIO DE BORBA-AM



FONTE: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Borba\\_\(Amazonas\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Borba_(Amazonas))

Em sua história de arte, tradição e fé que abarca quase três séculos desde sua fundação. É um verdadeiro tesouro de diversidades culturais, advindo de diferentes grupos étnicos que deram origem ao seu povo. Nesse contexto cultural, emergem lendas fascinantes, costumes, crenças e tradições religiosas que continuam a moldar profundamente a vida dos habitantes locais.

Para Almeida e Soares (2020, p.195),

o traçado cultural presente nas sociedades do interior do estado do Amazonas configura um retrato do processo que ocorreu em toda a região amazônica, não apenas por uma designação étnica, mas consideravelmente ao que diz respeito aos hábitos, costumes e religião exercidos por estas populações, que particularmente nos trazem à tona as heranças culturais deixadas por povos indígenas, europeus, nordestinos e negros.

Borba-Am é o cenário de uma das maiores festas religiosas do interior do Estado, em homenagem a Santo Antônio de Pádua, padroeiro da cidade, celebrada anualmente de 01 a 13 de junho. Durante esse período, milhares de fiéis, turistas e romeiros demonstram sua fé e devoção em busca de bênçãos. A peregrinação religiosa inclui o pagamento de promessas, participação efetiva na trezena católica e realização de sacrifícios durante a procissão. Os devotos também deixam fotografias no altar, fitas com nomes de pessoas que precisam de ajuda, apresentam terços, água e utensílios de trabalho para serem benzidos.

Além disso, em todas as comunidades católicas do município, há um santo ou santa

protetor(a) em quem os fiéis depositam suas esperanças para alcançar graças e intervenções divinas. O município de Borba-Am é popularmente conhecido como o esplendor da fé no coração da Amazônia.

Entre essas tradições está o ofício da benzeção, uma forma de tratamento ancestral vivenciado há séculos pela população borbense e exercido principalmente por mulheres, que investidas do poder da fé, dedicam suas vidas à nobre missão de oferecer cura e conforto espiritual àqueles que as procuram.

O interesse pela temática apresentada nesta pesquisa surgiu, em parte, de uma experiência vivida na minha infância. Minha mãe foi benzedeira na época. Em casa havia um cômodo específico no qual ela atendia as pessoas que buscavam alívio para seus males físicos ou espirituais, visto que na época não havia serviços de atenção básica de saúde na zona rural, e todo tratamento médico especializado era realizado na sede do município.

Nesse ambiente existia uma mesa sempre adornada com uma toalha branca, ramos de plantas, imagens de santos e um copo com água, a qual ela se referia como altar. Essa sala se diferenciava de outros espaços da casa não apenas no aspecto físico. Era um ambiente o qual ela acreditava ser fonte de energia positiva e plenitude espiritual. Todos os artefatos que ali existiam eram considerados sagrados.

Eliade (1992), na obra “O profano e o sagrado” desenvolveu o conceito de hierofania para descrever o fenômeno pelo qual o sagrado se manifesta no mundo profano. Essa manifestação transforma o espaço e o tempo ordinários em espaços e tempos sagrados, estabelecendo estreita relação entre o mundo humano e o divino.

Em algumas sextas-feiras ela se reunia com outras benzedeiras que vinham das comunidades adjacentes. Nesse dia éramos instruídos a ficar distantes daquela sala e a evitar qualquer ação que pudesse gerar barulho excessivo. No entendimento das benzedeiras o silêncio atrai os espíritos bons e o barulho, os espíritos maus.

Imagino que aquele ritual era uma espécie de “capacitação espiritual”. Em raros momentos presenciei algumas benzeções, mas nunca nem eu e nem meus irmãos conseguimos ouvir sequer uma palavra proferida por ela naquele sacrossanto ato que se discorria com gestos repetitivos pelo corpo do paciente com um pequeno ramo de arruda, pião roxo ou vassourinha, plantas típicas do habitat dos povos tradicionais.

No final daquela espécie de exorcismo do bem sobre o mal ela saía para o terreiro e atirava esses ramos na direção do pôr do sol, para que ao desaparecer nos confins do universo levasse todas as doenças, enfermidades, males e maldições da pessoa.

Naquela época eu me perguntava qual o significado daqueles rituais. Qual a origem da

fé inquebrantável que motivava pessoas a enfrentar o sol escaldante, chuvas torrenciais, correnteza dos rios, remando em canoas pesadas em busca de cura para suas aflições. De onde vem esse saber que ao mesmo tempo em que parece algo natural se entrelaça com misticismo e simbologias.

Outro fato que motivou esta pesquisa foi minha experiência à frente da Secretaria Municipal de Educação do município de Borba-Am. Essa função me proporcionou a oportunidade de conhecer de perto as comunidades rurais, seus desafios, costumes, modos de vida e particularidades locais.

Durante esse contato, observei a presença marcante das benzedeiras, bem como a liderança, o carisma e a representatividade social que essas mulheres exerciam junto às suas comunidades. Percebi, ainda, o papel essencial que essa prática de cura desempenhava na vida dos comunitários, especialmente em áreas onde não havia acesso aos serviços básicos de saúde.

Embora o número de mulheres praticando a benzeção em Borba-Am seja significativamente maior tanto no passado quanto no presente, não foi essa diferença numérica que ensejou a exclusão de homens benzedores nesta pesquisa, visto que ela não está pautada por questões de gênero. O enfoque na figura feminina se justifica em um dos objetivos proposto no estudo, que visa explorar a performance da liderança carismática e do protagonismo social exercidos por essas mulheres de origem simples e humildes no contexto em que atuam.

Essas experiências contribuíram para a problematização explorada nesse estudo: Como se (re)configura o sistema de crenças das benzedeiras em Borba-Am, tendo em vista os processos de recorrência às suas práticas de benzeção e as formas estratégicas de resistência sociocultural em tempos de modernidade contemporânea?

Desenvolver uma pesquisa científica dessa natureza no município de Borba-Am, interior do estado do Amazonas é um desafio que demanda esforço, comprometimento e dedicação. A precariedade dos provedores de internet, o acesso às comunidades distantes e isoladas, acessíveis apenas por rios, lagos e pequenos igarapés, a disponibilidade dos meios de transportes, custos elevados de combustíveis, o estabelecimento dos laços de confiança e a colaboração das comunidades locais, o que pode exigir um conhecimento profundo das suas culturas, línguas e tradições. Essas dificuldades ainda são agravadas pelas condições climáticas da região com altas temperaturas e chuvas intensas.

Apesar de todas as adversidades, a esperança nas contribuições positivas que poderão surgir dessa investigação, é maior, visto que poderá contribuir como fonte de dados para novos pesquisadores, ajudando a preencher a lacuna da carência de pesquisas sobre essa temática, evidenciada em revisão de literatura realizada no repositório da Universidade Federal do

Amazonas – UFAM, em dissertações e teses produzidas no período de 2013 a 2022, parte integrante do primeiro capítulo desta dissertação.

Este trabalho está fundamentado em quatro relevâncias que consideramos essenciais para a consolidação dos objetivos propostos: social, acadêmica, profissional e pessoal.

Do ponto de vista social, esta pesquisa proporcionou aos comunitários, na condição de atores envolvidos, encontrarem uma oportunidade valiosa de se reconectar com suas raízes e valorizar seus costumes, crenças e tradições. As benzedeiras, ao verem suas práticas culturais sendo estudadas e reconhecidas pela comunidade acadêmica se sentiram valorizadas e respeitadas como líderes e agentes de mudanças sociais. Isso contribuiu para fortalecer sua autoestima e senso de autovalorização, promovendo um sentimento de orgulho de suas tradições e incentivando a continuidade de suas práticas culturais.

Academicamente, o estudo da benzeção poderá fornecer informações significativas no campo da etnografia, da antropologia, da história e até mesmo da medicina moderna sobre crenças religiosas, terapias naturais de cura, uso de plantas medicinais, contribuindo para uma compreensão mais ampla e inclusiva das peculiaridades da região e de suas comunidades.

No campo profissional os resultados da pesquisa podem contribuir para formalização de políticas públicas de saúde que reconheçam e integrem práticas de cura tradicionais com métodos modernos de cuidados e terapias de saúde. Essa integração pode fomentar pesquisas adicionais e o intercâmbio de saberes entre profissionais de saúde e curandeiros tradicionais promovendo o respeito, valorização cultural e novas redes de conhecimento e práticas compartilhadas no campo da saúde pública.

Pessoalmente, esta pesquisa possui importância fundamental para o meu futuro acadêmico. Ao explorar um tema específico e culturalmente rico como a benzeção no município de Borba-Am tive oportunidade de aprofundar meus conhecimentos sobre os aspectos culturais, sociais e antropológicos da região. Além disso, essa pesquisa me proporcionou novas perspectivas epistemológicas, ampliando o foco para outros aspectos da cultura amazônica. Acredito que, doravante, estarei mais preparado para continuar minha jornada acadêmica e avançar para o doutorado que constitui meu grande objetivo.

Quanto a sua estrutura, esta dissertação se desenvolve em três capítulos: 1º. Benzedeiras de Borba-Am: sistema de crenças, liderança carismática e a constituição como agentes populares de cura; 2º. Práticas de benzeção no município de Borba-Am; 3º. Estratégias de resistência sociocultural das benzedeiras na modernidade contemporânea.

Para melhor organizar o arcabouço teórico e metodológico necessários à análise dos dados coletados nessa pesquisa, utilizamos as seguintes categorias de análises: 1. Sistema de

crenças das benzedeiras na modernidade contemporânea; 2. Saberes populares e práticas de benzeção: as benzedeiras como agentes populares de cura; 3. Práticas de benzeção, entre tradição e modernidade: as benzedeiras e estratégias de resistência sociocultural.

## **CAPÍTULO I**

### **BENZEDEIRAS DE BORBA/AM:**

#### **sistema de crenças, liderança carismática e agentes populares de cura**

Este capítulo intitulado "Benzedeiras de Borba-Am: sistema de crenças, liderança carismática e agentes populares de cura" começa com uma análise das crenças religiosas presentes em antigas civilizações buscando compreender como as sociedades primitivas percebiam o sagrado, a necessidade de dar sentido à sua existência e a esperança de vida após a morte em um plano de salvação e conforto espiritual.

Ao longo do texto, são explorados os caminhos das crenças religiosas no tempo e no espaço. Esse estudo evidencia como essas crenças foram moldadas e adaptadas de acordo com os contextos históricos, sociais e culturais das sociedades antigas.

Em seguida descreve em aspectos gerais quem são as benzedeadas de Borba-Am. Aborda ainda, o sistema de crenças das benzedeadas, destacando como essas mulheres descobriram seus dons e as bases tradicionais de sua fé e espiritualidade. Por fim, ressalta o papel social de líderes carismáticas que elas exercem em suas comunidades.

#### **1.1 Crenças religiosas: da tradição à modernidade contemporânea**

Desde os primórdios da humanidade os seres humanos buscaram meios de compreender e interagir com forças invisíveis que permeiam o universo. Na idade antiga, povos ancestrais de distintas sociedades desenvolveram sistemas de crenças complexos, buscando dar sentido ao mundo ao seu redor. Havia necessidade de uma compreensão religiosa para dar sentido à vida e, ao mesmo tempo, proporcionar conforto espiritual diante das mazelas e sofrimentos inerentes à natureza humana.

As práticas religiosas eram intrínsecas à vida cotidiana, desde rituais simples até cerimônias elaboradas que buscavam explicar os mistérios da existência e oferecer ao homem primitivo orientação moral, espiritual e esperança de um plano divino que lhe assegurasse paz e plenitude após a morte.

Para Weber (2015, p. 15), “desde bem cedo, foi o conjunto dos necessitados de salvação o destinatário da pregação e da promessa da religião”. Assim, as crenças religiosas passaram a desempenhar um papel central na vida das civilizações, moldando suas culturas, leis e processos de formação.

Na Mesopotâmia, uma das primeiras civilizações conhecidas, os sumérios, acádios, babilônios e assírios adoravam uma variedade de deuses. Suas religiões frequentemente envolviam a construção de templos imponentes onde os deuses eram venerados e rituais eram realizados com frequência pelos sacerdotes.

No Egito, a religião desempenhou um papel vital na organização da sociedade e na legitimação do poder dos faraós. A crença na vida após a morte era central, e os rituais de mumificação e sepultamento eram conduzidos sistematicamente para assegurar uma transição segura para o além.

Na Grécia, a religião era uma parte fundamental e indissociável da vida e da cultura do povo. Os gregos adoravam uma variedade de deuses olímpicos, como Zeus, Atena, Apolo e Afrodite. Essas divindades representavam aspectos da natureza, emoções humanas e forças universais.

Os romanos adotaram e adaptaram muitas das crenças religiosas gregas, incorporando-as ao seu panteão de deuses. Os romanos acreditavam que o equilíbrio entre os homens e os deuses era essencial para a paz e a prosperidade do império. A religião envolvia rituais públicos, sacrifícios, festivais e orações para agradar as divindades e assegurar sua proteção.

Na Índia, surgiu o hinduísmo como caminhos para reencarnação e o budismo com as quatro verdades básicas para cessação do sofrimento. Na China, o confucionismo, o taoísmo e outras tradições religiosas se desenvolveram influenciando profundamente a cultura, as relações pessoais e a sabedoria chinesa.

A partir da idade média a visão do homem sobre religião passou a ser profundamente influenciada pela fé cristã, visto que nesse período o cristianismo foi a religião predominante em toda a Europa Ocidental. A igreja católica, como instituição poderosa e influente, exercia controle rigoroso sobre muitos aspectos da vida das pessoas, incluindo questões políticas, sociais e culturais. Havia uma alienação ideológica de que ela era a única intermediária entre Deus e os fiéis. Seus ensinamentos eram considerados indiscutíveis e imprescindíveis para a salvação da alma.

A vida era vista como uma espécie de jornada espiritual na qual o objetivo final era alcançar a salvação e desfrutar de um paraíso eterno no céu. Portanto, a reverência aos ensinamentos da igreja, a participação nos sacramentos, a prática da virtude e a submissão aos dogmas católicos eram fundamentais para alcançar esse objetivo.

Para Weber (2015, p. 21), “no começo, os valores sagrados das religiões primitivas, assim como das religiões civilizadas, proféticas ou não, foram bens desse mundo bastantes positivos”, visto que forneceram estruturas básicas para a compreensão do mundo e do divino,

orientando a conduta moral e unindo as comunidades em torno de rituais religiosos que serviam de eixo para uma existência mais plena e harmônica.

No Brasil, a partir da invasão colonial europeia, o catolicismo se tornou a religião dominante. Missionários católicos desempenharam um papel metódico na conversão das populações indígenas ao cristianismo. Os colonizadores desembarcaram em terras brasileiras trazendo muito mais do que o interesse dissimulado na exploração econômica das terras recém “descobertas”, mas também impondo rigorosamente sua fé e convicções religiosas.

Silva (1996), ao abordar as relações assimétricas entre a igreja, os colonos e os indígenas durante o período colonial, destaca que a igreja foi constantemente vista como o principal instrumento cultural no processo de colonização. A ela coube a missão de difundir o pensamento eurocêntrico na Amazônia e o papel pedagógico de transmitir a fé, os dogmas e a liturgia católica para conversão dos povos originários.

Na tentativa de converter os nativos, utilizaram métodos coercitivos e de desconfiguração cultural. Influência que ecoaria profundamente na formação da identidade nacional brasileira. Contudo, suas práticas e dogmas religiosos foram entrelaçados com as crenças e rituais dos povos nativos. Isso resultou na formação de um conjunto de crenças populares que mesclou elementos do catolicismo com as tradições dos povos originários.

A gramática religiosa da época refletia a dinâmica de dominação vigente, manifestando-se por meio de textos e documentos oficiais que propagavam a supremacia da fé católica, enquanto negligenciavam as tradições religiosas em um sistemático processo de dominação epistêmica e eliminação de práticas, costumes e saberes tradicionais. (Santos, 2009).

As crenças religiosas no Brasil colonial surgiram e evoluíram como resultado do sincretismo das tradições indígenas, africanas e europeias, criando um vasto tecido de liturgias espirituais e religiosas que continuam a influenciar a cultura brasileira até os dias atuais. Além do catolicismo, outras ramificações de caráter religioso deixaram reflexos na formação do povo brasileiro.

Durante a escravidão negra, os africanos trazidos à força como mão de obra trouxeram suas tradições religiosas, entre elas o candomblé, que tempos depois contribuiria para o surgimento da umbanda no sudeste brasileiro. Ao longo desse período essas tradições se fundiram com as crenças indígenas e católicas criando novas formas de religiosidades.

No estado do Amazonas, as crenças religiosas estão intrinsecamente ligadas à diversidade cultural e histórica da região. Antes da chegada dos colonizadores, os povos originários já praticavam suas crenças espirituais e sistemas de cosmovisão que refletiam sua íntima conexão com a natureza e os ciclos da vida natural na floresta.

A partir da invasão europeia o cristianismo foi introduzido na região, principalmente na forma do catolicismo ortodoxo. Missões religiosas foram estabelecidas ao longo dos rios amazônicos, buscando converter os povos indígenas à fé católica. Assim, a igreja desempenhou um papel não apenas religioso, mas também político e social, ajudando a consolidar o controle português sobre o vasto território amazônico (Silva, 1996).

Como fragmento dessa (des)conexão é que surgiu em solo brasileiro esse manancial de crenças religiosas, entre elas a benzeção. Um secular ritual de cura e proteção espiritual, mediado pela fé, cujas origens remontam a tempos imemoriais e seus rituais continuam a evoluir e se adaptar às necessidades e contextos contemporâneos.

Por séculos a benzeção tem proporcionado alívio, equilíbrio e harmonia para a vida das pessoas, além de fortalecer íntima conexão com o sagrado e com a natureza. É um aspecto importante da cultura popular em forma de cuidado espiritual e cura, especialmente para as comunidades tradicionais amazônicas onde esses saberes são valorizados e respeitados como expressão de fé e espiritualidade.

Essa tradição ancestral não é apenas um vestígio do passado, é uma força que persiste na contemporaneidade, composta por artifícios e estratégias do saber popular, concebidos e ressignificados ao longo do tempo pela cultura, costumes e padrões de comportamentos (Oliveira, 1985).

A arte de benzer é uma missão sacrossanta realizada por benzedores que atendendo a um chamado espiritual, canalizam energias positivas e se revestem de um poder que transcende a natureza humana. Segundo Gomes e Pereira (2004), é uma expressão de cura enraizada na cultura popular que emprega uma linguagem peculiar, tanto oral quanto gestual com o propósito de restaurar a saúde física e libertar o paciente das aflições emocionais que o afligem.

Durante esse ritual de cura e libertação a medicina popular desempenha um papel importante, utilizando ramos, óleos e água benta como elementos simbólicos essenciais para a eficácia da benzeção. Os ramos, por exemplo, simbolizam a renovação e o rejuvenescimento, enquanto os óleos podem ser associados à cura e à proteção. A água benta, como um elemento sagrado, representa a purificação.

Por meio dessa união entre medicina popular e tradições espirituais se estabelece uma ligação profunda entre corpo, alma e divindade, resultando em um processo de limpeza e depuração do corpo e da alma do paciente (Nascimento, 2010).

A utilização desses elementos naturais é de suma importância, visto que são considerados fonte de energia positiva. O ritual da benzeção está associado a elementos da natureza em várias tradições culturais e religiosas.

Mesmo com o advento das grandes transformações científicas e tecnológicas que mudaram o mundo em aspectos conceituais e estruturais, essa impressionante arte de cura popular continua em evidência no tempo e no espaço, fortalecendo a fé das pessoas que nela acreditam e despertando noutras, profundo interesse em desvendar sua eficácia, seus mistérios e simbologias.

No entanto, em contexto amazônico ainda se faz necessário envidar esforços para estreitar a relação entre conhecimento científico e conhecimento tradicional, visto que por séculos sob à sombra de um viés eurocêntrico e positivista a ciência moderna construiu-se contra o senso comum, considerando-o superficial, ilusório e falso. (Santos, 2008).

Durkheim (1981), complementa esse entendimento ao deduzir que convicções religiosas são experiências específicas e seu valor, em certo sentido, não é inferior àquele das experiências científicas, embora seja diferente.

Por outro viés, Quintana (1999) destaca que, ao se afastar gradualmente da religião, a medicina científica levou consigo um conjunto de construções simbólicas que, mais tarde, tentou excluir. A partir de sua aliança com o positivismo ela buscou desvencilhar-se de todo aspecto subjetivo.

Enquanto a ciência busca uma compreensão ancorada em evidências e observações positivistas, as crenças religiosas oferecem uma perspectiva mais subjetiva e espiritual da existência. Ambas as formas têm seus próprios méritos e podem coexistir em busca de um entendimento mais completo do mundo.

Apesar do avanço tecnológico e de novas descobertas científicas, percebemos que a benzeção não se confronta com nenhuma prática da medicina convencional, visto que não substitui o tratamento médico especializado, mas é uma forma de cuidado complementar ao qual as pessoas recorrem em busca de alívio e cura para seus males.

Para Santos (2009, p.12) “O reconhecimento da diversidade epistemológica tem hoje lugar, tanto no interior da ciência (a pluralidade interna da ciência), como na relação entre ciência e outros conhecimentos (a pluralidade externa da ciência)”.

As pessoas que recorrem a essa prática, ainda que reconheçam em suas crenças que seus males e doenças possam ser de ordem sobrenatural, não excluem a necessidade de consultar um médico em outras circunstâncias, nem tampouco são induzidos pelas benzedadeiras a fazer o contrário.

É preciso reconhecer e respeitar esses saberes enraizados na sabedoria popular, valorizando e promovendo formas de cooperação que integrem esses conhecimentos à medicina moderna, sempre com espontânea e efetiva participação das comunidades locais.

Segundo Oliveira (1996), é imprescindível ouvir e entender as explicações dos povos nativos como matéria prima para converter os significados verbais em percepções que reflitam as variações e complexidades do fenômeno observado. Isto é essencial para manutenção da diversidade cultural, do meio ambiente, da sustentabilidade e da inclusão social, visto que ao fornecerem informações sobre a eficácia de seus conhecimentos, contribuirão para quebra de estereótipos e preconceitos, reconhecendo a riqueza das culturas tradicionais como parte indispensável para construção de novas sendas epistemológicas.

De acordo com Benedict (2013), nós nos orgulhamos das variedades das nossas experiências mas ainda não fomos capazes de compreender a relatividade dos hábitos culturais cristalizados em nossa história, em razão disso continuamos sem compreender a importância das relações culturais com povos que seguem padrões diferentes dos nossos. Isto evidencia uma manifesta contradição na sociedade.

Se por um lado valorizamos a diversidade presente em nossa sociedade, reconhecendo as diferentes manifestações artísticas, religiosas, folclóricas e tradicionais, por outro, falhamos em não reconhecer a importância de estreitar relações significativas com grupos que possuem formas de vida distintas. Se a benção continua resistindo diante de todas as mudanças e transformações sociais do mundo moderno é porque exerce representatividade e reflexos positivos na vida das pessoas.

É oportuno ressaltar que estamos imersos em uma era de crescente secularização religiosa onde as pessoas estão gradativamente se desvencilhando dos dogmas e das instituições religiosas tradicionais. Na definição de Berger (2004, p. 146),

essa situação representa uma severa ruptura com a função tradicional da religião, que era precisamente estabelecer um conjunto integrado de definições de realidades que pudesse servir como um universo de significado comum aos membros de uma sociedade. Restringe-se assim o poder que a religião tinha de construir o mundo, ao da construção de mundos parciais, universos fragmentários, cuja estrutura de plausibilidade, em alguns casos, pode não ir além do núcleo familiar.

A influência das instituições religiosas na vida social está gradativamente cedendo espaço para crenças pessoais, alterando gradualmente a forma como as pessoas compreendem e experimentam sua espiritualidade.

Fernando (2018, p. 38), em sua tese intitulada “Nas teias do Comunitarismo Carismático Católico: uma análise sociológica da comunidade Vida Nova em Parintins/Am considera que

o fenômeno religioso na pós-modernidade pode ser visto como uma explosão de religiosidades e espiritualidades. Este é um fenômeno que pode ser caracterizado pela procura por modelos religiosos que deem respostas rápidas às questões mais

complexas da vivência do ser humano, e pela disputa por fiéis entre as igrejas, gerando conflitos.

À medida que a sociedade evolui e se torna mais pluralista e secular a necessidade humana de congregar e pertencer a uma identidade coletiva vai enfraquecendo. É evidente que essa desinstitucionalização religiosa não significa o fim da religiosidade, mas uma nova fase na evolução da experiência humana, caracterizada pela individualidade, diversidade e busca incessante por significados.

Hervieu-Léger (2015) argumenta que a emergência desse novo cenário religioso reflete a falta de regulamentação institucional e traduz um dos princípios fundamentais da religiosidade moderna, onde a identidade religiosa firma-se como resultado de uma decisão consciente, espontânea e pessoal.

A modernidade trouxe consigo um declínio do poder dominial das instituições religiosas tradicionais, abrindo portas para uma espiritualidade mais individualizada onde as pessoas buscam ressignificações através de diferentes formas de religiosidade. As crenças e os costumes que se cristalizaram na vida das pessoas e moldavam sua fé, ensejaram o estabelecimento de uma nova forma de crer.

Conforme ilustra Hervieu-Léger (2015, p. 26), “qualquer que seja a crença, ela pode ser objeto de uma formulação religiosa, desde que encontre sua legitimidade na invocação à autoridade de uma tradição”. A religião, antes detentora de forte domínio no estilo de vida das massas, hoje se encontra dividida entre os implacáveis dogmas do passado e as novas percepções de fé, crenças e espiritualidade que vão gradativamente conduzindo essa gama emergente de novos fiéis.

Para Fernando (2018, p.27), “na fé privatizada, cada pessoa escolhe o que deseja crer, onde e como exercer a experiência religiosa, não obstante os instrumentos e mecanismos ideológicos e massificantes”. Isto acende a necessidade de um novo processo de reestruturação e readaptação a essas novas formas de comportamento, com a instituição de uma igreja mais ecumênica e inclusiva. Um fato desafiador, visto que no decorrer da história a igreja se afirmou como instituição administradora dos dons e da graça divina e não hesitou em lutar contra qualquer tipo de expressão religiosa que afrontasse seus intocáveis preceitos.

Como já assinalava Weber (2015), a igreja, como fiel depositária da graça institucionalizada, busca organizar a fé das pessoas e substituir as qualificações de status independentes, típicas dos fiéis virtuosos, por seus próprios princípios sagrados, oficialmente monopolizados e mediados de acordo com interesses sistematicamente estabelecidos.

## 1.2 Benzedeadas, quem são elas?

As benzedeadas desempenham uma atividade que, apesar do avanço da modernidade, ainda permanece muito comum, especialmente na zona rural do município de Borba-Am. Para os indivíduos/comunidades que recorrem aos seus serviços, a figura das benzedeadas sempre foi considerada uma solução necessária para os problemas que afetam os seguimentos populares, independentemente se física, emocional ou mental.

Por meio da escuta atenta, da empatia e da solidariedade que estabelecem, elas auxiliam no tratamento de traumas, aliviando angústias e trazendo paz de espírito. A sua atuação simboliza um resgate das tradições e sabedorias populares, que muitas vezes são marginalizadas e desqualificadas pelos saberes científicos institucionalizados.

Na definição de Loyola (1983, p. 24) são

profissionais de cura cuja técnica essencial de trabalho é a benção, a benzeção, o benzimento, seja através da possessão, seja através de invocação de entidades associadas ao domínio do sagrado e reconhecidas como adequadas a esse fim. Mesmo que operem outros recursos de cura da natureza (receitas, banhos, massagens), o que as caracterizam é que elas se reconhecem enquanto agentes situadas entre a religião e a medicina popular (ou só de religião), cujo ato básico de cura provém do exercício da benção: benzeção, imposição de mãos, benzimento, passes.

É importante reiterar que em Borba-Am, apesar de sua ampla popularidade e aceitação nas comunidades rurais onde atuam, as benzedeadas não substituem os profissionais da saúde. Suas práticas são um complemento, uma forma de buscar auxílio sobrenatural para males que a medicina tradicional muitas vezes não consegue explicar.

Durkheim (2022) considera que uma ideia tida como característica singular de tudo que é religioso é a de sobrenatural. Ou seja, toda ordem de coisas que perpassam o alcance do nosso entendimento. É o mundo do mistério, do incognoscível e do indecifrável que envolve o imaginário e insufla a curiosidade das pessoas.

Desta maneira, graças à combinação de diversos fatores, as benzedeadas de Borba-Am se constituem como importantes agentes populares de cura, vencendo barreiras e limitações impostas pela modernidade. Além dos saberes transmitidos oralmente por meio de um processo folkcomunicacional, elas aprimoram suas habilidades e conhecimentos através de experiências pessoais e de estreitas relações sociais com as comunidades em que vivem. Ao longo dos anos, ao exercerem sua missão, estabelecem laços sólidos de respeito, afeto e confiança com aqueles que as cercam.

A folkcomunicação, teoria criada por Luiz Beltrão (1918-1986), é um campo de estudo brasileiro que investiga os meios e agentes populares de comunicação, buscando compreender como essas formas de comunicação influenciam no cotidiano das comunidades, impactando na formação de identidades culturais, no fortalecimento de laços sociais, na transmissão de conhecimento e na expressão de sentimentos e valores coletivos.

Beltrão (1980) identificou que os grupos marginalizados do sistema de comunicação oficial, a exemplo das benzedeiras, desenvolvem seus próprios métodos e meios para criar e transmitir mensagens, baseados em suas experiências e necessidades diárias. Esses processos formam um sistema complexo de comunicação alternativa que reflete a realidade vivida, principalmente em comunidades tradicionais.

A transmissão de mensagens populares, conforme observou Beltrão (1980), é predominantemente folclórica. O folclore, neste contexto, é visto como um vasto depósito de conhecimento popular, que é continuamente renovado e adaptado dentro do panorama social.

Schmidt (2008), afirma que essa produção de conhecimento está intimamente ligada ao cotidiano, abrangendo diversos aspectos da vida diária, como espaços físicos, simbólicos e imaginários, especialmente no âmbito da cultura popular.

Assim, enfatizamos a influência extraordinária das palavras transmitidas de forma oral no universo da benzeção. São essas palavras que, criadas no universo do imaginário popular, estabelecem e distinguem a complexa rede de conhecimentos que permeia essa prática, proporcionando às benzedeiras um papel único como conselheiras, mediadoras de conflitos, agentes populares de cura, de harmonia e equilíbrio em suas comunidades.

**QUADRO 1 – PALAVRAS POPULARES USADAS NO CONTEXTO DA BENZEÇÃO EM BORBA/AM**

| <b>PALAVRAS</b>     | <b>SIGNIFICADOS</b>                                                                              |
|---------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Cuíra</b>        | Pessoa inquieta e impaciente, geralmente usada para crianças.                                    |
| <b>Cubrelo</b>      | Um tipo de micose /coceira na região das axilas.                                                 |
| <b>Choco</b>        | Uma espécie de estado depressivo.                                                                |
| <b>Curso</b>        | Diarreia.                                                                                        |
| <b>Desmentidura</b> | Luxação ou deslocamento de um osso.                                                              |
| <b>Mofino</b>       | Um mal-estar que causa esgotamento físico e cansaço.                                             |
| <b>Mau-olhado</b>   | Mal causado pela inveja, transmitido pelo olhar.                                                 |
| <b>Quebranto</b>    | Mal-estar atribuído a fatores não naturais, como uma energia negativa transmitida a uma criança. |
| <b>Secuiara</b>     | Abatimento físico do homem nos primeiros meses de gravidez da mulher.                            |
| <b>Pira</b>         | Micose ou irritação de pele.                                                                     |

|                        |                                                                                |
|------------------------|--------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Mãe do corpo</b>    | Uma espécie de deslocamento do útero da sua posição normal durante a gravidez. |
| <b>Piririca</b>        | Pele áspera.                                                                   |
| <b>Mijação/frieira</b> | Cocção intensa nos pés, geralmente causado por urina de animais                |
| <b>Puxação</b>         | Massagem                                                                       |

FONTE: Elaborado pelo autor (2024)

A benzeção engloba um conjunto de crenças espirituais, sabedoria popular, entendimento prático das propriedades curativas das plantas e a arte de expressar-se através do corpo. Neste ritual, a oralidade é a pedra angular, a essência que sustenta todo o poder da benção. É através dela que as benzedadeiras canalizam as energias necessárias para sua ritualística.

A referência de Gomes e Pereira (2004) ilumina este conceito, afirmando que o homem compreendeu que, antes de ser realidade palpável, as coisas são realidade linguística sensivelmente manifestada. Esta compreensão é fundamental para a eficácia da benzeção, pois é na linguagem aliada à fé que reside o poder de criar, curar e transformar.

Através dos séculos, a humanidade tem reconhecido o poder inerente às palavras. Elas não são meros sons que ecoam no ar, mas carregam consigo a capacidade de influenciar o mundo à nossa volta. Na vida cotidiana, experimentamos diariamente o impacto das palavras. Quando falamos com gentileza e amor, semeamos a semente do contentamento e da harmonia no coração daqueles que nos ouvem. Por outro lado, palavras duras e ásperas podem deixar feridas emocionais profundas e difíceis de cicatrizar.

A benzeção, portanto, é uma celebração da palavra como um instrumento de cura e transformação. É um ritual que une a comunidade, fortalecendo os laços sociais através da partilha de esperanças, fé e orações. A oralidade não é apenas uma forma de comunicação, mas um ato de criação, onde a benzedeira, através de sua habilidade e intuição, invoca forças invisíveis para o bem-estar e a prosperidade de todos, atuando de fato como agente popular de cura.

No universo das práticas espirituais, a tradição das rezas de cura ocupa um lugar único, onde a palavra, seja ela proferida em voz alta ou silenciosamente, desempenha um papel central. Essa palavra, impregnada de pensamento positivo, carrega consigo as memórias e crenças de quem a utiliza, tornando-se um canal de energia curativa para aqueles que, mesmo em sua fragilidade, depositam nela sua confiança.

Lévi-Strauss (1975) destaca a essência mágico-religiosa dessas práticas, alertando para a íntima conexão entre o poder curativo e a crença tanto daquele que as realiza quanto da pessoa que busca se beneficiar delas. É como se a fé em si mesma fosse um catalisador, transformando

a simples palavra em um bálsamo para a alma e para o corpo.

Neste contexto, a reza de cura é mais que uma sequência de palavras ou uma fórmula recitada mecanicamente. É um ritual que une o visível e o invisível, o material e o espiritual, criando um espaço onde a esperança e a cura podem florescer. Aqui, a palavra é mais do que som; é intenção, é desejo, fé. É a manifestação da caridade em sua absoluta singularidade.

A crença no poder dessas orações atravessa culturas e épocas, encontrando raízes em diversas tradições espirituais. Para muitos, é uma fonte de conforto e força em momentos de adversidade e fragilidade, uma ponte entre a angústia da doença e a esperança da recuperação. A palavra, nesse contexto, é vista como um dom, um presente divino que, quando oferecido com sinceridade e fé, pode tocar o coração daqueles que sofrem, trazendo alívio e cura.

Não há, pois, razão de duvidar da eficácia de certas práticas mágicas. Mas, vê-se, ao mesmo tempo, que a eficácia da magia implica na crença da magia, e que esta se apresenta sob três aspectos complementares: existe, inicialmente, a crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas; em seguida, a crença do doente que ele cura, ou da vítima que ele persegue, no poder do próprio feiticeiro; finalmente, a confiança e as exigências da opinião coletiva, que formam a cada instante uma espécie de campo de gravitação no seio do qual se definem e se situam as relações entre o feiticeiro e aqueles que ele enfeitiçou (Lévi-Strauss, 1975, p. 194).

A eficácia da fé, segundo essa perspectiva, não reside somente em seus métodos ou rituais, mas também na interação entre a crença do praticante, a crença dos indivíduos afetados e as crenças coletivas da comunidade. Essa interação cria um contexto onde a magia pode ter um efeito psicológico e social real, mesmo que seus mecanismos não sejam explicáveis pela ciência convencional.

Na benzeção, onde o conhecimento é transmitido oralmente, a palavra é carregada de poder, porém muitos desses ensinamentos são mantidos em segredo. Verger (2004) oferece fundamentos sobre o mistério que envolve a enunciação em contextos religiosos, revelando a importância do sigilo e da tradição oral na manutenção do poder das palavras sagradas.

Através da oralidade, as palavras proferidas pelas benzedadeiras durante as benzeções adquirem um valor ilocucionário, carregado de sentidos sagrados que as tornam capazes de curar, restabelecer o equilíbrio e estabelecer a ordem. Essa palavra proferida por elas indica, sobretudo, uma ação poderosa de cura e mudança de ordem, capaz de restabelecer o equilíbrio.

Segundo Gomes e Pereira (2004), o homem aprendeu a dialogar com os entes sobrenaturais usando a palavra, o rito e a oferenda como uma tentativa de controlar a natureza e eliminar o mal. Portanto, a comunicação com o transcendente ocorre por meio das palavras das benzedadeiras, e essa relação entre locutor e ouvinte é fundamental para a eficácia das

benzeções. “Na maioria das vezes, o discurso das benzedeiras é silenciado por fatores intrínsecos à tradição. Os fatores intrínsecos do silenciamento do discurso dizem respeito à força das rezas e a forma singular de estar em contato com Deus” (Nascimento, 2010, p. 24).

O silêncio adotado pelas benzedeiras durante as rezas é fundamental para a manutenção do caráter sigiloso dessas práticas. Esse silêncio não apenas preserva a força das orações, mas também funciona como um recurso para fortalecer o poder das palavras proferidas. Como essas palavras são dirigidas a Deus, elas podem ser apenas mentalizadas ou sussurradas e, ainda assim, alcançarão seus propósitos de cura.

Ao benzer, as benzedeiras entram em contato íntimo com o indivíduo, avaliando suas dores e necessidades. Elas utilizam o domínio de técnicas específicas para reconhecer e canalizar as energias, a fim de promover a cura e o equilíbrio. Suas práticas possuem embasamento cultural e ancestral, trazendo consigo a bagagem de saberes acumulados ao longo de séculos.

Com o desenvolvimento e evolução do sistema médico oficial, a benzeção, que antes era uma das poucas opções de tratamento para a população, passou a ser considerada pelo sistema oficial como “ponto de resistência” ao acesso de serviços médicos nas comunidades (Facchinetti, 2010).

As benzedeiras de Borba-Am, embora acusadas de exercício ilegal da medicina, continuaram suas atividades com o apoio das comunidades, mesmo diante de inúmeras adversidades. No contexto desses conflitos elas passaram a ocupar um espaço social periférico, enquanto a posição central ficou sob o controle das práticas médicas oficiais e institucionalizadas (Santos, 1995).

Segundo dados históricos, a benzeção surgiu no Brasil nos séculos XVI e XVII. Faz aparte de práticas populares de cura praticadas por jesuítas, benzedeiros, curandeiros religiosos, entre outros. Nesse período, era uma das poucas opções de tratamento disponíveis nas comunidades tradicionais e originárias, pois a medicina oficial era quase inexistente no Brasil colonial. Os médicos instruídos eram um grupo insignificante se comparados às enormes necessidades de saúde da população (Gurgel, 2009).

De acordo com Calheiros (2017), geralmente, as benzedeiras são mulheres idosas com poderes de cura através do benzimento. Estas, são consideradas cientistas populares que possuem características próprias de curas de doenças físicas, emocionais e mentais, unindo conhecimentos da medicina popular e da fé cristã.

O processo de cura parte de um conjunto de movimentos que objetivam reestabelecer o ser com o meio, com o universo. O homem é composto por uma tríade, sendo corpo, mente e

espírito. Assim, a soma destas energias interagem entre si (Calheiros, 2017).

As enfermidades curadas são perturbações que afligem as questões sociais, psicológicas e espirituais e refletem no corpo físico. A reza é o principal elemento da cura das benzedeiras, onde a força das palavras, juntamente à fé, livram os indivíduos enfermos do mal, distanciando-os naturalmente e equilibrando o corpo e a alma (Quintana, 1999).

Em Borba-Am, as benzedeiras têm resistido ao passar do tempo, permanecendo como uma expressão marcante de liderança popular, carisma e, sobretudo, como uma alternativa de cura. Esse papel se mantém graças à força da crença e da fé que carregam ao longo de suas vidas. Essas mulheres atuam como instrumentos de conforto e renovação, tanto física quanto espiritual, especialmente para aqueles que se encontram às margens das mudanças sociais e econômicas da modernidade. Elas renunciaram às superficialidades impostas pela vida contemporânea, mantendo-se firmes em suas convicções e na crença de que, por meio de seus dons, é possível realizar atos genuínos de amor e caridade ao próximo.

De acordo com a definição de Oliveira (1983, p. 138) são

mulheres, mães, domésticas, pobres, idosas, sem estudo, reunindo qualidades inferiores para o contexto de produção capitalista, mas portadora de um ofício que lhes exige a posse de um poder peculiar. Por que isso? Por se tratar de uma profissional doméstica, suspeito que haja diferenças no tocante ao desempenho de seu ofício. Enquanto sujeitos populares, as benzedeiras parecem acreditar que reúnem em sua pessoa todos os elementos que a livrem da dependência dos outros. Há ainda outro aspecto da questão: quanto mais avançada for sua idade, tanto mais experiente da vida se torna a benzeadeira, sendo mais procurada.

Até meados da década de 1980, nas comunidades rurais de Borba-Am, era comum que os pais ensinassem seus filhos a pedir bênçãos às benzedeiras, um gesto carregado de respeito e admiração. Mesmo na vida adulta, muitos mantinham essa prática, transmitindo-a às gerações seguintes. Esse comportamento não se limitava a uma expressão de reverência espiritual; ele simbolizava também a liderança e o carisma dessas mulheres, além de estreitar os laços comunitários.

Algumas benzedeiras que tinham pouca habilidade de leitura e escrita eram nomeadas pelo poder público como professoras leigas. Mesmo não possuindo formação necessária para o exercício da docência elas assumiam a responsabilidade de transmitir os primeiros fundamentos do processo de alfabetização e as noções de regras básicas de condutas e comportamentos sociais.

Ao longo do tempo foram se constituindo como “pontos de referência”, dotadas de qualidades especiais que se destacam pelo carinho, fraternidade, respeito e amor ao próximo.

Esses atributos únicos elevam essas mulheres a uma posição importante para aqueles ao seu redor. Sua autoridade popular ultrapassa status sociais e econômicos, e elas seguem como agentes populares de cura, fazendo o bem, indiscriminadamente, sem olhar a quem.

### 1.3 Sistema de crenças das benzedeiras de Borba-Am

As benzedeiras acreditam que para praticar a benzeção não basta conhecer as orações e os rituais do curandeirismo, é necessário ser abençoada com este dom e crer no poder dessa manifestação. É preciso ser uma escolhida, que atendendo a um chamado divino ou ancestral, possa se dedicar com afinco nesse ministério.

Em determinadas ocasiões as benzedeiras se recusam a fornecer informações quanto aos seus conhecimentos, acreditando que ao passá-las a um leigo sem os atributos divinos perderiam a força e comprometeriam sua eficácia, fato entendível se analisarmos essa condição do ponto de vista místico e espiritual.

De acordo com Gomes e Pereira (2004), é importante destacar o segredo por trás da benzeção, visto que sua eficácia se fundamenta na magia das palavras desconhecidas e frequentemente o benzedor opta por não compartilhar já que lhes foram transmitidas sob essa condição.

No ato da benzeção a esperança de cura reside na crença da benzedeira e na fé de quem é benzido. Embora as palavras específicas variem conforme a tradição cultural e religiosa, a chave está na crença profunda no poder curativo e protetor desse ritual.

Quintana (1999, p. 121) faz referência a esse entendimento ao afirmar que, “o cliente, desde o momento em que procura a benzedeira já a coloca nesse lugar de sujeito do suposto poder, pois sempre, em alguma instância, acredita que ela possui a força com a qual possa solucionar seus problemas”.

No decorrer dessa análise sobre o sistema de crenças das benzedeiras em Borba-Am, torna-se evidente a profunda conexão entre essas crenças e a descoberta do dom para o ofício de benzeção. Para Oliveira (1985), a descoberta do dom de benzer pela benzedeira geralmente surge de algum acontecimento inesperado em sua vida. Por exemplo, em uma situação desesperadora, na qual ela consegue manter o controle. Em outros momentos, pode ter a visão de um santo, de um anjo que lhe faz uma revelação ou ouvir uma voz que a orienta a seguir com sua missão.

Na década de 80, havia na zona rural de Borba-Am uma benzedeira conhecida como dona Nila, moradora da vila do Caiçara, margem direita do rio Madeira. Longe de ser uma

figura carismática, apesar de um coração tipicamente fraterno, Nila era uma mulher que pouco interagia e dificilmente se fazia presente em festas ou eventos da época que reunissem multidões e “alaridos” (expressão com a qual ela se referia a sons altos de qualquer natureza).

Além dos atributos da benzeção, era também conhecida e respeitada parteira em todas as comunidades adjacentes. Inclusive, segundo minha mãe, eu e alguns de meus irmãos fomos partejados por ela. Em uma época na qual não havia nenhum serviço de atenção básica de saúde estendido à zona rural, aquela enigmática senhora era um fio de esperança para aqueles acometidos de doenças, acidentes e moléstias físicas e espirituais.

Quando iam buscá-la em sua casa para outras comunidades, ia sempre em canoas, com dois homens remando, um na proa e outro na popa e ela sentada ao meio em um banco coberto por uma toalha branca. Costumava repreender aqueles que, após serem curados de suas enfermidades, retornavam para expressar gratidão a ela pela graça alcançada. Afirmava que era apenas um instrumento utilizado pelo Espírito Santo para realizar ações benéficas, e que, portanto, era Ele quem merecia os agradecimentos.

Certo dia, tive a oportunidade de trocar algumas poucas palavras com ela e perguntei quem tinha lhe ensinado a benzer. De início Nila fez uma expressão de descontentamento com minha, digamos, audácia, mas me respondeu que aos doze anos seu pai a mandou buscar alguns pedaços de lenha distante da casa, a fim de produzir fumaça e dessa forma afugentar os carapanãs, nessa ocasião ela pressentiu um vulto no meio do mato e então uma voz lhe disse que dali em diante ela deveria ter sempre em mãos um ramo de planta para aliviar a dor do próximo e ajudar as crianças a verem a luz do mundo o que ela interpretou como sendo o dom de partejar. Finalizando a conversa, Nila olhou involuntariamente para o horizonte e com voz serena disse “dali em diante meu filho eu não era mais a Nilinha como me chamavam, virei dona Nila”.

Esta narrativa reflete o quão complexo é o campo no qual as benzedadeiras edificam seu próprio sistema de fé, alheio a qualquer referência a um corpo de crenças institucionalmente aprovado ou validado. Nila era uma mulher simples, desprovida de vaidades, que nunca frequentou escolas ou templos religiosos. No entanto, por acreditar ser uma escolhida, um instrumento de Deus, como ela mesma afirmava, tornou-se uma figura de grande importância para seu povo. Sua presença simbolizava fé, alívio e poder de cura, marcando profundamente a vida da comunidade.

Conforme enfatiza Hervieu-Léger (2015), em períodos conturbados, os sistemas de crenças tradicionais readquirem, em formas inovadoras, um enorme poder de atração sobre os indivíduos e sobre a sociedade. Portanto, não cabe sobre qualquer argumentação desqualificar

os saberes, costumes e crenças religiosas pelas quais no passado as pessoas encontravam um sentido espiritual amplo e dinâmico.

A benzeção é uma prática cuja base existencial se assenta em um fascinante universo místico que a envolve, onde a benzedeira possui sua própria liturgia. Uma forma genuína de benzer, crer e proclamar a cura. Essa singularidade se torna ainda mais envolvente ao compreendermos que existem diversas práticas ritualísticas para alcançar o mesmo fim, ou seja, a cura alcançada pelo poder da fé.

Na obra “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, Weber (2004, p.103) considera que

a comunhão entre Deus e seus escolhidos e a tomada de consciência dessa comunhão só podem se dar pelo fato de Deus neles agir (operatur) e eles tomarem consciência disso — pelo fato, portanto, de a ação nascer da fé operada pela graça de Deus e essa fé, por sua vez, ser legitimada pela qualidade dessa ação.

A partir dessa conexão as benzedeiras passam a ter uma ligação mais íntima com o sagrado, estreitando a relação entre o homem e sua espiritualidade através de orações, uso de objetos, artefatos e o poder natural das plantas medicinais. Tanto o dom como a crença das benzedeiras não aparecem repentinamente. São forças sensitivas que nascem e permanecem no íntimo da pessoa até serem revelados. A descoberta é entendida como uma missão que precisa ser colocada em prática, visto que, detentora dessa capacidade, a benzedeira não pode ignorá-la.

A revelação desse atributo confere à benzedeira uma nova perspectiva no seu papel social, distinguindo-a das outras pessoas. Isso não a torna superior ou digna de privilégios, mas sim uma pessoa dotada de características únicas, inerente ao seu templo interior que fortalece seu desejo de ajudar o próximo e dá um sentido especial à sua existência.

No entender de Oliveira (1985, p. 32),

não podemos compreender o trabalho da benzedeira sem que estudemos o que a move para realizá-lo. Em outras palavras não podemos entender todo conhecimento que fundamenta o seu trabalho sem antes localizar na sua vida a percepção que ela tem de um sentimento que marca um momento especial, determinante na escolha de seu ofício. Esse momento é a descoberta do dom da benzeção.

Após descobrir seu dom, a benzedeira encara essa extraordinária habilidade como algo subjetivo e, a partir disso, ela inicia a construção dos fundamentos de suas crenças. Ao perceber que foi agraciada com esse talento único, compreende que sua capacidade vai além do que pode ser explicado cientificamente. Ela sabe que sua habilidade é uma

manifestação do divino que transcende explicações racionais.

A legitimidade desse dom se fortalece quando o ritual de benzeção se torna amplamente conhecido e seus resultados começam a mostrar eficácia na comunidade. Do ponto de vista espiritual, isso evidencia que o ministério dessa missão divina pode ser continuado. Demonstra que a benzedeira é portadora de um saber especial e que fortalecida na fé e na força de suas orações, é capaz de aliviar o sofrimento de quem a procura.

Para Oliveira (1985, p.34),

o reconhecimento de que ela seja portadora de um dom é uma condição necessária, mas ainda não é uma condição suficiente para que ela possua o reconhecimento de seu trabalho. O reconhecimento do dom é o reconhecimento de um marco na sua vida: antes do dom e depois do dom, esse marco a converte numa nova pessoa, num alguém muito especial. Alguém que está construindo um novo projeto de vida.

O ofício das benzedeiras é fundamental para fortalecer os laços comunitários, manter vivas as tradições culturais, promover o bem-estar tanto individual quanto coletivo, e estabelecer um ambiente de respeito e aceitação em relação à diversidade espiritual e religiosa.

A região amazônica abriga uma vasta gama de costumes e crenças espirituais que estão ligados à história das populações tradicionais. No entanto, a escassez de estudos científicos sobre essas temáticas ainda é uma lacuna a ser preenchida. Tal fato limita nossa capacidade de compreender plenamente a cultura amazônica, bem como de reconhecer e valorizar as contribuições das comunidades locais para o patrimônio cultural e científico.

Por meio de revisão de literatura realizada no repositório da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, em dissertações e teses produzidas no período de 2013 a 2022, utilizando como categoria de busca a benzeção, benzimento, xamanismo e benzedeiras, foi possível constatar a carência de abordagens científicas nesses campos de saberes, como evidenciado nas tabelas abaixo:

**TABELA 1 - MAPEAMENTO DE DISSERTAÇÕES**

| <b>TÍTULO</b>                                                                                  | <b>ANO</b> | <b>MÉTODO</b> | <b>TEÓRICOS<br/>DESTAQUES</b>                                         | <b>EM<br/>RESULTADOS</b>                                                                                                                                 |
|------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|---------------|-----------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| O benzimento e os saberes tradicionais em saúde no município de Amaturá -Erick Gonçalves Rubem | 2022       | Etnográfico   | Maués<br>(1994; 1998; 1999; 2010)<br><br>Minayo<br>(1994; 2008; 2010) | Os estudos evidenciam que o benzimento em Amaturá é legitimado pela relação de fé e confiança que interferem no mundo físico e espiritual da comunidade. |

|                                                                                                                            |      |             |                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|-------------|----------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Ofício de fé: rezadeiras no município de São Paulo de Olivença-AM-Gilcirley F.Penaforte                                    | 2021 | -           | Lima (2010; 2002)<br>Maués (1994; 2005)                                    | A pesquisa mostra que a prática das rezas continuará a existir devido a persistência e fé das mulheres que a praticam. Apesar da medicina institucional se fazer presente no município as pessoas ainda procuram as rezadeiras para alívio de suas doenças e enfermidades.                                                                                                                                                                              |
| Mutawarisá: benzimento entre os Baré de São Gabriel da Cachoeira - alto Rio Negro- Liliane S.Salgado                       | 2016 | Etnográfico | Langdon (1988; 1996; 2003; 2010)<br>Lévi Strauss (1972; 1975; 1996; 200)   | A pesquisa conclui que o benzimento está presente em toda vida dos Baré, desde o nascimento até sua morte, pois ele é fonte resistente de prevenção e cura pela fé.                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| A arte de partejar “das parteiras tradicionais a medicalização do parto no Amazonas (1970 – 2000)- Luciana G.Santos        | 2016 | -           | Del Priore (1993; 1995; 1997; 2011)<br>Foucault (1979; 1985; 1988;1998)    | O resultado da pesquisa aponta que no Amazonas a arte de partejar ainda é muito presente e que este conhecimento é uma alternativa de assistência de fácil acesso às comunidades. Conclui também que o ofício do parto está ancorado em um saber o qual, por mais que sofra mudanças devido a fatores externos, vão se recriando com o tempo, mas a essência do saber da parteira no parto tradicional é o mesmo.                                       |
| Comunidade quilombola de Santa Tereza do Matupiri: autoimagem, construção sócio-histórica e territorial- Renan A.Rodrigues | 2017 | Etnográfico | Almeida (1998; 2006; 2008; 2012; 2014)<br>Sampaio (1997; 2007; 2011; 2014) | A pesquisa conclui que a história e a memória das populações quilombolas por séculos foram silenciadas e invisibilizadas, mas que essa construção sócio-histórica não é fruto do acaso, possui uma ancestralidade e uma carga histórica imemorial fruto de um passado em que negros foram coisificados, escravizados e silenciados, mas que no presente buscam reconstituir sua contribuição étnica, cultural e econômica. para o Brasil contemporâneo. |

|                                                                                                                                                                          |      |             |                                                                         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|-------------|-------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Resistência cultural pela fé: uma análise folk comunicacional do “Corpo Santo” - Gleilson M. de Menezes                                                                  | 2019 | -           | Morin<br>(2003; 2006; 2010)<br><br>Bourdieu<br>(2007; 2011)             | O estudo conclui que foi possível desvendar e revelar a uma maioria desatenta de olhares científicos o poder iminente que a expressividade comunicacional exerce sobre a vida dos ribeirinhos da comunidade terra preta, município de Coari-Am e como esse fator contribui para formação identitária desse grupo social, seu comportamento e sua cultura.                                                          |
| O lago encantado e o caminho da chuva: noções de corpo, cura e cosmologia no Médio Solimões: um estudo antropológico em comunidade da RDS Amanã- Luiza Maria. F. Campera | 2017 | Etnográfico | Almeida<br>(2002; 2004; 2006; 2013)<br>Lima<br>(1999; 2006; 2012; 2013) | O estudo revelou a diversidade de técnicas e uso dos recursos naturais (principalmente plantas medicinais) direcionadas para o tratamento de saúde, uma alternativa a ausência de assistência da saúde pública nas comunidades ribeirinhas daquela região e que a centralidade do corpo deve ser considerada ao analisar as práticas de cura e as influências sobrenaturais na saúde e na doença.                  |
| A umbanda no município de Parintins-AM: a influência religiosa da pajelância indígena e do catolicismo- Ana Caroline R.Silva                                             | 2018 | Etnográfico | Sell<br>(2010; 2013)<br>Elias<br>(1994; 2000)                           | Através dessa pesquisa foi possível fazer um resgate histórico do processo de construção da cidade, onde brancos, negros, indígenas e outros grupos étnicos contribuíram para a cultura local. Conclui ainda que os terreiros de umbanda não são apenas espaços para celebrações, mas também lugar de aprendizagem, encontros e desencontros.                                                                      |
| Festa de São Lázaro: uma expressão da religiosidade popular no município de Nhamundá-AM- Alessandra P. de Andrade                                                        | 2021 | Etnográfico | Bourdieu<br>(2004; 2007; 2011; 2012)<br><br>Maués<br>(1995; 1990; 2011) | A pesquisa aponta como resultado que a festa de São Lázaro se constitui como uma expressão da religiosidade popular, pois suas dinâmicas e práticas são resultado do processo de hibridização entre diferentes matrizes étnicas, culturais e religiosas. Isto é, a religiosidade dos moradores da comunidade São Benedito não ocorre só no âmbito da fé cristã, ela é entrelaçada a outros elementos cosmogônicos. |

|                                                                                                                       |      |             |                                                                                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|-------------|--------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Artes, viagens e benzimento: etnografia da formação do artista xamã João Kennedy Lima Barreto- Rosseline da S.Tavares | 2015 | Etnográfico | Lagrou<br>(1992; 2003; 2007; 2008; 2012)<br><br>Bourdieu<br>(1992; 1995; 1996; 2006) | Como resultado a pesquisa mostra que é possível pensar a arte e o xamanismo por meio do diálogo, seja com os seus ancestrais, com pessoas dos mais diferentes lugares, seres de outras esferas e formas. Nesse processo, o ka'api e/ou a ayahuasca, emergem como um catalizador de suas vivências, seja para seus desenhos, seja para seus benzimentos ou ainda a partir de suas buscas cotidianas.                                                                                                                 |
| Xamanismo nos rituais do Santo Daime em Manaus- Henrique B. de Mora Costa                                             | 2015 | Etnográfico | Eliade<br>(1972;1988;1992; 1998)<br><br>Campbell<br>(1991; 2004; 2007)               | A investigação mostra que existe a memória, que revive a ancestralidade, o coletivo, que recria o campo religioso, e as tradições, que ressignificam o misticismo nos rituais. A cosmogonia da floresta, com seus 104 seres e entidades sobrenaturais, presentes na névoa dos estados não ordinários de consciências, ainda são, dentro do espaço urbano em que os núcleos se estabeleceram, o que há de mais mítico no misticismo caboclo, indígena e ribeirinho, socialmente construído no Santo Daime em Manaus. |
| Memória Social do uso de plantas medicinais em uma comunidade ribeirinha no Amazonas-Romel G de Sá                    | 2019 | Etnográfico | Calegare<br>(2014; 2013; 2016; 2017)<br><br>Diegues<br>(1996; 2000; 2001)            | A pesquisa conclui que a comunidade investigada ainda valoriza o uso de plantas medicinais e que os seus conhecimentos foram herdados oralmente de geração em geração, aclamando a mulher como guardiã de tais saberes e confirmando, com isso, que a memória social do uso de plantas medicinais ainda subsiste nesse lugar                                                                                                                                                                                        |

FONTE: REPOSITÓRIO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA UFAM (2023)

TABELA 2 - MAPEAMENTO DE TESES

| TÍTULO                                                                                                                                         | ANO  | MÉTODO      | TEÓRICOS                                                                                                                     | RESULTADOS                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|-------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| “A canoa da cura ninguém nunca rema só” o se ingerar e os processos de adoecer e curar na cidade de Parintins-AM- Maria Audirene de S Cordeiro | 2017 | Etnográfico | Deleuze<br>(1976; 1988; 2002; 2004; 2007)<br><br>Deleuze e Guattari<br>(1995; 2010; 2012)                                    | Apesar da deslegitimação das ações biopolíticas/médicas essas práticas e ritos de cura seguem operando como rizoma deleuziano, sem limites ou controle permanente e que as forças resilientes dessas práticas de ingeramento são imanentes e advém de um sistema cosmológico em constante operação.                                                                                                                                                |
| Valéria, uma arqueologia ancestral: protagonismo mítico matriarcal na serra de Parintins -AM- Naia Maria G. Dias                               | 2020 | Etnográfico | Torres<br>(2004; 2005; 2007; 2009; 2011; 2012; 2014; 2015; 2017; 2020)<br><br>Deleuze e Guattari<br>(1995; 2004; 2007; 2011) | Através desse percurso investigativo foi possível perceber a força do protagonismo político, social e cultural das mulheres na região da “Valéria” (lôcus da pesquisa). Que nesse tecido de relações se constroem e buscam espaços nos mais distintos saberes como benzedeadas, curandeiras, lavadeiras, rendeiras, agricultoras, artesãs, pescadoras etc... e que por meio da luta e resistência obtiveram muitas conquistas sociais, muito       |
|                                                                                                                                                |      |             |                                                                                                                              | embora tenham experimentados muitas perdas.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| Negros em Parintins-AM: relações raciais, fronteiras étnicas e reconhecimento identitário- Jéssica de Matos Gomes                              | 2022 | Etnográfico | Carneiro<br>(2002; 2003; 2011; 2015)<br><br>Munanga<br>(1999; 2004; 2008)                                                    | A pesquisa conclui que as trajetórias e permanências dos negros em Parintins se desenvolveram em meio a negação da contribuição negra na formação sociocultural amazônica; mas as tentativas de ocultamentos e “melhorias na raça” não apagaram a contribuição afro na localidade assim como na região amazônica. Ela existe e resiste mesmo que os discursos queiram silenciá-la e ocultá-la. Não há maquiagem que possa esconder essa identidade |

FONTE: REPOSITÓRIO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA UFAM (2023).

Ao longo dessa revisão, foi possível examinar, em parte, a prática da benzeção no Amazonas, que têm uma longa história e desempenha papel significativo na cultura e nas crenças populares da região. Embora algumas das dissertações e teses selecionadas não tratem especificamente da prática da benzeção, optamos por incluí-las, pois abordam temas que estão intimamente ligados a ela.

Esses trabalhos destacam o protagonismo feminino, movimentos identitários, lideranças comunitárias, povos tradicionais, resistência e reconhecimento afrodescendentes. Aspectos que não podem ser dissociados de uma abordagem holística dos saberes e práticas ancestrais presentes na vida dos povos amazônicos.

Em Borba-Am, as benzedadeiras são figuras notáveis em suas comunidades. Ao longo dos anos, essas mulheres têm desempenhado um papel essencial na vida das pessoas, oferecendo conforto e alívio em momentos de tristeza, dor e sofrimento. Para compreender plenamente a missão das benzedadeiras, porém, é fundamental entender o sistema de crenças que as orienta e fundamenta sua fé.

Essas benzedadeiras baseiam seus métodos de cura em uma mistura de conhecimento popular, tradições ancestrais e espiritualidades. Em alguns aspectos, possuem seu próprio conjunto de crenças e técnicas, adquiridos ao longo de sua vida e influenciados por fatores culturais e sociais de suas comunidades.

Weber (2015) considera que, as pessoas desenvolvem crenças religiosas com base em suas experiências pessoais, como traumas, perdas, momentos de alegria, dificuldades ou mesmo manifestações divinas. Portanto, para compreender o sistema de crenças das benzedadeiras, é fundamental reconhecer a importância que elas atribuem à tríade corpo, mente e espírito. Para essas mulheres a cura não se limita apenas ao alívio dos sintomas físicos, mas também envolve a constituição do indivíduo como ser completo. Nesse sentido, buscam identificar e tratar a causa raiz dos problemas, seja ela física, emocional ou espiritual. As benzedadeiras têm uma forte ligação com a espiritualidade e com os aspectos sagrados da vida. Elas acreditam na presença de forças superiores e se veem como intermediárias entre os mundos terreno e divino.

Em Borba-Am as benzedadeiras selecionadas para esta pesquisa são todas católicas, profundamente devotas de santos e santas, a quem dedicam sua fé e devoção. Em suas casas é comum encontrar imagens religiosas adornadas com uma gama de artefatos considerados sagrados por elas. São Bento é invocado para proteção contra o mal e as tentações do demônio; São Jorge guerreiro, protege contra inimigos e forças malignas; Santo Antônio é clamado para auxílio em causas perdidas; Nossa Senhora do Perpétuo Socorro nos momentos de agonia e aflição; São Miguel Arcanjo oferece proteção espiritual; São Sebastião e São Lázaro são invocados para proteção contra doenças, enfermidades e auxílio aos necessitados.

Para Eliade (1992), o sagrado não é simplesmente uma categoria criada pela mente humana, mas algo que se manifesta independentemente da vontade. Ele descreve o sagrado como uma realidade absoluta que transcende o mundo cotidiano do profano e quando esse sagrado se manifesta (um conceito que ele chama de hierofania), ele se apresenta como um fenômeno absolutamente diferente, ou seja, que quebra a continuidade e a homogeneidade da experiência comum.

Nos rituais de benzeção, é habitual a disposição de uma mesa adornada com uma toalha branca que simboliza a paz espiritual, um copo com água que representa a purificação e a

limpeza da alma, fitas de pano usadas para fazer pedidos, ramos de plantas que são usados nas benções e imagens de santos católicos.

Toda essa teia do fetichismo religioso que constitui o sistema de crenças das benzedeiras em Borba-Am vai se adaptando e se modificando de acordo com a subjetividade das crenças dos indivíduos que, em tempos modernos e de secularização edificam sua fé longe das crenças institucionalmente validadas ao longo da história.

Hervieu-Léger (2015), em sua obra “O peregrino e o convertido”, usa o termo “bricolagem” para descrever o fenômeno contemporâneo onde as pessoas constroem suas próprias religiões e sistemas de crenças a partir de uma variedade de tradições e fontes religiosas. O conceito se alinha à ideia de que, na ausência de uma identidade religiosa coletiva, cada sujeito reconstrói o sentido de forma autônoma, dentro de uma perspectiva que une fragmentos de sua experiência e visão de mundo.

Observamos que, para as benzedeiras de Borba-Am, mesmo diante da rica manifestação de crenças, simbologias e sacralidade que envolvem seus rituais, destaca-se a profunda reverência ao poder de Deus. Elas o reconhecem como o verdadeiro “senhor da cura”. Com humildade, veem-se como meros instrumentos, mediadoras desse processo, guiadas pelo dom concedido por Ele para exercer esse ministério. Assim, quando uma benzeadeira, por meio de suas orações, clama a cura em favor de quem a procura, ela se torna um canal através do qual a graça concedida por Deus, pode se manifestar.

Quintana (1999, p. 106) reforça essa percepção ao destacar que

assim, no processo ritual de cura, é dada uma importância muito grande à intervenção de Deus. A frase “Graças a Deus” é uma constante. Esse papel fundamental da autoridade religiosa no processo terapêutico pode também estar expressa em: “Com o favor de Deus”. Ambas indicam que o trabalho da benzeadeira, além de utilizar os medicamentos caseiros, consiste também em conseguir, por seu intermédio, o favor de Deus. Ainda que esse favor, essa intervenção divina, se dê, principalmente, pela atuação da benzeadeira, o paciente deve ter a condição da fé. De fato, faz-se necessária a reunião desses requisitos para que se efetue a intervenção divina.

No contexto da benzeção, os santos são compreendidos como intermediários espirituais, capazes de canalizar energias que fortalecem tanto a fé como a conexão espiritual das benzedeiras. Essa relação simbólica e devocional confere maior eficácia e legitimidade ao ato de benzer.

O respeito e a devoção católica presentes no ofício das benzedeiras em Borba-Am ajudam a entender, por um lado, a aversão das igrejas evangélicas, especialmente as neopentecostais, em relação a essas mulheres. Por outro, essa mesma característica suscita

questionamentos sobre a perseguição que as benzedeadas enfrentaram no passado pelo catolicismo ortodoxo e sobre a persistente falta de reconhecimento de suas práticas por parte da igreja católica nos dias de hoje.

As religiões institucionalmente validadas não reconhecem as benzedeadas como portadoras de dons espirituais. Isto reflete um aspecto controverso na relação entre a tradição religiosa institucionalizada e as práticas populares de cura. A igreja católica, por exemplo, tem mantido ao longo da história uma posição cautelosa em relação às práticas populares de cura como a benzeção, a pajelança e o xamanismo, muitas vezes por entender que essas manifestações possam desviar os fiéis dos ensinamentos oficiais da ortodoxia católica ou serem cristalizadas como superstições e bruxarias eficazes, contrárias aos dogmas clericais.

Embora existam contextos em que as benzedeadas são respeitadas dentro das comunidades católicas, essa aceitação é meramente informal e acontece à margem da estrutura hierárquica da igreja que, em sua doutrina oficial enfatiza os sacramentos e a intercessão de santos canonizados, enquanto as práticas de benzeção, que frequentemente misturam elementos de catolicismo com tradições indígenas ou africanas, não recebem reconhecimento formal como práticas espirituais válidas.

No âmbito oficial, a Igreja continua a manter uma posição de reserva em relação ao reconhecimento das benzedeadas como portadoras de dons espirituais genuínos, preferindo enquadrá-las como práticas de fé popular sem validade teológica formal. Esse contraste entre a espiritualidade institucional e a popular é uma expressão das tensões e dualidades que ainda persistem na relação entre o sagrado e o profano, o tradicional e o moderno dentro do contexto religioso contemporâneo.

Eliade (1992, p. 13) enfatiza que “o homem ocidental moderno experimenta um certo mal-estar diante de inúmeras formas de manifestações do sagrado: é difícil para ele aceitar que, para certos seres humanos, o sagrado possa manifestar-se em pedras ou árvores, por exemplo”.

A sacralidade da natureza está associada à ideia de que o mundo natural é uma manifestação do sagrado, uma hierofania, refletindo o poder divino. Para diversas tradições religiosas, elementos como árvores, montanhas, rios e animais são vistos como moradas de espíritos ancestrais, com a capacidade, inclusive, de comunicar-se com os seres humanos. Assim, a natureza é compreendida como algo que merece respeito, reverência e proteção, servindo como eixo para a construção de suas crenças.

A dificuldade que muitas pessoas encontram em aceitar essa visão está relacionada à separação rígida que certas culturas ocidentais ainda estabelecem entre o sagrado e o profano. Nessas culturas, o sagrado é percebido como algo transcendente e intocável, devendo ser

mantido distante dos elementos e da realidade cotidiana. O profano, por sua vez, é considerado banal, desprovido de valor espiritual, e qualquer manifestação do sagrado no profano pode ser vista como uma forma de “contaminação” ou desrespeito.

Em sua obra “Ideias para adiar o fim do mundo”, Krenak (2019, p. 49) contribui para essa reflexão ao destacar que “quando falamos que nosso rio é sagrado, as pessoas dizem: “isso é algum folclore deles”; quando dizemos que a montanha está mostrando que vai chover e que esse dia vai ser um dia próspero, um dia bom, eles dizem: “Não uma montanha não fala nada”.

A sacralidade da natureza, portanto, está ancorada em uma perspectiva que vê o mundo natural como um ser vivo e sagrado, ou seja, a natureza não é algo separado dos seres humanos, mas uma entidade viva da qual todos fazem parte e se inter-relacionam.

A perspectiva trazida por Kopenawa e Albert (2015) em “A Queda do Céu” aprofunda essa compreensão ao revelar que a natureza não é apenas um recurso a ser explorado, mas um organismo sagrado que demanda respeito e proteção. Ela é concebida como morada de entidades espirituais, onde plantas e animais possuem vida própria e desempenham um papel relevante na manutenção do equilíbrio do mundo. Os autores destacam ainda a importância de cultivar uma relação harmônica entre os seres humanos e a natureza, enfatizando a necessidade de uma visão cosmológica que valorize as práticas e os saberes ancestrais.

O sistema de crenças das benzedadeiras vem se transformando ao longo do tempo, acompanhando as mudanças sociais, culturais e científicas da modernidade. É fato que a secularização religiosa transformou a forma como as pessoas lidam com questões como fé, crenças e padrões “politicamente corretos”. Há, em andamento, uma revitalização de práticas sociais e religiosas que vão aos poucos se cristalizando na vida das pessoas.

Hervieu-Léger (2015, p.37) pondera que

a “secularização” das sociedades modernas, não se resume, portanto, apenas ao processo de evicção social e cultural da religião, com o qual ela é confundida muitas vezes. Ela combina, de maneira complexa, a perda da influência dos sistemas religiosos sobre uma sociedade que reivindica sua plena capacidade de orientar ela mesma seu destino, e a recomposição, sob uma forma nova, das representações religiosas que permitiram a esta sociedade pensar a si mesma como autônoma.

Desta forma, quando um povo se declara autônomo, afastando-se das normas de religiões tradicionais, ele não abandona totalmente o pensamento religioso. Em vez disso, cria ou adapta novos sentidos espirituais e simbólicos, que permitem lidar com questões existenciais e orientar a convivência social de uma forma moderna, dinâmica e plural.

No passado, as benzedadeiras realizavam suas benzeções exclusivamente em seus lares,

acreditando que, fora de seu espaço sagrado - com sua mesa adornada por objetos ritualísticos - a prática não alcançaria o efeito desejado. Hoje muitas benzedadeiras se deslocam para atender seus pacientes em diferentes locais. Elas realizam benzeções ao ar livre, em quintais, varandas, ou à beira dos rios, convencidas de que a energia positiva da natureza pode amplificar o poder curativo de seus rituais.

#### 1.4 Liderança carismática das benzedadeiras: a legitimidade das comunidades

Nas comunidades do município de Borba-Am é comum que os presidentes eleitos sejam responsáveis por dar as boas-vindas e representar a coletividade. No passado, esses líderes eram indicados pelo chefe do Poder Executivo, mas, atualmente, são escolhidos por meio de eleições comunitárias. Os candidatos eleitos são aqueles que a maioria dos moradores considera mais aptos para defender e representar os interesses da comunidade. Em sua ausência, é comum que um professor ou professora assuma essa responsabilidade.

A representação dos presidentes comunitários se manifesta prioritariamente no campo da institucionalidade, abrangendo as regras e regulamentos constituídas como atribuições do cargo. Investidos de poder legal, esses líderes podem deliberar, opinar e tomar decisões que impactam a comunidade.

Ao observarmos o cotidiano dessas comunidades, percebemos que a presença da mulher benzedeira altera a dinâmica tradicional da liderança institucionalizada. Nesse contexto, a figura do líder institucional, muitas vezes marcada por formalidades, hierarquias e processos eleitorais, cede espaço a uma liderança de caráter carismático, onde a benzedeira emerge como líder natural, sem a necessidade de eleições, sem ambições pessoais ou intervenções políticas, características presentes nos cenários institucionais. Sua liderança se constrói de maneira orgânica, pautada pelo reconhecimento coletivo, pela confiança e pela valorização do saber tradicional, o que imprime às relações comunitárias uma dinâmica única e singular

Na obra “Sociologia das Religiões”, Weber (2015) destaca que, essa autoridade carismática se legitima na fé em faculdades mágicas e na devoção pelo extraordinário, valorizada na medida em que transcende as qualidades humanas normais e é considerada originariamente como algo sobrenatural.

A figura da benzedeira ocupa, portanto, um papel singular na dinâmica comunitária. Embora raramente interfira ou opine sobre as decisões majoritárias da comunidade, sua atuação vai além do aspecto terapêutico de cura física e espiritual. Durante o ato da benzeção, ela cria um espaço onde os membros da comunidade se sentem confortáveis para expor suas angústias

e preocupações. Esse momento de diálogo e proximidade fortalece as relações sociais e promove uma dimensão de cuidado que perpassa o ato ritualístico, configurando-se como um importante recurso de apoio emocional e cultural no cotidiano das comunidades.

Em momentos conturbados é vista como agente de autoridade espiritual, mediadora entre o mundo natural e sobrenatural capaz de aconselhar e orientar os caminhos da boa conduta e do estabelecimento de um nível de convivência social pacífico e harmônico nas comunidades.

No dizer de Oliveira (1985, p.70),

compreender a benzeção, é penetrar na sua essência, é buscar o significado de sua prática social, entendendo de que modo esse lado da cultura popular, tão fragmentado, hostilizado, rejeitado e marginalizado, é recriado com força e autonomia. É buscar uma significação extraída de relações sociais definidas, que trazem consigo uma concepção de mundo, da benzedeira com seu cliente, com o seu ofício, com a sua vida cotidiana.

As benzedeiras, apesar da fragilidade ou quase inexistência de formação escolar, são detentoras de um conhecimento singular, adquirido através de experiências profundas vividas em seu ministério. A benzeção não se limita ao ato de benzer, rezar ou abençoar, ela também se ramifica através das relações que estabelece entre as pessoas e seu meio.

**QUADRO 2 - LIDERANÇA ESPIRITUAL E COMUNITÁRIA**

| Tópico                                                              | Descrição                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|---------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Liderança Institucional</b><br>X<br><b>Liderança carismática</b> | <ul style="list-style-type: none"><li>- Presidentes comunitários: eleitos e investidos de poder legal para tomar decisões.</li><li>- Benzedeiras: emergem naturalmente como líderes espirituais, sem intervenções políticas.</li><li>- No ato da benzeção oferecem espaço de escuta e acolhimento.</li></ul>                                                              |
| <b>O Papel da Benzedeira</b><br>X<br><b>Papel dos Presidentes</b>   | <ul style="list-style-type: none"><li>- Além da cura física e espiritual, estabelecem através da benzeção conexão e confiança.</li><li>- Autoridades espirituais em momentos difíceis.</li><li>- Deliberam institucionalmente junto ao Poder Público, órgão e instituições nos assuntos de interesses comunitários, sem intervir em problemas de ordem familiar</li></ul> |

FONTE: ELABORADO PELO AUTOR (2024)

Assim, o dom das benzedeiras se configura como um fenômeno social. Alicerçadas no respeito e na aceitação de suas comunidades, elas assumem um papel de liderança carismática e espiritual. Na condição de escolhidas por uma intervenção divina, demonstram a capacidade de exercer essa função com devoção e sabedoria.

De acordo com Oliveira (1985, p.70),

não basta apenas que a própria benzedeira reconheça a existência de um dom na sua vida. É necessário também que a própria comunidade onde ela mora, onde atuam, seus vizinhos, sua família, as pessoas que lhe são chegadas partilhem com ela desse momento tão singular. É necessário que essas pessoas queiram que tal dom exista, que a elejam como uma pessoa especial, capacitada, dotada de poderes sobrenaturais, para que ela benzedeira, possa, em contrapartida oferecer-lhe uma visão fetichizada da sua vida e da sua própria imagem. Uma visão carregada de autorreferências socialmente valorativas.

A figura da benzedeira ultrapassa a mera autopercepção de um dom. Ela é um elo entre o sagrado e o profano, uma guardiã de tradições ancestrais que se misturam com a vida cotidiana das comunidades. Porém, não é suficiente que a própria benzedeira reconheça sua conexão com o sobrenatural, é preciso que sua comunidade também compartilhe dessa crença.

Nas aldeias, vilarejos e bairros de Borba-Am, as benzedeadas ocupam um papel essencial que transcende a mera prática de curar. Elas são mais do que curandeiras; são figuras de referência espiritual e cultural, símbolos vivos de uma tradição ancestral que resiste ao tempo. Essas mulheres representam a esperança, a cura e a proteção para suas comunidades. Em um contexto em que os recursos médicos convencionais nem sempre estão ao alcance de todos, tornam-se o primeiro refúgio para aqueles que buscam alívio para suas dores, um conselho para seus dilemas ou uma oração para amenizar seus males e transtornos.

A comunidade não somente reconhece o dom da benzedeira, mas também a cultura. Ela é eleita como uma figura especial, uma intermediária entre o visível e o invisível. Através de rituais, preces e gestos simbólicos, canaliza energias positivas, invoca proteção divina e mantém uma visão plena da vida de seus seguidores. Essa visão é carregada de significados sociais e espirituais, conferindo à benzedeira uma autoridade carismática que ultrapassa padrões institucionais e científicos.

Weber (1982, p. 283), ao abordar o caráter geral do carisma, pondera que

o atendimento de todas as necessidades que vão além da rotina diária teve em princípio uma base totalmente heterogênea, ou seja, carismática; quanto mais recuamos na História, tanto mais verificamos ser esse o caso. Isto significa que os líderes “naturais” — em épocas de dificuldades psíquicas, físicas, econômicas, éticas, religiosas ou políticas — não foram os ocupantes de cargos nem os titulares de uma “ocupação” no sentido atual da palavra, isto é, homens que adquiriram um conhecimento especializado e que servem em troca de uma remuneração. Os líderes naturais nas dificuldades foram os portadores de dons específicos do corpo e do espírito, dons esses considerados como sobrenaturais, não acessíveis a todos.

A legitimidade de sua autoridade não provém de um sistema jurídico ou tradicional, mas sim da confiança e do afeto que os indivíduos depositam nelas, acreditando em suas capacidades

místicas e espirituais. Esse reconhecimento se estabelece através da interação, do testemunho de curas e da tradição oral, refletindo a influência pessoal e o carisma das benzedeiras dentro da dinâmica social e cultural de suas comunidades.

Del Priore (2001), ao analisar as intersecções entre práticas mágicas, religiosas e médicas durante o período colonial brasileiro, esclarece que a função da benzedeira envolvia retirar o enfermo do âmbito profano, utilizando palavras, prescrições e objetos carregados de simbolismo. As emoções que ela suscitava como medo ou confiança, fortaleciam sua posição de autoridade carismática. Até quando seus tratamentos não alcançavam o sucesso esperado, a insegurança e a angústia dos clientes diante do desconhecido asseguravam que seu prestígio permanecesse intacto.

No entanto, essa veneração não é isenta de desafios. Em Borba-Am a forte influência religiosa muitas vezes marginaliza as benzedeiras como supersticiosas ou pagãs. Por outro lado, em algumas comunidades tradicionais o sistema patriarcal ainda relega o feminino a um papel secundário. As benzedeiras enfrentam resistência por desafiarem essas normas. Entretanto elas persistem, guiadas pela fé e pela convicção de que seu papel e autoridade no seio social perpassa gênero e hierarquias.

O líder carismático não depende de regras ou normas formais, mas sim da crença dos seguidores de que ele possui dons especiais e assim é visto como uma figura que dispensa convenções sociais, possuindo qualidades excepcionais que são reconhecidas e legitimadas pela comunidade (Weber, 1982).

Abordar o papel de líderes carismáticas das benzedeiras em Borba-Am é reconhecer uma história de resiliência. Elas lideram não com títulos formais, mas com a força de suas palavras, gestos e intenções. Atuam como líderes espirituais, curandeiras informais e conselheiras, oferecendo orientação e apoio em comunidades isoladas, muitas vezes negligenciadas pelo poder público. Através de suas bênçãos, elas tecem laços de confiança e esperança, mantendo viva uma tradição que transcende os limites temporais.

## **CAPÍTULO II**

### **PRÁTICAS DE BENZEÇÃO NO MUNICÍPIO DE BORBA/AM**

Este capítulo, intitulado “Práticas de benzeção no município de Borba-Am”, explora os rituais de cura realizados pelas benzedadeiras, com o objetivo de descrever o processo de preparação físico e espiritual que antecede e permeia a benzeção, o tempo e o local, a utilização de plantas, o universo simbólico, as doenças do corpo e da alma e as dinâmicas que conferem significados diversos a essa prática ancestral. Além disso, analisa as percepções religiosas que envolvem a benzeção, destacando como ela se entrelaça com a espiritualidade local.

O capítulo apresenta ainda testemunhos de indivíduos que recorreram à benzeção como alternativa de tratamento para seus males, revelando suas motivações, experiências pessoais, recorrência a essa prática e os resultados percebidos. Esses relatos evidenciam a importância cultural, social e terapêutica da benzeção na vida dessas pessoas.

Borba-Am é um município onde a fé e a devoção formam uma liturgia vibrante de espiritualidade. O povo, em seu semblante, carrega uma expressão genuína de crença, manifestada em diversas formas. Há uma profunda confiança no poder intermediador dos santos, na prática de pagamento de promessas, oferendas e sacrifícios, todos realizados em busca de bênçãos e graças a serem alcançadas.

A reverência pela natureza também ocupa um lugar central. A lua, por exemplo, dependendo de sua fase, pode ser vista como um sinal para uma boa caçada ou pescaria. O florescer das árvores anuncia um período favorável ao plantio e à colheita. As águas calmas dos rios, por sua vez, prenunciam grandes tempestades que estão por vir.

Quando um membro da família falece, os demais familiares devem evitar frequentar ou sequer passar perto das plantações, pois acredita-se que a proximidade pode fazer com que as plantas sequem e queimem repentinamente, impedindo-as de produzir frutos e, curiosamente, quando a chuva cai sob o sol, há quem acredite que alguém em breve ficará viúvo(a).

Nesse cenário de misticismo e simbologia, a benzeção se reinventa como uma prática singular, através da qual as pessoas interpretam o mundo ao seu redor. Uma manifestação que espelha a identidade de uma comunidade imersa na cultura popular, onde elementos religiosos, naturais e sociais se unem reafirmando sua maneira de lidar com a vida e os mistérios que a cercam.

## 2.1 Ritual de preparação físico e espiritual das benzedeiras

A preparação física e espiritual das benzedeiras no município de Borba-Am, antes de realizarem o ritual da benzeção é um aspecto fundamental para a eficácia do processo. Esse preparo envolve uma série de rituais e cuidados que variam de uma benzedeira para outra, mas que geralmente seguem alguns princípios comuns.

Fisicamente as benzedeiras costumam seguir um conjunto de práticas que visam purificar o corpo e alinhar a energia pessoal com a do ritual. Elas podem tomar banhos de ervas específicas conhecidas por suas propriedades de limpeza energética e proteção espiritual. Além disso, o jejum leve antes do ritual também é utilizado em alguns casos, buscando manter o corpo mais leve e a mente mais focada.

Algumas optam por um banho de sal grosso, geralmente realizado às sextas feiras. Esses banhos ajudam a remover energias negativas e a proteger a aura espiritual, preparando-as para lidar com as energias densas que possam ser retiradas durante a benzeção.

Nesse aspecto, Quintana (1999, p. 91) ressalta que “se, por um lado, essa força se refere a um poder de lutar contra a doença, ela também põe à prova as condições físicas da benzedeira. Ela deve demonstrar que já estabeleceu a luta contra essas forças negativas e venceu”.

Conforme evidenciado em trecho de entrevista com a Benzedeira 3:

às vezes vem gente aqui em casa pra mandar puxar e benzer a mãe do corpo, mas minha filha não gosta. Porque quem puxa mãe do corpo ainda mais quando tá muito avançada, depois de a gente puxar e benzer não demora a gente tá provocando, da aquela murrinha, aquela dor no corpo medonha na gente, então a gente tem que tá bem preparada pra isso. Antes de eu benzer em alguém eu me benzo primeiro, aí ofereço a devoção para o santo que a gente vai fazer aquela oração, aí pode rezar. Porque antes de fazer a benzeção se não se benzer, não colocar fé naquilo que vai fazer não vai dar certo (entrevista realizada no dia 12/11/2024).

A preparação espiritual envolve rituais e práticas devocionais que conectam as benzedeiras com forças divinas, das quais elas buscam inspiração e energia para a cura. Orações são fundamentais nesse processo, e muitas benzedeiras seguem uma rotina de preces, invocando a proteção de santos, anjos, espíritos de luz ou entidades do mundo espiritual, conforme suas crenças religiosas ou espirituais.

A Benzedeira 4, quando perguntada sobre sua preparação espiritual que antecede a benzeção, reforça esse entendimento ao revelar:

antes de benzer eu faço minha devoção para nossa senhora Aparecida e santo Antônio que eu tenho na minha mesa. Eu sou católica né. Lá tem outros santos que também são meus guias. A gente tem que se preparar né, se entregar primeiro a Deus pra

depois ir fazer o bem pra quem ta precisando (entrevista realizada no dia 13/11/2024).

Em outro trecho da entrevista, a Benzedeira 3 reforça sua preparação:

esse dom quem dá é Deus, então a cura vem de Deus, vem dele. Então eu aceno primeiro pra ele no momento em que vou fazer um trabalho, fazer uma cura e naquele momento ele vai me dar a ajuda necessária né. Eu peço que me conceda mais uma força no meu corpo, porque em tudo a gente tem que ter Deus em primeiro lugar. Deus é tudo. É primeiro a fé nele pra depois você fazer qualquer coisa na vida. Eu nunca tive conforto, não tenho saber e ficava pensando como eu ia viver, mas a fé em Deus me trouxe e até hoje eu tô por aqui... feliz né (entrevista realizada no dia 13/11/2024).

Ao longo desta pesquisa, surgiram muitos questionamentos sobre a existência de uma oração fixa no ato da benzeção. Contudo, os dados de campo coletados entre as benzedadeiras de Borba-Am, revelam que, para elas não há uma oração padronizada para essa prática. Cada benzedeira adapta suas orações ou invocações de acordo com as circunstâncias do processo de cura, ajustando-as ao tipo de enfermidade, doença ou perturbação espiritual apresentada pela pessoa. Essa prática se diferencia do que ocorre em alguns municípios do Amazonas, onde esta pesquisa identificou, em certos casos, o uso de orações previamente estabelecidas no ato de benzer.

Em Borba-Am, no entanto, essa oralidade espontânea é frequentemente combinada com orações tradicionais da liturgia católica, integrando de forma harmoniosa elementos pessoais e religiosos nos rituais. Oliveira (1985) ratifica esse entendimento ao afirmar que no ato da benzeção, essas preces curtas, fervorosas e suplicantes, também chamadas de jaculatórias, se mesclam com as orações consagradas pelo catolicismo tradicional como Pai Nosso, Ave Maria, Glória ao Pai e Força do Credo.

Ao ser questionada sobre a existência de uma oração específica ou pronta para realizar a cura durante a prática da benzeção, a Benzedeira 1, respondeu também de forma reveladora:

quando eu rezo numa pessoa, não tem uma oração pronta, eles (guias) é que vão me ensinando as palavras. Na hora aparece uma inspiração como eu tenho que falar, como eu tenho que rezar, como eu tenho que pedir a cura para as pessoas. Aí é que tá o dom que nós temos, que é dado por Deus. Agora quando tô sozinha assim, só sei mesmo a minha defesa que Deus deixou (entrevista realizada no dia 29/04/2024).

Nesse sentido, a Benzedeira 3 declara também em sua entrevista que

pra algumas ocasiões eu tenho uma oração pronta, mas na maioria das vezes vem tudo na cabeça na hora, é um dom mesmo de Deus. Mas antes de fazer essas orações eu rezo sempre um Pai nosso ou uma Salve Rainha como preparação (entrevista realizada

no dia 12/11/2024).

Essas respostas refletem a natureza fluida e personalizada da benzeção, evidenciando que a prática está ligada à espiritualidade e à experiência individual vivida pelas benzedeiras. Conforme argumenta Oliveira (1985, p. 27), “na sua prática profissional, elas são independentes para determinar que tipo de benzeção querem fazer, quais fórmulas usar e em que circunstância fazê-lo”. As palavras da Benzedeira 4 contribuem na mesma perspectiva para compreendermos essa dinâmica:

quando eu tô benzendo eu não tenho nenhuma oração pronta pra dizer é essa aqui. Vem na minha cabeça. Eu me concentro primeiro né. Pra doença que eu vou rezando eu vou criando as orações, porque tem muitas doenças que não bate com a reza no momento, eu sinto isso as vezes, aí eu me concentro ainda mais e vou fazendo outras orações (entrevista realizada no dia 13/11/2024).

Em Borba-Am, a prática da benzeção não segue um roteiro fixo ou previamente estabelecido. As orações, gestos e palavras utilizadas surgem de maneira intuitiva e espontânea, guiadas pela fé e pelas necessidades específicas da pessoa que busca o tratamento. Essa abordagem revela uma dinâmica única, na qual a espiritualidade orienta a prática, tornando cada benzeção uma manifestação personalizada e adaptada à situação particular do paciente.

A meditação ou momentos de silêncio também são práticas frequentes, permitindo que a benzedeira entre em um estado de harmonia interior e concentração. Segundo as benzedeiras, esse estado é importante para que elas possam se tornar um canal de cura, livre de pensamentos comuns, distrações e influências externas.

É comum que as benzedeiras utilizem objetos simbólicos, como crucifixos, rosários, ramos de plantas ou outros elementos que são consagrados previamente por meio de rituais próprios. Esses objetos são vistos como extensões da força espiritual da benzedeira e ferramentas para direcionar a energia de cura.

Um aspecto marcante no processo de preparação espiritual das benzedeiras é o alinhamento da intenção. Elas acreditam que a força do ritual de cura está diretamente ligada ao desejo genuíno de ajudar o próximo. Para as benzedeiras, a intenção pura, desprovida de interesses pessoais, é o que potencializa os resultados da benzeção.

Antes de iniciar o ritual, elas buscam uma espécie de purificação interna, dedicando-se a afastar pensamentos negativos, preocupações ou sentimentos que possam interferir na conexão com o divino e, conseqüentemente, na eficácia do ritual. Esse processo envolve orações, reflexões e até práticas de silêncio, momentos em que as benzedeiras entram em

sintonia consigo mesmas e com a espiritualidade que guia seus passos.

Assim, a preparação não se limita apenas ao conhecimento das palavras ou gestos que compõem a benzeção, mas inclui, também, um trabalho interior. Para as benzedeiras de Borba-Am, curar é mais do que um ato técnico; é um compromisso espiritual onde a fé e a intenção verdadeira funcionam como um duto para que a energia de cura possa fluir, beneficiando tanto quem recebe quanto quem realiza o ritual. É como podemos perceber na fala da Benzedeira 4:

olha! pra eu benzer numa pessoa eu preciso ta sem preocupação, sem aborrecimento, porque assim, a gente tem que ir com fé pra fazer aquele trabalho né, tem que pensar, buscar força pra curar aquela pessoa, sem intenção de ganhar isso ou aquilo, se você tiver rezando com o pensamento noutra coisa não vai sair nada dali né (entrevista realizada no dia 13/11/2024).

Aspectos tais que é reforçado pela Benzedeira 1:

eu benzo com meu dom pra ajudar as pessoas. Nunca fiz pensando em ganhar dinheiro ou outra coisa. Eu não cobro pelo que faço, alguma ajuda, é de livre e espontânea vontade em nome do Espírito Santo que é quem cura. Eu não posso ficar gastando uma coisa que não é meu né (risos.) Quando tenho muita necessidade eu aceito ajuda pra comprar um pão, um frango, alguma coisinha que a gente ta precisando, entendeu (entrevista realizada no dia 29/04/2024)

Essa preparação física e espiritual reflete a compreensão de que o ritual de benzeção é um ato de serviço ao outro, onde a benzedeira se coloca como intermediária entre o paciente e as forças superiores. Através desse processo de preparação, ela se fortalece e se concatena a um plano espiritual, permitindo que a cura ocorra de forma mais eficaz e protegida.

No artigo intitulado “Abençoada cura: poéticas da voz e saberes de benzedeiras”, Lidiane Alves da Cunha e Luiz Carvalho Assunção exploram o aspecto místico e religioso das benzedeiras, concluindo que isso,

[...] permite situar a cura e o ofício das benzedeiras a partir da perspectiva destas como ‘agentes’ de fato do processo de cura, e não apenas como ‘a mão que segura o ramo’ como um passe simples ou a declamação de uma oração. As benzedeiras não são apenas intermediárias para a cura. Ritualisticamente, durante o benzimento, envolvem sua própria energia e poesia em um complexo processo de cura vivenciado junto ao seu grupo social, o que envolve as memórias deste. A força mágica, ritualística e social é a da voz. Como tradutora, nomeiam a doença e os males de sua comunidade, na medida em que dialogam com o mundo das memórias e tradições com os aspectos da contemporaneidade, marcando sua resistência e sobrevivência em contradição com a aparente invisibilidade que as cercam (Cunha e Assunção 2017, p.193).

A combinação dessas práticas cria um campo de energia positiva e harmoniosa, essencial para o sucesso da benzeção, tanto para a proteção da benzedeira como para a eficácia

do ritual no processo de cura.

O município de Borba-Am, onde a maioria da população é católica, preserva uma tradição comum entre as benzedeiras: acender velas para santos de devoção ou entidades protetoras. Segundo elas, esse gesto simbólico tem o propósito de iluminar o caminho, fortalecer a fé e estreitar o vínculo espiritual.

Por outro lado, o estado mental é um componente central da preparação. Manter uma mente serena, livre de preocupações e focada na cura é fundamental. As benzedeiras acreditam que é necessário estar bem consigo mesmas, ou seja, estar em paz interior, para que possam conduzir a benzeção de maneira adequada. Portanto, qualquer tipo de conflito interno ou emoção negativa pode interferir na energia do ritual.

## 2.2 O tempo e o local: contexto e significado

Para as benzedeiras do município de Borba-Am o tempo e o local desempenham papéis significativos na prática da benzeção, especialmente nas comunidades rurais, onde essa tradição ganha contornos culturais e espirituais únicos.

O tempo está frequentemente associado a momentos do dia ou períodos do ano que carregam um valor espiritual particular. Muitas benzedeiras preferem realizar suas práticas ao amanhecer ou ao entardecer. Há a crença de que o amanhecer é um momento de renovação e purificação. Já o entardecer se revela o momento propício em que o sol, ao se pôr, leva consigo as doenças, enfermidades e aflições do benzido. A esse respeito não há um ponto pacífico entre as benzedeiras.

No início de sua entrevista, ao ser perguntada sobre o melhor horário para prática da benzeção, a Benzedeira 4 já nos apresenta essa referência ao afirmar que

eu costumo benzer sempre a tarde, cinco horas da tarde. É um momento de paz né, de tranquilidade. Eu também não rezo dia de segunda feira e nem dia de domingo. Eu rezo terça, quarta e quinta. Na sexta também não costumo rezar porque é o dia que meus guias vêm me preparar, porque é uma missão né, tenho que me preparar (entrevista realizada no dia 13/11/2024).

Em contraposição, a Benzedeira 2 argumenta que

pra mim não tem um horário e nem dia pra benzer, qualquer hora é hora, depende da pessoa querer e ter fé. Porque nada vai em frente sem a fé. Se a pessoa chega contigo com a maior fé, ali ele também já te deu força. E mesmo se a pessoa chegar doente comigo não vou mandar ela voltar outro dia, porque a doença não espera né (entrevista realizada no dia 08/11/2024).

Esses momentos de transição que são vistos como portais entre diferentes estados de energia permitem que a cura ocorra em um nível mais profundo e elevado. Há também uma referência com relação à fase da lua cheia. Segundo as benzedadeiras é um tempo de grande poder espiritual, que pode potencializar a cura e a proteção das pessoas.

Além disso, datas religiosas ou épocas do ano como o período da semana santa ou festas de santos padroeiros são frequentemente escolhidas para rituais de benzeção, quando a energia espiritual é considerada mais forte. O local onde a benzeção é realizada é considerado importante pelas benzedadeiras, embora também, não haja consenso sobre essa questão. Cada benzedeira tem sua própria preferência por um ambiente específico para exercer o ofício, escolhendo aquele que considera mais adequado.

Na zona rural de Borba-Am é comum que as benzeções aconteçam em espaços que guardam uma relação com a natureza, como às margens de rios, embaixo de árvores, terreiros, integrando o ser humano ao seu ambiente natural. Quando questionada sobre o local de sua preferência para realizar a prática da benzeção, a Benzedeira 4 respondeu:

eu também não gosto muito de rezar na minha casa não, prefiro que a pessoa vá me buscar, porque a doença, o mal que ela ta sentindo, pode ta lá na casa dela né. Agora se ela não quiser na casa dela pode ser até no quintal, a natureza ajuda a afugentar a doença (entrevista realizada no dia 13/11/2024).

Desta forma, o município de Borba-Am com sua vasta biodiversidade e forte presença de elementos naturais como rios, florestas e plantas medicinais não é apenas um cenário, mas um espaço de símbolos e magias propício para esse processo.

Já a Benzedeira 2 relata:

meu pai era curador também, ele não parava em casa, inclusive até quando mamãe morreu o papai não tava em casa, iam buscar ele, era pra um canto era pra outro. Ele gostava de benzer embaixo das árvores, na beira do barranco. Eu também prefiro benzer fora de casa, no quintal, onde tem plantas, flores. Isso ajuda né (entrevista realizada no dia 08/11/2024).

É preciso considerar que há um encantamento religioso profundo do ser humano pela natureza, visto que ela é repleta de mistério e imaginação. Para muitos, trata-se de um universo povoado por espíritos, entidades, guardiões e forças cósmicas, capazes de se conectar de maneira positiva com os seres humanos. Essa interação contribui para o estabelecimento de um nível de convivência pacífico e harmônico entre o homem e o mundo natural. Eliade (1992, p. 75), ao abordar o fenômeno de dessacralização da natureza, considera que

para o homem religioso, a natureza nunca é exclusivamente “natural”. A experiência de uma natureza radicalmente dessacralizada é uma descoberta recente, acessível apenas a uma minoria das sociedades modernas, sobretudo aos homens de ciência. Para o resto das pessoas, a natureza apresenta ainda um “encanto”, um “mistério”, uma “majestade”, onde se podem decifrar os traços dos antigos valores religiosos.

O tempo certo, alinhado com o ciclo da natureza ou com datas sagradas, e o local adequado, imerso em uma geografia de espiritualidade, colaboram para criar um espaço onde a benzedeira possa canalizar energias curativas de forma eficaz. Esses fatores também estreitam a relação entre praticante, comunidade e a magia que reveste o universo espiritual da benzeção.

Cabe-nos, por conseguinte, ponderar sobre a noção de tempo e espaço sagrados como atributos de transcendência que regulam e oferecem ao ser humano uma estrutura simbólica e experiencial que dá sentido à sua vida. Ele é tanto um refúgio quanto um lugar de revelação, onde o ordinário e o divino se encontram, proporcionando ao indivíduo uma visão cosmológica e ampliada da natureza.

Krenak (2019, p.17) clareia esse entendimento ao relatar que

tem uma montanha rochosa na região onde o rio Doce foi atingido pela lama da mineração. A aldeia Krenak fica na margem esquerda do rio, na direita tem uma serra. Aprendi que aquela serra tem nome, Takukrak, e personalidade. De manhã, de lá do terreiro da aldeia as pessoas olham para ela e sabem se o dia vai ser bom ou se é melhor ficar quieto. Quando ela tá com uma cara do tipo “não estou para conversa hoje”, as pessoas já ficam atentas. Quando ela amanhece esplêndida, bonita, com nuvens claras sobrevoando a sua cabeça, toda enfeitada, o pessoal fala: “Pode fazer festa, dançar, pescar, pode fazer o que quiser”.

O autor, em certo modo, desafia as formas convencionais de pensar o meio ambiente, propondo uma nova ética baseada na interconexão e na espiritualidade. Seu entendimento ressoa com a prática da benzeção, onde a cura envolve não apenas o corpo humano, mas também o equilíbrio entre os elementos naturais e espirituais.

Essa compreensão do tempo e do local no universo da benzeção revela a complexidade e a profundidade de uma prática que não pode ser desassociada de seu contexto cultural e ambiental. Esses fatores são valiosos para a compreensão plena do que significa benzer, tornando cada ato único e profundamente interligado à energia da natureza e à sabedoria ancestral.

### 2.3 Universo simbólico das benzedeadas

O conceito de símbolo, ao longo do tempo, tem sido estudado e analisado por muitos teóricos das ciências humanas. Diferentes correntes filosóficas, antropológicas e psicológicas

abordam o símbolo como um elemento central na compreensão da realidade humana. Neste tópico, buscaremos compreender a teia de simbologias que envolve a benzeção em Borba-Am, destacando suas representações cosmológicas, suas dimensões simbólicas e os vínculos estabelecidos entre o concreto e o abstrato que permeiam o ofício das benzedeiras.

A benzeção é um ato de intercessão, onde a benzedeira, enquanto mediadora, utiliza uma linguagem simbólica, tanto verbal quanto gestual, para invocar forças protetoras ou curativas. A utilização de orações, transmitidas oralmente, juntamente com gestos ritualísticos repetitivos, uso de elementos da natureza, como água, plantas, objetos religiosos como rosários, imagens de santos, fitas, óleo, e ainda o contexto de tempo e espaço, reforçam o poder simbólico desse rito.

Eliade (1992, p.102) argumenta que “é graças aos símbolos que o homem sai de sua situação particular e se “abre” para o geral e o universal. Os símbolos despertam a experiência individual e transmudam na em ato espiritual, em compreensão metafísica do mundo”.

O poder das palavras, por exemplo, não está apenas no seu conteúdo verbal, mas na crença de que elas carregam uma força simbólica que transcende a materialidade. As palavras sagradas invocam entidades divinas, como santos, anjos, ou espíritos protetores e operam numa lógica performativa, onde a simples enunciação possui o poder de transformar a realidade. As orações, muitas vezes proferidas em voz baixa ou quase inaudível, realça o caráter misterioso e sacralizado da benzeção.

Outro elemento simbólico central na benzeção é o gesto. O sinal da cruz quando feito pela benzedeira sobre o corpo da pessoa benzida carrega uma série de significados relacionados à proteção, purificação e consagração. Esse gesto, oriundo do cristianismo, ao ser incorporado ao contexto da benzeção e se entrelaçar com outras culturas e crenças religiosas adquire novos significados. Assim, a cruz, símbolo de redenção e sacrifício, é ressignificada na benzeção como um símbolo de cura e defesa contra o mal, tanto físico quanto espiritual.

Oliveira (1985, p. 13) define que

no ato da bênção, cada pessoa que benze revitaliza determinados símbolos sagrados. Esses símbolos passam uma dada visão do aprendido e do que pode ser reconstruído. Não como símbolos soltos e dispersos, mas como símbolos que permeiam a produção social da vida e das relações entre as pessoas.

Em Borba-Am, o uso de elementos naturais também ocupa um lugar de destaque no universo simbólico da benzeção. A água, por exemplo, carrega um simbolismo de purificação e renovação. A água benta é considerada um veículo de bênçãos divinas e proteção contra forças

do mal. De forma similar, plantas como a arruda, pião roxo, vassourinha, mucuracaá, são amplamente utilizadas, não só pelo seu potencial curativo físico, mas também pela sua capacidade de repelir energias negativas e atrair boas influências. Essas plantas, ao serem utilizadas no ritual podem carregar o poder simbólico da natureza, visto que nas cosmologias tradicionais é comum a ideia que o mundo natural é habitado por forças espirituais que podem ser mobilizadas para o bem-estar humano.

No universo da benzeção, os símbolos não existem de forma autônoma, nem possuem sua representatividade limitada apenas à sua essência ou ao significado que expressam. Para que produzam efeitos no processo de cura e na configuração do sentido da vida, é fundamental que sejam aceitos e validados por uma comunidade ou grupo social.

Conforme argumenta Quintana (1999, p. 48),

entretanto, o símbolo não pode existir num indivíduo isolado, pois requer uma convenção social que o homologue. Desta forma, esse símbolo sempre vai estar articulado num sistema que o torna inteligível. Não é qualquer símbolo que pode produzir efeitos: somente aqueles aceitos pelo grupo cultural ao qual pertence o doente é que terão essa capacidade. Deste modo, o símbolo sempre vai estar integrado num sistema de crenças. Uma experiência individual é reintegrada no social através da possibilidade de compreendê-la e pensá-la segundo uma explicação socialmente aceita.

Oliveira (1985) reforça essa ideia ao destacar que os símbolos na benzeção não são apenas representações, mas também agentes de transformação. Eles possuem significados diversos e contextuais que variam de acordo com a cultura e a experiência individual. Neste contexto, recorreremos às palavras da Benzedeira 1 ao descrever sua mesa de benzeção:

na minha mesa tem uma bola de cristal, um copo de vidência grande, água benta, fitas coloridas, velas defumadas, tem as imagens do divino espírito santo, santo Antônio, mãe iemanjá que ta lá também, São Jorge, São Lázaro, e o sagrado coração de Jesus e nossa senhora de Aparecida. Eles protegem tudo que vai lá. Eles tudo são imagem mais protegem como se tivessem vivos, porque na hora da oração eles se fazem presente né. Agora quem ta sendo benzido precisa acreditar que tudo que tem lá é sagrado, senão não adianta. A fé é tudo né (entrevista realizada no dia 29/04/2024).

Por meio dos símbolos, a benzeção se torna uma prática abundante em significados, que vai além do ato físico, envolvendo aspectos emocionais e espirituais o que a distingue de tratamentos convencionais, como aqueles oferecidos pela medicina ou terapias modernas. Esta ritualística e seus aspectos simbólicos se concretizam nas palavras da Benzedeira 3:

quando vou benzer pra quebranto, eu pego um pires boto um pouco de sal, que é o tempero do mundo né, um pouco de álcool que representa a limpeza, aí pego a

vassourinha e benzo a criança. Quanto a gente termina de benzer se o quebranto tiver muito forte a vassourinha murcha. Agora quando ela não fica murcha pode ser só uma dor de cabeça, uma enxaqueca, qualquer coisa né, mas não é quebranto. O quebranto murcha qualquer outra planta que a gente usar meu irmão! (entrevista realizada no dia 12/11/2024).

A medicina moderna, com enfoque baseado na ciência experimental e na comprovação por meio de estudos clínicos, encontra dificuldades para compreender a lógica simbólica e espiritual que permeia os rituais de cura das comunidades tradicionais.

Essa falta de entendimento não é apenas uma questão epistemológica, mas também cultural. A relação entre a medicina moderna e os povos tradicionais frequentemente ocorre em um contexto de assimetrias de poder, onde os saberes ancestrais são, por vezes, marginalizados ou vistos como inferiores.

Nesse aspecto, Quintana (1999, p.38) destaca que

a medicina acredita que não precisa de meios simbólicos, pois ela se crê portadora de meios técnicos para dominá-lo. Ela substituiu a intenção de dar um sentido ao mundo pela pretensão de controlá-lo. Assim ela se convence de que por intermédio do positivismo obteve controle sobre a doença e a morte; quando, na realidade, perdeu o domínio sobre o universo simbólico.

Dentro desse universo simbólico, o adoecimento não é apenas uma disfunção biológica, mas o resultado de um desequilíbrio maior, que pode envolver questões espirituais, emocionais e sociais. Assim, a benzeção age como um ritual de reintegração do indivíduo à ordem cósmica e espiritual, restabelecendo o fluxo de energias que foram interrompidas.

## 2.4 Plantas utilizadas na benzeção

Analisar o uso de plantas medicinais na benzeção é essencial para compreender a profundidade dessa prática ancestral. Essas plantas não são vistas apenas como recursos terapêuticos, mas como portadoras de energias sagradas que, ao serem ativadas pelo ato de benzer, se tornam veículos de cura espiritual e física. A benzeção é, assim, uma prática que integra corpo, espírito e natureza, unindo saberes religiosos e fitoterápicos.

Para as benzedeiras de Borba-Am essas plantas carregam um simbolismo específico. Ervas como a arruda, manjerição, erva-de-santa-maria, pião roxo, mucuracaá, vassourinha e alecrim são consideradas elementos que afastam energias negativas, purificam ambientes e restauram o equilíbrio interior. Elas não são escolhidas por suas propriedades químicas, obviamente desconhecidas pelas benzedeiras, mas por aquilo que representam espiritualmente: proteção, renovação fé e energia positiva.

Observamos que cada benzedeira, embora tenha certa preferência por determinados tipos de plantas utilizadas na prática da benzeção, acredita que o poder curativo resulta da combinação entre a energia natural presente nessas plantas e a força inabalável da fé que precisa estar presente no ato da benzeção. A Benzedeira 1, ao ser questionada sobre qual planta considerava mais eficaz para o ato da benzeção, respondeu:

olha, vou te falar uma coisa, eu benzo com a vassourinha, o pião roxo, e com arruda, sabe. Que são plantas que têm uma boa energia para tirar a doença. Mas assim meu filho, qualquer mato que você pegar se tiver fé o serviço sai bem feito, o que vale é a fé (entrevista realizada no dia 29/04/2024).

Na mesma perspectiva temos a fala da Benzedeira 2:

eu lembro que meu pai que era curador benzia muito com vassourinha, mas também usava arruda, pião roxo, mucuracaá, que são as que eu uso também né, mas tudo depende da fé, até uma pontinha de palha que você for rezar, usar na oração tudo vale. Por isso tudo que eu vou fazer eu vejo logo se tô com fé, se não tiver eu nem vou porque já sei que aquilo não vai dar certo (entrevista realizada no dia 08/11/2024).

A sacralidade dessas plantas não está relacionada apenas à sua eficácia simbólica e ao modo como são colhidas e manipuladas, respeitando ciclos naturais e rituais próprios. Muitas vezes são colhidas em horários específicos, acompanhadas de uma pequena oração espontânea e com profundo respeito à natureza.

O poder de cura da benzeção, mediado pelas plantas ultrapassa a dimensão da saúde física, pois trata também do alívio de males emocionais e espirituais, visto que é uma prática que enxerga o ser humano em sua totalidade, acreditando que doenças não se manifestam apenas no corpo, mas resultam de desequilíbrios mais profundos.

A combinação das ervas com orações e gestos simbólicos, como o sinal da cruz, estabelece uma ponte entre o divino e o terreno, ativando um processo de cura que mobiliza tanto a fé quanto o poder da natureza. A Benzedeira 4 reforça esse entendimento:

eu sei benzer mesmo bem é quebranto, mal olhado, vento caído. A gente benze, depois de benzer a gente procura as folhinhas pra fazer os remédios pra usar. Além de benzer eu faço remédio também, graças a Deus em tudo Deus me ajudou, mas eu acredito que a cura vem mais da fé do que do próprio remédio. Até pra gente tomar um remédio desse da farmácia mesmo tem que ter fé pra aquilo fazer efeito. Quando eu tinha 14...15 anos mais ou menos eu já sabia fazer um monte de chá pra curar garganta, febre, dor de estômago, tosse que dava muito nas crianças daquela época. Tudo faz efeito, mas tem que rezar também. Isso minha vó ensinou pra mamãe e eu só de ver aprendi também (entrevista realizada no dia 13/11/2024).

Nesse sentido, o poder de cura atribuído às plantas transcende suas propriedades

químicas e farmacológicas. Envolve a crença popular em seu efeito transformador e em sua capacidade de restaurar o equilíbrio do corpo e da alma. A sacralidade dessas práticas reside na forma como a planta é vista, ou seja, como um presente da natureza e uma extensão, um canal de forças espirituais que auxiliam no processo de cura. Assim, a benzeção, ao incorporar elementos vegetais se torna uma ponte entre o visível e o invisível, um ato simbólico que reafirma a relação de harmonia e reciprocidade entre o homem e o ambiente natural. Conforme aborda Nascimento (2010, p. 37),

no contexto das rezas populares, a utilização da medicina popular está baseada na experiência das rezadeiras a partir da utilização simbólica dos ramos, água e óleos. Os ramos usados nos rituais de cura são: o pião roxo, a vassourinha, ou qualquer outra planta que for cultivada no seu quintal. Na verdade, os ramos são símbolos que destroem o mal e têm a função de absorver a energia negativa impregnada no doente. Dessa forma, as rezadeiras, ao fazerem movimentos rápidos e compassivos em forma de cruz, envolvem todo o corpo do doente, num processo de ‘limpeza’ e depuração.

A prática da benzeção é compreendida como um entrelaçamento de saberes, onde se reúne fé, aspectos físicos, emocionais e espirituais dentro de um universo marcado pelo misticismo. Esse fenômeno, ainda repleto de elementos inexplicáveis, evidencia a complexidade e a riqueza dessa tradição popular.

## 2.5 Doenças do corpo e da alma

Analisar a benzeção como dinâmica social presente na vida da população borbense, vai além de percebê-la como prática de cura para doenças físicas. É necessário entender que, dentro de seu universo cosmológico ela transcende o material e o ordinário, adentrando um campo que ainda é pouco aceito pela medicina convencional; a alma, a espiritualidade.

Para as benzedadeiras de Borba-Am, angústias, tristezas profundas, medos, desesperanças e possessões, são males compreendidos no âmbito espiritual, onde elas atuam como mediadoras entre o divino e o enfermo, restaurando seu equilíbrio emocional. As enfermidades do corpo como dores físicas, febres, rasgaduras, desmentiduras, são comumente tratadas pela benzeção como um complemento, especialmente em áreas onde o acesso à saúde pública é precário. Essa visão que integra corpo, mente e espírito, reflete uma abordagem que rompe com a visão fragmentada da medicina ocidental. Na busca por compreender os significados da benzeção, Oliveira (1985, p. 72) destaca que

uma visão que enxerga a benzeção aos pedaços não consegue perceber toda a riqueza desses processos sociais que há atrás do rústico, do ridículo; quantas formas concretas

de viver se escondem atrás dessa concepção autoritária e insensível, que tem muitas vezes, como pressuposto, que a escolha pela medicina erudita seja a forma ideal de curar para o conjunto da sociedade. Assim, longe de constituir uma expressão atomizada de resquícios de formas antigas e superadas de produzir curas, ela é uma expressão verdadeira de parte das necessidades, dos sentimentos culturalmente definidos e historicamente possíveis da cultura popular, realizadas por especialistas de cura do corpo e da alma.

Percebemos que na perspectiva das benzedeiras do município de Borba-Am, as doenças não são apenas fenômenos fisiológicos, mas possuem também raízes em desequilíbrios emocionais, espirituais e até relacionais. A benzeção atua em um campo mais amplo, que envolve o equilíbrio emocional, espiritual e comunitário do indivíduo. Com suas orações, gestos e símbolos, busca restaurar não apenas a saúde do corpo mas também a harmonia da alma.

O relato da Benzedeira 2 oferece uma compreensão prática sobre a dimensão ritualística da benzeção:

eu rezo pra quebranto, vento caído, mãe do corpo. Muitas e muitas crianças, que hoje já tem até filho e até neto que eu, como diz a história, já ajudei a viver porque ali era só Deus mermo. Eu fazia parto também agora não faço mais. Eu já benzi gente com depressão, com síndrome do pânico, gente triste por causa de emprego, gente que tinha se separado do marido, da mulher. Eu luto com minha filha também porque ela é assim. As vezes ela ta triste, chora do nada. Então eu vou lá e benzo nela, rapidinho ela fica alegre novamente (entrevista realizada no dia 08/11/2024).

A Benzedeira acrescentou ainda:

eu já conversei com diversas pessoas e também já estudei sobre a bíblia e antes já existia essas coisas também, então isso já vem desde o começo do mundo. Tem gente que não acredita no que a gente faz, mas cansei de ver gente correr atrás do papai lá em casa, porque fulano tava com encosto, se jogava no chão, se mordida, bastava ele chegar pegar um pião roxo e benzer, pronto! Aquilo acalmava como água no fogo (entrevista realizada 08/11/2024)

A benzeção é mais do que um conjunto de rituais ou palavras; ela envolve um contexto cultural, espiritual, histórico e social inerente às comunidades que a praticam. Portanto, isolar seus elementos é perder a dimensão geral que dá sentido a ela.

A amplitude desse processo fica evidente nas palavras da Benzedeira 1, quando questionada se aqueles que procuram a benzeção buscam exclusivamente a cura para seus males físicos e espirituais, respondeu:

eu não incorporo entidade. Eles me ouvem e eu também escuto o que eles me falam. E meu trabalho é esse né, eu não me arrependo, mas quem cura é Deus. Eu não trabalho com a linha negra (Deus me livre!), eu trabalho com a linha branca, só fazendo o bem mesmo. Vou te contar uma coisa, na minha casa já foi todo tipo de gente, vai pobre, vai rico, vai político antes da eleição (risos), vai gente que quer conseguir um emprego, gente que montou um comércio e quer vender mais, mulher

que quer voltar pro marido, marido que quer voltar pra mulher (risos), e eu vou atendendo todo mundo né, sempre fazendo minhas orações e pedindo que a mão de Deus esteja sempre comigo pra mim poder ajudar as pessoas (entrevista realizada no dia 29/04/2024).

Oliveira (1985) destaca o poder dos ritos de benzeção dentro da cultura popular, ressaltando sua eficácia na medida em que reforçam uma ideologia cultural específica. Esses ritos não se limitam a um aspecto isolado da pessoa, mas atingem sua identidade de forma integral, abrangendo o corpo, o espírito e as relações sociais.

## 2.6 Percepção religiosa sobre o ofício da benzeção

A prática da benzeção, enquanto expressão cultural e espiritual presente nas comunidades de Borba-Am, enfrentou muitos desafios e tensões no contexto da relutância do catolicismo tradicional e das igrejas evangélicas. No âmbito do catolicismo, essa resistência refletia o esforço histórico da igreja em centralizar e normatizar a prática religiosa, deslegitimando expressões que não se alinhavam à sua estrutura hierárquica e dogmática.

Apesar de a benzeção carregar elementos do catolicismo como o uso de orações cristãs e a invocação de santos, sua prática autônoma e desvinculada da supervisão clerical desafiava a autoridade oficial da igreja. Além disso, a forte presença de símbolos e rituais sincréticos, herdados das culturas indígenas e afrodescendentes, reforçava a marginalização dessa prática, muitas vezes tratada como superstição ou paganismo.

Muitas benzedadeiras que desempenhavam importantes papéis em suas comunidades como agentes de cura e líderes espirituais, eram vistas como ameaças à autoridade clerical. Essa resistência se acentuou com o fortalecimento de setores mais conservadores dentro da igreja, que preconizavam uma purificação do catolicismo popular e uma revalorização da liturgia formal em detrimento das expressões culturais e espirituais dos povos tradicionais.

Com o passar do tempo, a postura religiosa, especialmente da igreja católica, tem demonstrado uma abertura gradual para a construção de um novo cenário. Nesse contexto, percebe-se um nível paulatino de convivência harmônica entre os dogmas religiosos, historicamente considerados intocáveis e os saberes e práticas tradicionais presentes na região. Uma espécie de desregulação religiosa, um fenômeno que segundo Hervieu-Léger (2015), ocorre em contextos marcados pela modernidade, pluralismo e individualização, onde os sujeitos passam a construir trajetórias religiosas mais livres e fluidas.

Um exemplo significativo dessa integração pode ser observado durante os festejos alusivos à Santo Antônio. No encerramento da trezena, a igreja organiza uma grande missa

campal que reúne milhares de devotos em uma fervorosa manifestação de fé e devoção. Durante a celebração, os fiéis levam diversos objetos pessoais, como bolsas, camisas, bonés, terços, fitas, recipientes com água, ramos de plantas, óleos naturais, fotografias e imagens, para serem benzidos, reforçando a conexão entre práticas religiosas e tradições locais.

Essa flexibilidade se torna perceptível no depoimento do Padre Francisco (nome fictício), registrado durante as pesquisas de campo:

A questão da benzeção pode ser um dom de Deus, que Deus dá pra pessoa. Acredito que é da prática do bem pra curar uma doença, ou física, ou psicológica ou espiritual. Agora é algo assim, esse dom da benzeção é algo sobrenatural, é até inexplicável né, mas é algo que eu acredito que vem de Deus, esse dom que Deus dá para a pessoa né, se é para o bem, para cura da pessoa é claro que vem de Deus, agora eu só duvido (sei lá) quando é para o mal, mas se é para a pessoa ficar bem, se é para uma cura interior, para uma cura exterior, sabe, eu acredito que vem de Deus, que vem dele. Nem todas as pessoas têm esse dom né, esse dom que a pessoa tem eu acredito que ou ela nasceu ou ela adquiriu com passar do tempo ou ela procurou descobrir. Eu lembro que em 2007 eu fui fazer uma missão no rio Canumã e eu estava com muita dor de cabeça, mas com dor de cabeça mesmo, eu celebrei a missa, tava com um pouco de gripe também. Aí me falaram no seu João (nome fictício) que era o curandeiro, o pajé da comunidade, então eu fui lá, ele me benzeu e me curou mesmo, fiquei bom, fiquei são, na hora parou a dor de cabeça e até os sintomas da gripe sabe...eu testemunho isso! (entrevista realizada no dia 30/05/2024).

Hervieu-Léger (2015) adverte que a igreja, como instituição, precisa se reimaginar como uma facilitadora de jornadas espirituais individuais e comunitárias. Se abrir à diversidade de práticas e crenças e às novas demandas espirituais. Isso implica flexibilizar estruturas rígidas, dialogar com a modernidade e desenvolver estratégias que acolham a pluralidade.

O crescimento exponencial de ramificações evangélicas nas áreas rurais de Borba-Am, a partir da década de 1990, aliado à sua velada estratégia de adestramento espiritual, tem levado à marginalização dos saberes tradicionais, sobretudo àqueles que envolvem questões espirituais, com impactos relevantes na identidade comunitária. Benzedores e benzedoras continuam alvos de retóricas depreciativas, e, em alguns casos, sofrem hostilidade direta, que podem se manifestar, inclusive, em agressões verbais e exclusão social.

Ao desconsiderar a benzeção ou estereotipá-la como uma prática demoníaca ou pagã, essas igrejas não apenas reforçam sua hegemonia teológica, mas também contribuem para o desmonte de redes alternativas de solidariedade e espiritualidade. Essas práticas, associadas às culturas populares e às tradições locais, oferecem formas de apoio emocional, comunitário e espiritual que escapam às estruturas doutrinárias dessas instituições religiosas hegemônicas. Ao deslegitimá-las, busca-se enfraquecer os vínculos culturais e comunitários que conferem às populações locais maior autonomia espiritual e social, subordinando-as a um modelo único de

experiência religiosa.

No contexto das igrejas evangélicas, essa ideia pode ser observada na ênfase que essas denominações dão à narrativa bíblica como eixo central de sua identidade. Nesse sentido, a conversão religiosa deixa de ser interpretada como um rito de fé e se torna uma afirmação do comprometimento profundo do indivíduo com seus novos paradigmas religiosos e comportamentais. Uma reconfiguração identitária na busca por sentido e pertencimento personalizado.

O Pastor 2, ao falar sobre sua percepção quanto à prática da benzeção, destaca:

Sobre benzer vou te revelar uma coisa. Quando eu era menino, tinha acho que uns nove anos eu morava no interior. Nossa família ainda não era evangélica. Eu tava pescando de linha na beira do rio quando ouvi um boto boiar, ele fez um barulho que arrepiou todo meu o corpo, naquele momento fui pra casa muito triste. Umas seis horas já a noite, eu ouvia aquele barulho do boto boiando pra todo lado. Minha tia morava do outro lado do lago, era ela benzedeira. Minha vó me levou lá e ela me benzeu, nunca mais eu ouvi aquele barulho inexplicável. Eu acredito que tudo é possível sim, desde que a pessoa creia. Isso aconteceu comigo mano, esse fato né, na minha infância. Aí depois, aos quatorze anos que eu vim pra igreja e aceitei Jesus, como é dito aqui na linguagem evangélica, do povo evangélico. Daí passei a estudar a bíblia e a bíblia ensina de uma outra maneira sobre essas práticas né, mais nada contra. Eu sou uma pessoa que sou muito aberto pras conversas, pra gente dialogar e compartilhar as ideias (entrevista realizada no dia 13 de dezembro de 2024).

Em Borba-Am, existem casos de famílias tradicionais, cujas gerações inteiras vivenciaram a benzeção como alternativa de cura em suas comunidades. Todavia, após a conversão religiosa, tornaram-se indiferentes e até hostis a essa prática.

Hervieu-Léger (2015, p. 131), ao abordar a figura do convertido, argumenta que

na medida em que o contexto da secularização corrói as formas conformistas da participação religiosa, já desqualificadas pela valorização moderna da autonomia individual, a conversão é associada mais estreitamente do que nunca à ideia de uma intensidade de engajamento religioso que confirma a autenticidade da escolha pessoal do indivíduo. Converter-se é, em princípio, abraçar uma identidade religiosa em sua integralidade.

Indivíduos que migram de uma religião para outra, especialmente no caso de transições da igreja católica para denominações evangélicas, tendem a rejeitar as práticas ritualísticas que vivenciaram em seu grupo religioso anterior. Como resultado, toda fé construída anteriormente, inclusive fundamentada em experiências vividas e partilhadas, passa a ser considerada inválida no âmbito da nova perspectiva de fé e espiritualidade.

Essa perspectiva se alinha também ao depoimento do Pastor 1:

Antes da minha conversão eu ainda era muito jovem, mas convivi muito com a benzeção, inclusive fui até benzido várias vezes também. Tinha um tio que era muito procurado pra benzer nas pessoas. Naquela época não tinha muita alternativa, os benzedores eram os médicos das comunidades. Somente os casos assim considerados graves mesmo é que as pessoas corriam atrás de alguma embarcação para levar pra cidade. E era difícil encontrar. Primeiro, acho que não devemos confundir benzeção com macumba né. A macumba é frequentemente usada para práticas malignas, o que não pode ser aceito por nenhuma religião ou ramificação religiosa que tem em seu pilar a grandeza de Deus. Já a benzeção é um ato de benção, clamando a cura para uma pessoa que se encontra enferma. É uma coisa ainda muito presente na vida dos ribeirinhos né. Mas olha! Vou ser sincero com você, hoje eu buscaria uma outra forma de tratamento, não me refiro simplesmente ao fato de procurar um médico, porque esse é procedimento normal né, me refiro ao lado espiritual. As orações por exemplo quando realizadas em congregação são canais estreitos para alcançarmos a graça e a misericórdia de Deus. Por isso que o Apóstolo Paulo dizia que é preciso congregar. Mas não discrimino a benzeção não. Como falei, se a pessoa tem fé e acha importante isso na sua vida, não vejo problema algum, como não vejo maldade também nos benzedores que são pessoas humildes que nem cobram pelo que fazem. Mas hoje não aceitaria outra benção fora da igreja não (entrevista realizada no dia (12/11/2024).

A dessacralização, proveniente de uma nova ordem religiosa, enfraquece a conexão entre o ser humano e o sagrado, promovendo uma existência orientada exclusivamente pela racionalidade e sustentada por dogmas e paradigmas institucionalmente validados (Eliade, 1992).

O município de Borba-Am conta com um número considerável de igrejas evangélicas. No entanto, ao longo desta investigação, encontramos dificuldades para conseguir entrevistas com os líderes religiosos. Houve uma evidente resistência em compartilhar ideias e percepções sobre a temática abordada, mesmo com a garantia de total anonimato em relação às identidades e denominações religiosas. Essa postura, em parte, reflete a relutância de algumas religiões institucionalizadas em relação ao reconhecimento e à aceitação da benzeção como um saber tradicional que integra efetivamente as relações sociais nas comunidades amazônicas.

A crítica a essa resistência reside, portanto, na indisponibilidade dessas igrejas de dialogar com a pluralidade cultural e espiritual. Ao impor suas visões dogmáticas e universais, elas reduzem a autonomia das comunidades locais e a relevância da benzeção como prática que vai além do campo religioso.

Oliveira (1985) ao tratar da contribuição da benzeção na construção de um novo mundo, categoriza-a como uma prática social que se desenvolve no mesmo contexto de outras atividades, como as religiosas, médicas, educativas, de cuidado e de interação pessoal. Ela oferece uma alternativa de vida baseada em valores democráticos, contrapondo-se a um sistema de produção que é marcado pela exploração e pela desumanização, sustentado por uma lógica elitista que domina as formas de organização social e econômica.

## 2.7 Testemunhos e recorrência à prática da benzeção

Neste tópico, serão apresentados depoimentos de moradores das zonas rural e urbana do município de Borba-Am que buscaram a benzeção como recurso para a cura de seus males. Além disso, será analisado como os resultados dessas experiências têm contribuído para a continuidade e recorrência dessa prática enquanto alternativa de tratamento.

Até o início da década de 1990, era raro encontrar alguém nas comunidades tradicionais do município de Borba-Am que nunca tivesse sido atendido pelas mãos milagrosas de uma benzedeira, seja no ato do nascimento ou em algum outro momento de sua vida. No decorrer do tempo, essas experiências foram se consolidando como expressão de crença e fé no seio familiar, especialmente entre as populações de baixa renda, que habitam o complexo emaranhado de rios, lagos, igarapés e florestas que caracterizam a vasta geografia da região.

Esse fenômeno era intensificado pela precariedade dos serviços básicos de saúde. Sem acesso adequado aos tratamentos da medicina convencional, as pessoas encontravam na fé e na crença no poder mágico-curativo da benzeção uma alternativa para aliviar suas enfermidades, fossem elas de ordem física ou espiritual.

Portanto, quando uma criança adoecia, quando um caçador sofria um acidente na floresta, ou quando uma mulher enfrentava complicações no parto, era muitas vezes aos benzedores que primeiramente a comunidade recorria. Isso só era possível porque no universo da benzeção, benzedoiras, benzedores e comunidade constroem um ambiente de relações sociais pautado na confiança, na reciprocidade e na legitimidade desse ofício (Oliveira, 1985).

O Comunitário 3 quando perguntado se já recorreu à benzeção em algum momento de sua vida, detalha:

A gente morava numa comunidade dentro do lago do Ararí. Lá meu pai e minha mãe criaram todos nós. Colega... (pausa) que eu me lembre naquele tempo nunca vi um médico por lá. Quem fazia os partos era as parteiras mermo e quando aparecia alguma doença corriam atrás de um benzedor. Quando era um negócio mais grave como um golpe de terçado, machado ou quando pau caía em alguém (risos) que sempre acontecia isso derrubando roçado e o camarada não morria, era tudo curado com remédio do mato mermo, andiroba, copaíba, banha de sicurijú, mastruz e assim a gente ia levando. Hoje eu vejo essas viroses doida que dá por aí, colega é fila no hospital, no posto (UBS). Naquele tempo não tinha isso não, os velhos pegavam uma vassourinha benziam e pronto, noutro dia a criança tava boazinha. Até hoje eu acredito que a benzeção cura mermo. Um dia fomo varar uma canoa no furo que tinha lá, peguei um ferrada de arraia mano que quase me mijava de dor, ainda bem que era perto do rancho de uma velha dona Rosa (nome fictício) que também benzia, pulei na canoa meus irmãos arrocharam no remo e chegamos rápido lá. Nem subimos o barranco, meu irmão que correu lá pra chamar, ela desceu com um pião roxo, mandou eu deitar no porão da canoa e começou a benzer, colega aquilo foi passando, aliviando que peguei até no sono, me acordei a gente tava no porto de casa. Hoje já ta meio

difícil encontrar gente que benze, foram morrendo tudo né. Se eu tiver sentindo alguma coisa e puder ir num benzedor eu vou na hora colega, porque eu boto fé mermo, cansei de ver gente ser curada naquela época que como já disse não tinha médico não. Uma ferrada de arraian mano é dois dias doendo e depois inflama... rum! e aquela velha me benzeu noutro dia eu tava cortando juta sem uma dor no pé, te juro! (entrevista realizada no dia 14/06/2024).

Em Borba-Am, especialmente nas comunidades rurais, a recorrência à prática da benzeção se dá por diversos fatores. Entre eles, destaca-se, como já vimos, a dificuldade de acesso aos serviços de saúde, que leva a população a buscar nos saberes tradicionais, formas alternativas de tratamento. Além disso, a influência da tradição familiar desempenha um papel fundamental, visto que essa prática vem sendo transmitida ao longo dos séculos e assim vai se concretizando no seio familiar. Somado a isso, o cotidiano dessas comunidades reúne uma série de fatores biológicos e sociais que também contribuem para a manutenção dessa prática.

Oliveira (1985), ao analisar as motivações que levam as pessoas a buscar a benzeção, conclui que essa prática oferece respostas para problemas e anseios concretos, tanto pessoais quanto coletivos, os quais podem ser classificados em três níveis distintos. O primeiro nível diz respeito à relação do indivíduo com seu próprio organismo, onde surgem as doenças. O segundo envolve a relação do indivíduo consigo mesmo, abrangendo conflitos afetivos, conjugais e profissionais. Já o terceiro nível refere-se à conexão das pessoas com o sagrado, o místico, o espiritual e o transcendente, manifestando-se em perturbações, delírios, possessões, desejos e busca por sentido existencial.

Durante as pesquisas de campo, percebemos que o principal motivo que leva as pessoas a continuarem buscando na benzeção uma solução para seus males é a fé em sua eficácia. Aqueles que, de alguma forma, se sentiram curados por meio desse processo enxergam a experiência como uma demonstração de graça divina. Isso os torna profundamente gratos e fiéis à prática da benzeção. A fala do Comunitário 1 reforça essa percepção:

Em 1985 apareceu uma firma (empresa) aqui em Borba fichando cabôco pra trabalhar. Era a CBG. Era cabôco se fichando de todo jeito, que não tinha trabalho na época né e ela pagava bem, sem contar que tu ganhava saca de jabá, conserva, almôndega, soja, leite, nescau...eles davam um rancho com fartura pro pião. Eu consegui uma vaga e fui embora pro mato, lá pras bandas da BR 319. Colega já tava com uns dois meses lá, engoli uma espinha daquelas de peito de tambaqui, parece uma cruzinha assim. Lá tinha um helicóptero que ficava a disposição pra alguma emergência. Só que tinham levado ele pra manutenção. Tinha um enfermeiro também. Cara aquilo engatou na minha garganta além de eu não poder tomar nem água já tava prejudicando minha respiração também. Engatou mesmo! e eu desesperado resolvi comer uma banana com bem farinha pra ver se descia. Colega acho que foi daí que ela engatou ainda mais. O cara que era enfermeiro mandava eu abri a boca, metia o dedo acho que até no meio da garganta e focava pra lá e nada (rsrs), não achava nada. Nesse dia parou até o trabalho. Pensei que ia morrer mermo! Do lado da fazenda tinha uma vilazinha. E um cara de lá trabalhava com a gente. Eu ouvi quando ele falou “se a dona Joana (nome fictício) tivesse aqui esse caboco já tava bom”. Na hora me levantei e pensei que era

alguma doutora e perguntei dele quem era, aí ele falou que era uma velha que benzia e que morava na comunidade. O capataz pegou um jeep velho que tinha por lá e foi eu, ele e esse cara. Fomos direto pra casa da velha. Ela tava varrendo o terreiro da casa com uma rama dessas de cacho de açai. Aí ela veio o capataz contou pra ela o que tinha acontecido, ela foi lá dentro veio com uma toalha branca, um terço e uma plantinha na mão. Mandou sentar e ficou por trás de mim. Perguntou se eu conhecia São Brás, disse que já tinha ouvido falar. Ela começou a rezar e passar a toalha no meu corpo e a plantinha na minha garganta. Depois foi lá dentro trouxe um copo com água, acho que era até de barro aquele copo, mandou eu respirar fundo e em seguida tomar a água. Colega quase eu grito de alegria, não senti nada quando tomei a água. Engoli a saliva de novo e também não senti mais nada. Ela falou “pronto, pode voltar pro seu trabalho”. Abraçamos ela e fomos embora. No final do mês peguei todo o rancho que a gente ganhava e pedi pro capataz me levar de volta lá. Dei tudo pra ela. Fiquei muito amigo do cara também, mas não tinha esse negócio de celular né, até hoje não sei o paradeiro dele. De lá em diante vi que tem coisa que até gente estudado né, que estudou pra aquilo não consegue resolver. Tenho maior fé em benzeção, infelizmente hoje já não tem muito benzedor por aí, mas aquela velha me salvou. Quando sei onde tem um benzedor, mermo que não teja sentindo nada peço pra me benzer. Quando eu contava isso pras meninas lá em casa elas ficavam meio assim... Agora elas é que levam meus netinhos pra serem benzidos. Só vão no posto mermo quando o negócio é mais sério, que precisa de exame né (entrevista realizada no dia 03/05/2024).

A benzeção, como forma alternativa de tratamento multifacetada, não se resume a um simples remédio físico, mas se configura como uma prática que oferece um cuidado mais universalizado da natureza humana. Muitas pessoas ainda buscam a benzeção porque ela representa uma forma de realinhamento com os saberes tradicionais e com o sistema de crenças presente nas comunidades rurais de Borba-Am. Ela se baseia em um vínculo de confiança com as benzedeiras que genuinamente atuam como figuras de autoridade moral e espiritual nas relações comunitárias.

Em contraste com a abordagem padronizada e impessoal comumente adotada nos serviços de saúde pública, a benzeção oferece um acolhimento afetivo, humanizado, onde as pessoas sentem que estão sendo ouvidas e compreendidas em suas dores e sofrimentos. Para Oliveira (1985), a recorrência pela benzeção, mesmo em tempos de modernidade contemporânea, revela uma resistência à padronização mercantilizada dos tratamentos médicos convencionais.

O Comunitário 2 contribui para a compreensão dessa dicotomia nas relações de atendimento:

Quando nós chegamos aqui em Borba a gente morava ali do lado do pantanal. Lá perto tinha dona Ana (nome fictício) que fazia uma festa do gambá. Ela era benzedeira das boas meu mano. Qualquer coisa a gente corria pra lá. Nessa época eu tava aprendendo a trabalhar como ajudante de pedreiro. A gente tinha que se virar pra ganhar uma granazinha. Colega peguei uma queda de um cavalete que não sei como não morri. Isso foi mais ou menos em 86-87. Lembro que tinha um médico, doutor Antônio (nome fictício) se não me falha a memória. Meu irmão era um velho muito ignorante, ele mal olhava pro cara (risos). Ele mandou que deitasse e tal, examinou e

me encaminhou pra Manaus, porque ele falou que tinha uma costela que poderia ta quebrada e ter atingido algum órgão e na época o hospital não tinha recurso suficiente. Colega eu também não conseguia respirar direito, fora a dor que não passava. Mas como é que eu poderia ir pra Manaus meu irmão se a gente não tinha dinheiro e nenhum parente por lá que pudesse ajudar. Aí mamãe me levou lá na dona Ana. contei tudo pra ela, como tinha acontecido, ela me olhou, apalpou e falou “que nada! Não precisa ir pra Manaus não. Falou pra mamãe, tu vai trazer ele aqui durante nove dias seguido. Não tinha pra onde correr foi o jeito fazer o que ela tinha falado (risos). Eu ia lá e ela rezava com uma plantinha passando em todo meu corpo, quando terminava ela pegava um copo com água e mandava eu beber. Mano mais ou menos no sétimo dia eu já respirava bacana sem dor, no nono dia como ela falou, eu já tava bonzinho e tô aqui hoje pra contar a história, graças a Deus e a ela, que Deus a tenha. Eu tenho dois filhos já adulto que tem família e filhos também, vez ou outra eu levo meus netinhos numa benzedeira que tem lá perto de casa porque sinceramente mano, tem doença, principalmente em criança que uma benzeção resolve mais rápido do que esses remédios caros que tem por aí. Agora tem outras doenças que precisa de médico mermo né, eles que estudaram pra isso (entrevista realizada no dia 06/05/2024).

Ao relatar a experiência do Comunitário 2, não temos a intenção de criticar o atendimento médico prestado na ocasião. Pelo contrário, reconhecemos que o profissional agiu com prudência e racionalidade ao encaminhar o paciente para a capital do Estado, onde havia maior disponibilidade de recursos e serviços especializados. Essa decisão refletia, na época, as limitações enfrentadas pelo município, que contava com uma unidade hospitalar precária e sem condições estruturais adequadas.

A comparação entre os dois ambientes de atendimento é feita apenas de forma descritiva e analítica. De um lado, temos o ambiente hospitalar formal, pautado por normas e procedimentos protocolares, onde as relações interpessoais tendem a ser superficiais ou quase inexistentes. De outro lado, destaca-se o ambiente comunitário da benzeção, caracterizado pela informalidade, pela troca de experiências, pelo diálogo aberto, pela reciprocidade e pela construção de uma confiança mútua.

Em Borba-Am, a confiança estabelecida entre as benzedeadas e seus clientes desempenha um papel importante na recorrência da prática da benzeção. Observa-se um grau significativo de familiaridade, no qual o benzedor ou benzedeadas se torna uma presença constante na vida das pessoas, sendo tratado como um visitante habitual. Além disso, ele participa de momentos cotidianos das famílias, como pequenas comemorações e momentos de descontração, o que fortalece ainda mais essa relação de proximidade.

Uma evidência dessa relação de proximidade pode ser observada nas palavras do Comunitário 4:

Bem! Eu sou de uma família cristã, graças a Deus, católica em sua maioria, agora um pouco dividida entre católicos e evangélicos e a agente sempre teve essa ligação, vamos dizer assim né. Com a espiritualidade, então tudo que tem essa relação com

rezas, com orações, sempre foi muito bem vindo na minha casa, na minha família. Inclusive até hoje minha mãe que é minha vó que me criou desde os três anos de idade, até hoje ela tem um oratório na casa dela com seus santos e tudo mais. Então desde pequeno a gente aprendeu a crer nessas coisas, a crer na oração, no poder da oração e da reza. Aqui em Borba, aqui na nossa cidade, uma cidade pacata do interior, a gente sempre teve isso. Nós conhecemos alguns benzedores como a gente diz, pessoas que através de suas orações seja ela feita com algum objeto com algum tipo de ramo de vassourinha, de pião roxo enfim, umas guias de árvores, de plantas nas mãos as pessoas benziavam a pessoa que tava enferma, doente. Eu mesmo fui levado várias vezes pelo seu João Ramos (nome fictício) que era um cearense, que foi soldado da borracha e veio pra cá pro Amazonas e conhecia muito disso. Eu fui levado pra ele, várias vezes ele foi convidado até minha casa, tomava um cafezinho, conversava, contava algumas histórias e benzia ali a gente né que tava com uma febre, uma tosse, enfim, algo que remédio de farmácia não tava resolvendo então a gente partia pros caseiros. E aí ele rezava eu lembro que a gente criança né, se machucava muito e as vezes eu tive alguns machucados assim na perna, uma vez eu consegui cortar num prego, consegui cortar a canela no prego e aquilo no decorrer do processo lá teve um inchaço que eles chamavam de ezipla, que é quando infecciona por dentro, então ele benzia e aquilo magicamente, a gente fala assim né, aquilo sarava. Ia, desinchava... quando tinha uma coisa muito forte assim ele colocava uma andiroba com sal, entendeu, com água também as vezes com sal e molhava aquele ramo que ele usava pra benzer. Ficava fazendo cruzeiros assim pelo corpo da gente e falando as orações que ele sabia. Algumas coisas em latim, outras coisas só os básicos, eu percebia que ele rezava um pai nosso, uma ave maria...essas coisas! E com muita fé. Tinha um mistério que eu percebia que as vezes ele ficava um pouco assim abatido também quando o negócio tava forte, ele ficava abatido seu João Ramos, ele falava tá forte, é alguma coisa assim... assim, ele falava pra minha mãe que tinha que cuidar disso, disso. Enfim, era misterioso aquilo pra mim e ele benzia sempre assim. A mamãe tinha maior fé nele. A dona Maria do Rosário (nome fictício) até hoje ainda é viva, aqui na rua de casa, subindo. Hoje até a voz já é bem baixa, mas eu levei um filho meu mais novo, ele tava com uma gripe forte assim e não passava, a gente ficou preocupado porque já tinha febre. As vezes a gente diz que é quebranto também né, quando a farmácia não consegue resolver que é quando as forças negativas das pessoas passam pra criança indefesa, principalmente quando não é batizado, e eu levei pra dona Maria do Rosário e ela benzeu e ele ficou bom. Eu mesmo tive também, a gente chama de fogo selvagem né, mas na verdade é uma manifestação de um tipo de herpes, que é quando a imunidade tá muito fraca acaba criando as bolhas né, tipo uma queimadura no corpo né, e eu tive na costa e aquilo doía muito, meu Deus!, não desejo aquilo pra ninguém, parecia realmente que tinha sido queimado e ela benzia, eu ia lá ela benzia, ensinava o que tinha que fazer, entendeu, ela passava remédio, pegava a caneta mandava eu escreve ou ela mesmo escrevia, ela pedia alguma coisa virgem como tesoura, agulha. Não chegava a furar mas fazia ali umas orações em cima e aquilo foi sarando, graças a Deus sarou (entrevista realizada no dia 30/11/2024).

O Comunitário 5, ao relatar um acontecimento envolvendo um de seus familiares, reforça a estreita relação entre a comunidade e os benzedores, o que contribui para fortalecer a confiança na eficácia da prática da benzeção:

Desde pequeno lá por casa a gente foi benzido. A gente mora no rio Mapiá, numa comunidade chamada São Raimundo, mas temos casa aqui em Borba. Naquela redondeza, antigamente, tinha vários benzedores, mas o papai só levava a gente no seu Domingos (nome fictício), que já era conhecido lá em casa, e ele resolvia mermo. Não tinha médico não, esse negócio de Agente Comunitário de Saúde, não tinha nada disso. Tudo quanto era doença tinha que apelar pra benzeção mermo. Uma vez uma surucucu pico de jaca acertou o tio Aldo (nome fictício) que tava capinando um melancia que ele plantou. Era pequeno, acho que meia hectare. Isso era umas nove horas, logo de manhã, acho que ela saiu só pra se esquentar no sol (risos). Mano o

homem gritava de dor e aquilo foi ficando negro de uma hora pra outra, parece que tinham jogado um óleo quente na perna dele. Eu mais uns parentes lá, colocamos ele na canoa e se mandemo pra casa do seu Domingos. Colega ele benzeu, aquela dor foi acalmando, acalmando, ele dormiu bem de noite, mas de manhã de novo a dor voltou, ele gritava de dor e aquilo tava muito inchado já. Dessa vez foram buscar o seu Domingos na casa dele. Ele chegou e disse que alguém com olho “venenoso” ou alguma mulher menstruada tinha olhado pro titio. Que como ela não sabia quem era, era pra deixarem ele sozinho num canto lá, sem visita e ninguém da casa olhando a mordida, que durante três dias eram pra irem buscar ele na casa dele pra benzer. Nessa noite o titio dormiu melhor, amanheceu já sem dor também. Passaram mais uns dias buscando o velho lá e semanas depois ele já tava bom, trabalhando. Isso sem um remédio desses que a gente compra, foi a força da reza mermo! Ele terminava de rezar molhado de suor mano. Depois de benzer ele mandava o titio tomar um copo com água, passava mastruz que ele batia num pilãozinho e passava com um óleo que não lembro direito se era andiroba ou copaíba, eu acho. O pessoal de lá tudo ainda, quando tem alguma coisa corre atrás de um benzedor. É um dom que eles têm de Deus né, senão não curavam ninguém, porque pra isso tem médico, gente que estudou mermo né. Só que hoje já tem pouca gente com esse dom (entrevista realizada no dia 01/12/2024).

Os depoimentos dos comunitários, coletados durante a pesquisa de campo no município de Borba-Am, revelam as diversas razões pelas quais a benzeção continua sendo valorizada, respeitada e procurada como solução para males e sofrimentos. Entre essas razões, destacam-se a limitada acessibilidade à saúde pública em muitas comunidades rurais, as experiências positivas com tratamentos que geraram vitórias e graças alcançadas e as relações harmoniosas dentro da convivência comunitária, que fomentam afeto, respeito e confiança entre benzedores e benzedeadas.

Essas diversas condições convergem para o campo da fé, uma fé que persiste ao tempo, que une pessoas, que ampara em momentos de necessidade e que se perpetua no universo mágico e simbólico da benzeção, enquanto manifestação transcendental que continua a oferecer conforto e esperança àqueles que acreditam em sua eficácia.

### **CAPÍTULO III**

## **ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA SOCIOCULTURAL DAS BENZEDEIRAS NA MODERNIDADE CONTEMPORÂNEA**

Este capítulo, aborda as estratégias de resistência sociocultural das benzedadeiras na modernidade contemporânea e tem como objetivo identificar os principais desafios enfrentados pelas benzedadeiras na preservação de suas tradições, bem como as estratégias de resistência frente às profundas transformações sociais, culturais e científicas da modernidade contemporânea.

Começa com uma análise dinâmica e interativa das contribuições dos autores abordados nesta pesquisa, explorando seus pressupostos e buscando compreender os processos pelos quais as benzedadeiras articulam elementos como tradição e modernidade, sagrado e profano, resistência e adaptação.

Em seguida, apresenta um panorama sobre a atuação das benzedadeiras e suas interações com as comunidades locais, com ênfase em sua relevância cultural e espiritual, bem como sua representatividade social no cotidiano das pessoas. Na sequência, aborda a prática da benzeção em relação aos serviços de atenção básica de saúde prestados no município de Borba-Am.

Por fim, destaca os principais desafios para a preservação das tradições das benzedadeiras, analisando as estratégias de resistência que elas adotam em tempos de modernidade e grandes transformações sociais e científicas.

### **3.1 Tradição e Modernidade: análise dos pressupostos teóricos**

As tradições culturais desempenham um papel fundamental na compreensão do presente e na construção do futuro das sociedades. Elas constituem o acúmulo de saberes, costumes e práticas transmitidas de geração em geração, moldando a identidade coletiva de um povo e funcionando como uma ponte entre passado, presente e futuro.

Por meio de suas diversas interfaces culturais, é possível preservar a memória coletiva, compreender as dinâmicas sociais e valorizar as especificidades que conferem singularidade aos grupos sociais e à vivência dos indivíduos. Elas atuam como referências essenciais para enfrentar os desafios contemporâneos, guiando a formulação de soluções que valorizem as performances culturais de cada região.

Essas tradições oferecem uma compreensão profunda das raízes históricas e das

experiências humanas que moldaram as formas de vida e delinearam o processo de formação social dos povos antigos. Práticas como festividades, danças, culinária, linguagem, representações simbólicas e crenças religiosas revelam valores, modos de pensar e relações sociais que influenciam as sociedades ao longo do tempo.

As manifestações culturais dos povos indígenas e das comunidades tradicionais, por exemplo, não só contam histórias de resistência e adaptação, como é o caso das benzedadeiras de Borba-Am, mas também guardam importantes conhecimentos sobre a convivência harmoniosa com a natureza. Esses saberes têm potencial, inclusive, para inspirar soluções sustentáveis no enfrentamento das crises ambientais atuais.

As tradições continuam sendo relevantes patrimônios imateriais, através dos quais é possível projetar um futuro mais inclusivo, sustentável e consciente das raízes que fundamentam nossas sociedades. Entretanto, elas não são mais estáticas ou imutáveis, mas elementos que podem ser reinterpretados de forma dinâmica e reflexiva dentro das condições da modernidade. Sua preservação ou transformação dependerá de como se adaptam às demandas de um mundo em constante mutação, sem perder sua relevância e representatividade para os indivíduos e suas comunidades.

As benzedadeiras de Borba-Am, mesmo alheias aos recursos e inovações tecnológicas e à fluidez da informação advindas da modernidade, demonstraram uma formidável capacidade de adaptação. Apesar de não vivenciarem plenamente os avanços tecnológicos, haja vista serem mulheres de origens humildes e sem acesso à educação de qualidade, elas conseguiram ressignificar suas práticas, adotando novos padrões ritualísticos que atendem aos anseios de um público em busca de conforto diante das inseguranças e incertezas, características da modernidade em tempos globais.

Os dados coletados nas pesquisas de campo revelaram transformações significativas nas suas práticas de benzeção. Enquanto no passado as rezas e jaculatórias eram fixas e pré-determinadas para situações específicas, hoje elas são marcadas pela espontaneidade. As orações passaram a ser moldadas para atender às necessidades individuais de cada pessoa, considerando suas doenças, enfermidades e sofrimentos da alma.

Essa flexibilização possibilitou às benzedadeiras de Borba-Am expandirem significativamente o alcance de sua atuação, atraindo um número maior de clientes, ao mesmo tempo em que preservaram a relevância de sua prática em um cenário de intensas transformações sociais e culturais.

Hervieu-Léger (2015) destaca que embora a modernidade possa parecer uma força contrária às tradições, ela abre espaço para sua reinvenção e continuidade. A resistência das

tradições está, portanto, ligada à sua capacidade de adaptação e de se tornarem significativas em um mundo em constante mudanças e transformações.

O processo de resistência sociocultural das benzedeiras no município de Borba-Am diante da modernidade contemporânea, revela um fenômeno de preservação cultural, resiliência e readaptação de saberes tradicionais. Essas benzedeiras, figuras fundamentais no universo religioso e terapêutico na região, enfrentaram desafios significativos em um contexto de rápidas mudanças sociais, políticas e culturais.

Com a forte influência do catolicismo tradicional e do crescimento das denominações religiosas em Borba-Am, a partir da década de 1990, o espaço de atuação das benzedeiras foi significativamente reduzido. Esse contexto trouxe consigo uma tripla intolerância enfrentada por essas praticantes: econômica, cultural e religiosa. Muitas pessoas que antes acreditavam na eficácia da benzeção acabaram abandonando essa experiência ou continuaram participando de forma discreta, com receio de retaliações.

Frente às adversidades e à marginalização de seus ofícios, as benzedeiras de Borba- Am adotaram estratégias resilientes para garantir a continuidade de suas práticas e preservar sua relevância cultural. Contrariando previsões tendenciosas de algumas correntes modernistas que anunciavam o desaparecimento dessas tradições, elas reafirmaram seu lugar no patrimônio imaterial da região. Optaram por manter suas práticas de forma quase invisível, evitando conflitos diretos, mas sem abrir mão dos princípios que fundamentam sua atuação. Foi no amor, na caridade e no acolhimento que encontraram força para continuar. Esses valores, além de sustentarem suas práticas, também reforçaram a importância da benzeção como uma expressão cultural e espiritual resistente às transformações impostas pela modernidade e pelos novos paradigmas religiosos.

O crescimento da urbanização e o avanço da medicina científica trouxeram novas dinâmicas que desafiaram a continuidade desses saberes. A chegada da modernidade e o discurso científico sobre saúde e bem-estar minaram as bases das terapias tradicionais, colocando as benzedeiras em uma posição de resistência. Elas passaram a ser vistas como figuras do passado em um cenário onde a racionalidade científica se consolidava como a principal autoridade no processo de terapia e cura.

Ao longo do tempo, essas mulheres demonstraram notável capacidade de resistência e (re)configuração de suas crenças. Foram, aos poucos, incorporando novos saberes e dialogando, ainda que de forma tímida, com as práticas da medicina moderna em conjunto com suas orações e uso de remédios caseiros, adaptando suas rezas, jaculatórias e rituais às novas realidades sociais.

Hervieu-Léger (2015) considera que a modernidade, longe de ser antirreligiosa, cria novas formas de crenças e religiosidades que são mais fluidas e mais subjetivas, onde a escolha individual e a autonomia daqueles que creem são aspectos centrais.

Todavia, esse processo de adaptação ao novo pluralismo de crenças apresenta desafios significativos, pois exige que cada indivíduo não apenas reafirme a própria fé, mas também a justifique em um ambiente de crescente diversidade e competição religiosa. As benzedeiras de Borba-Am ao interagir com um público cada vez mais distante de suas origens culturais e religiosas, se veem obrigadas a reinterpretar suas práticas para torná-las mais acessíveis e compreensíveis para um novo público. No mesmo viés, a contemporaneidade impõe pressões sobre a manutenção da autenticidade dessas práticas, uma vez que as benzedeiras são constantemente questionadas sobre a eficácia de seus métodos diante dos avanços da medicina moderna.

A modernidade contemporânea não conseguiu apagar a importância social e cultural das benzedeiras, que continuam a ser um pilar fundamental no cuidado com a saúde mental e espiritual nas comunidades rurais de Borba-Am, especialmente em contextos de vulnerabilidade social.

Nesse sentido, a resistência sociocultural das benzedeiras pode ser compreendida a partir dos conceitos de modernidade e tradição, que são bases para entender as dinâmicas entre diferentes ordens sociais, especialmente no contexto das comunidades tradicionais, onde a prática da benzeção, enquanto dinâmica social, representa uma forma de resistência diante da crescente influência da globalização e das transformações sociais impostas pela modernidade.

A globalização, embora impacte significativamente as expressões culturais, também oferece um espaço plural onde as tradições buscam se reafirmar. No caso das benzedeiras, a preservação de suas práticas não se limita a resistir às pressões externas; elas também reinterpretam suas tradições, adaptando-as às novas realidades sociais e culturais que emergem.

Essa convivência entre tradição e modernidade exige uma postura crítica, que reconheça tanto as oportunidades quanto os riscos de homogeneização cultural e perda de diversidade. A adaptação das tradições no tempo é um testemunho de sua vitalidade, mas também um chamado à preservação ativa de saberes ancestrais em meio aos desafios contemporâneos.

A análise dessas informações e das transformações em curso, nos permite compreender as complexas interações entre o moderno e o tradicional, bem como as estratégias de adaptação e resistência que marcam a prática benzeção. Essas táticas se tornam um alicerce essencial para refletirmos sobre as implicações que a modernidade e a globalização têm na culturais e na identidade das comunidades amazônicas.

Estamos imersos em uma modernidade marcada pelo avanço tecnológico, pela globalização, pela voracidade do capitalismo e pela transformação acelerada das estruturas sociais. Um fenômeno que de acordo com Giddens (1991), representa um conjunto de práticas, estilos, modos de vida e formas de organização social que surgiu na Europa a partir do século XVII e com o tempo passou a influenciar outras partes do mundo em diferentes aspectos e contextos.

Um dos principais marcos da modernidade foi a valorização da razão e da ciência como instrumentos para compreender e transformar o mundo. Essa nova perspectiva promoveu o desenvolvimento do pensamento crítico e a busca por explicações racionais, desafiando crenças religiosas e práticas tradicionais que haviam predominado por séculos, dando início ao que Weber (2015) categoriza como “desencantamento do mundo”.

Além disso, a modernidade trouxe consigo a emergência de valores como a liberdade individual, racionalidade e progresso, que passaram a modelar as relações humanas e as organizações sociais. Esses aspectos exercem forte influência nas tradições culturais, e podem ser examinados tanto sob uma perspectiva negativa quanto positiva, evidenciando a complexa dinâmica entre tradição e modernidade.

De um lado, a modernidade tende a fragilizar as tradições culturais, especialmente aquelas que são transmitidas oralmente ou dependem de ritos comunitários para sua preservação, visto que a globalização, ao promover a padronização de hábitos e costumes, muitas vezes reduz a diversidade cultural, substituindo práticas tradicionais por tendências globais que não dialogam com os contextos locais.

Um exemplo disso são as línguas tradicionais, como as indígenas, que estão desaparecendo gradualmente, sendo substituídas por outros idiomas, o que resulta na perda de saberes e identidades. Ademais, a valorização do consumo e do individualismo, características da modernidade capitalista, pode enfraquecer a coesão social em comunidades tradicionais, diminuindo a relevância de rituais coletivos e práticas que unem as pessoas em torno de suas heranças culturais.

Por outro lado, a modernidade também proporciona ferramentas poderosas para a preservação e valorização das tradições culturais. Tecnologias de registro como fotografias, vídeos e plataformas digitais, permitem documentar práticas culturais que poderiam desaparecer com o tempo. Essas ferramentas também oferecem a possibilidade de divulgar essas tradições em escala global, gerando interesse, apoio e investimentos de públicos mais amplos e diversificados.

Movimentos contemporâneos de resgate cultural, muitas vezes impulsionados por redes

sociais e iniciativas comunitárias ou acadêmicas, têm mostrado como é possível usar os recursos da modernidade para revitalizar tradições que estavam em declínio. O turismo cultural, por exemplo, tem se tornado uma forma de valorizar e gerar renda para comunidades, ao mesmo tempo em que compartilham suas tradições com o mundo exterior.

Assim, a modernidade e a secularização não resultaram, necessariamente, no completo abandono do passado, mas sim em uma reinterpretação dos saberes tradicionais, ajustando-os às demandas do contexto contemporâneo. A realidade histórica e social demonstra que, longe de serem extintas, as tradições têm demonstrado uma surpreendente capacidade de resistência e reinvenção.

Peter L. Berger, renomado sociólogo da religião, levou vinte e cinco anos para reconhecer que a teoria da secularização era empiricamente insustentável. Em sua obra "Os múltiplos altares da modernidade – rumo a um paradigma da religião numa época pluralista", admite ter cometido um grande equívoco ao acreditar que o pluralismo moderno alimentaria a secularização, resultando no enfraquecimento e na redução das práticas religiosas. Na verdade, o pluralismo amplia as possibilidades individuais, oferecendo acesso a uma diversidade de opções tanto de crenças quanto de condutas sociais normativas (Berger, 2017).

Para Giddens (2002), à medida que as tradições perdem sua influência e a vida cotidiana passa a ser moldada pela interação entre os aspectos culturais e sociais específicos de um lugar e as influências globais, como as tecnologias e tendências internacionais, as pessoas se veem diante de uma maior variedade de opções para escolher o seu estilo de vida. Em outras palavras, o enfraquecimento das tradições e a crescente mistura entre o que é local e global forçam os indivíduos a reconfigurar seus novos paradigmas de vida.

Aspectos fundamentais abordados nesta pesquisa, como a liderança carismática e constituição como agentes populares de cura, evidenciam que as benzedadeiras de Borba-Am se reinventaram como líderes comunitárias. Mulheres que, outrora, viviam reclusas em seus mundos interiores - a exemplo de Dona Nila, apresentada no primeiro capítulo desta dissertação - tornaram-se pontos de referência social e espiritual. Elas conquistaram o respeito e a reverência da população, atuando em um campo que transcende as alternativas tradicionais de tratamento físico e emocionais.

Ao mediar conflitos, oferecer conselhos em momentos de tensão e desafios, e preservar o equilíbrio, a ordem e a paz em circunstâncias adversas em suas comunidades, essas mulheres adotam estratégias de resistência que fortalecem a legitimidade e a continuidade de suas práticas. Essa reinvenção não apenas assegura a sobrevivência de suas práticas, mas também reafirma o papel fundamental das benzedadeiras na dinâmica social e espiritual da comunidade.

Ao contrário da tradição, que se caracteriza por uma teia de padrões comportamentais estáveis e consolidados ao longo do tempo, a modernidade surge como um processo marcado pela fluidez e pela constante transformação. Um leque de incertezas, perigos e inseguranças que atravessam o cotidiano dos indivíduos, independentemente de onde estejam. Seguindo o raciocínio de Giddens (1991), a modernidade não é uma característica exclusiva de uma região ou nação, mas um fenômeno que transcende fronteiras geográficas criando interdependências globais.

Essa insegurança reflete a maneira como a sociedade moderna se estrutura em um mundo impulsionado por profundas transformações sociais, científicas e econômicas. Na era da globalização, essas transformações não apenas impactam as raízes culturais e os valores que outrora sustentavam os laços comunitários, mas também desestabilizam as estruturas de vida e alteram as formas de organização política e social.

Bauman (2001) exemplifica esse panorama, no qual as relações sociais, os empregos e até as identidades se tornam efêmeros e incertos. Para o autor, o indivíduo moderno, na busca por se adaptar a essa realidade em constante mutação, enfrenta desafios como o isolamento, a ansiedade e a necessidade incessante de se reinventar.

A fluidez social trazida pela modernidade intensifica as incertezas vivenciadas no cotidiano, o que, por sua vez, contribui para a recorrência à prática da benzeção no município de Borba-Am. Diante de uma multiplicidade de formas de buscar respostas para as questões fundamentais da existência humana e suas necessidades, as pessoas tendem a explorar novas experiências que escapam ao domínio das instituições formalmente validadas. Esse movimento as direciona para o campo do místico, do imaginável e do sagrado, dimensões que são indissolúveis da prática da benzeção.

O avanço tecnológico e científico promove uma reconfiguração das relações humanas e das dinâmicas sociais, resultando em um cenário onde o novo constantemente substitui o antigo, gerando tensões entre inovação e preservação. Há uma nova realidade repleta de imagens, estímulos ao consumo, avanços tecnológicos, criações inovadoras e uma ampla variedade de produtos.

Tudo isso é potencializado pelo fácil acesso proporcionado pelas mídias digitais e pela intensa circulação de informações. Isto tanto abre possibilidades para o progresso e a emancipação individual, como também intensifica o sentimento de fragilidade e dependência, visto que os referenciais do passado perdem força diante da volatilidade do presente.

O desafio central consiste em equilibrar os benefícios proporcionados pela modernidade com a preservação das tradições culturais. É necessário adotar estratégias que protejam esses

saberes dos excessos da homogeneização global, enquanto se aproveitam as oportunidades oferecidas pelas inovações científicas e tecnológicas.

Nesse contexto, a formalização das políticas públicas deve ser no sentido de assegurar que o avanço da modernidade, em contornos científicos e sociais, não seja um vetor de ruptura cultural capaz de dissolver práticas ancestrais e substituí-las por valores homogeneizantes, como difundiram, no passado, iluministas e positivistas.

O iluminismo, movimento que promoveu uma visão de mundo baseada na razão, no universalismo cultural e na emancipação intelectual criticava a autoridade tradicional, especialmente as crenças e os dogmas das religiões organizadas que, em sua visão, eram mecanismos de controle social que perpetuavam o obscurantismo, a ignorância, cerceavam o progresso humano e prendiam os indivíduos a doutrinas e práticas irracionais.

De acordo com Berger (2017), os iluministas equipararam a religião à superstição, algo que seria varrido do tecido social pela luz fulgente da razão, visto que a continuidade de certas tradições culturais e religiosas era vista como um obstáculo à edificação de uma sociedade mais racional e progressista.

O positivismo reforçou a confiança na ciência como instrumento para organizar e compreender a sociedade, adotando uma visão em que o progresso humano deveria seguir um caminho linear, onde as sociedades transitassem de estágios teológicos e metafísicos para um estágio mais avançado, caracterizado pela razão e pelo conhecimento científico.

Hervieu-Léger (2015), ao explicar a complexidade das relações entre modernidade e tradição, pondera que

a primeira característica da modernidade é colocar à frente, em todos os domínios da ação, a racionalidade, ou seja, o imperativo da adaptação coerente dos meios aos fins que se perseguem. No plano das relações sociais, isto significa que os indivíduos, deveriam, em princípio, manter seu status social em função apenas de sua própria competência, adquirida pela educação e a formação e não como herança ou por atributos pessoais. No âmbito da explicação do mundo e dos fenômenos naturais, sociais ou psíquicos, a racionalidade moderna exige que todas as afirmações explicativas respondam a critérios precisos do pensamento científico.

As tradições são muitas vezes relegadas ao papel de vestígios de estágios anteriores ao processo de evolução social. Embora Augusto Comte, um dos principais positivistas, reconhecesse a importância de algumas tradições para a ordem social, o positivismo tendia a valorizar mais as estruturas racionais e científicas do que os elementos culturais tradicionais, que eram vistos por essa corrente filosófica como resquícios de um passado que precisava ser superado.

Diante desse entrelaçamento entre a força das tradições e o impacto transformador da modernidade contemporânea, as benzedeiras de Borba-Am se mantiveram firmes em sua missão, desafiando muitas correntes modernistas que acreditavam que as tradições não seriam capazes de resistir ao impacto das grandes transformações causadas pela modernidade e pela globalização.

Berger (2017) argumenta que a era da modernidade contemporânea, salvo raras exceções, revela-se tão profundamente religiosa quanto qualquer outro período da história da humanidade. As principais crenças e tradições religiosas não apenas permanecem vivas, mas também impulsionam movimentos vigorosos de renovação e adaptação, reafirmando sua relevância no mundo atual.

O processo de resistência das benzedeiras de Borba-Am é um exemplo disso, pois vai além da simples preservação de sua missão ao longo do tempo e do espaço. Trata-se de uma reconfiguração de um saber que se consolida como uma dinâmica social efetiva na vida e na história das comunidades tradicionais amazônicas. Esse desafio exige resiliência, força interior e uma capacidade constante de se reinventar, superando as adversidades impostas pela modernidade.

Não existe uma fórmula ou um manual que forneça os procedimentos necessários para que essas mulheres e suas práticas não sejam absorvidas pelas transformações do tempo. A prática da benzeção é sustentada pela eficácia que ela demonstra, reconhecida e legitimada por aqueles que já experimentaram os benefícios da cura e da graça alcançada. A confiança depositada nesse saber tradicional provém da vivência daqueles que, ao passarem pela experiência de cura, validam e reforçam o poder dessa prática dentro de suas comunidades. É esse reconhecimento que confere à benzeção sua relevância e continuidade, transformando-a nesse amálgama de saberes e simbologias que, como alertou Oliveira (1985, p. 92), “cria esperanças e forja reciprocidades”.

A pesquisa de campo que fundamenta esta dissertação destaca um aspecto singular: a formação de uma benzedeira no município de Borba-Am não acontece por meio de oficinas, assembleias, grupos formais ou pela simples transmissão familiar do conhecimento. Além disso, a prática da benzeção não é orientada por um conjunto fixo de preceitos ou doutrinas institucionais. Trata-se de uma missão que se manifesta no domínio do divino, do sagrado, no qual a escolha não se dá pela via da nomeação humana, mas pela manifestação divina. Nesse sentido, a resistência das benzedeiras de Borba-Am vai além de aspectos sociais, políticos ou econômicos; ela é um fenômeno imanente, que se recria e se fortalece na alma, no espírito, nos desejos e na esperança das pessoas.

Em uma sociedade marcada por profundas desigualdades sociais, culturais e econômicas, elas se consolidam como guardiãs de um saber que valoriza a dignidade humana, a solidariedade e a harmonia com o meio ambiente, promovendo uma experiência sólida e afetiva de relações sociais. Assim, a benzeção permanece como um campo dinâmico onde se entrelaçam crenças, significados e se constroem novas cosmovisões no mundo moderno.

### 3.2 (Re)configurações da benzeção: entre tradição e modernidade

A análise das benzedeiras na modernidade contemporânea requer uma abordagem complexa, que considere diversas perspectivas teóricas. Essas visões destacam a relevância das práticas tradicionais diante dos desafios de um mundo cada vez mais secularizado e plural.

A cura pela fé, como uma prática muito particular enraizada em tradições populares, reflete uma intersecção entre religião, cultura e identidade. Um locus de resistência cultural e de articulação do conhecimento comunitário contra as estruturas racionais da modernidade (Bauman, 2001).

Por outro lado, a modernidade, influenciada pelo Iluminismo e pelo pensamento científico, busca entender o mundo por meio da razão, da lógica e de relações de causa e efeito. Práticas como a benzeção, que envolvem elementos simbólicos, rituais e a crença no poder de cura espiritual, são vistas como não científicas e, portanto, incompatíveis com o pensamento moderno. A modernidade, de acordo com Weber (2015), envolve um processo de desencantamento do mundo, pelo qual a religião é cada vez mais relegada para o lado privado da vida, separada das esferas públicas e limitada a elementos individuais e subjetivos.

Essa ideia é evidente no tratamento dado às benzedeiras. Embora muitos considerem suas práticas como algo pertencente ao passado, elas permanecem ativas, desempenhando um papel importante como espaço de resistência cultural, construção identitária e como dinâmicas sociais vivas na rotina dos povos tradicionais.

Para Krenak (2022), os saberes ancestrais, por meio de uma variante do empirismo e do conhecimento espiritual, desafiam a lógica do capitalismo e a mercantilização da vida e que a resistência à homogeneização cultural é necessária para conservação desses saberes e suas práticas. A benzeção, nesse contexto, vai além de um ritual curativo. Ela expressa uma visão de mundo em que a integração com a natureza e a comunidade é considerada fundamental.

Ao fortalecer os laços entre os indivíduos, sua terra, seus costumes e suas tradições, a benzeção se coloca em oposição às forças que buscam romper esses vínculos em nome do progresso e da homogeneização cultural.

Ribeiro (2017) considera que o contexto de pluralidade religiosa e cultural em que uma benzedeira atua é um cenário no qual as formações mais tradicionais estão constantemente se reinventando para poderem subsistir na diversidade que cada vez mais caracteriza o mundo de hoje. Esse princípio pluralista indica que as religiões só podem sobreviver se puderem dialogar com outras tradições e se adaptar com novas realidades sem perder suas raízes.

Esse processo de entrincheiramento é o que demonstra como as benzedeadas operam a resiliência ao se apegarem às suas práticas condicionais, ao mesmo tempo em que incluem algumas facetas contemporâneas para satisfazer uma sociedade em constante mutação.

Trabalhos como o de Weber (2015) sobre a sociologia das religiões nos convidam a refletir sobre como práticas religiosas persistem em um mundo amplamente moldado pela secularização. Segundo o autor, os processos de pluralização e fragmentação promovidos pela modernidade não implicam, necessariamente, o desaparecimento de formas religiosas tradicionais. Pelo contrário, essas formas frequentemente demonstram resiliência e capacidade de adaptação frente às transformações sociais contemporâneas.

Em vez disso, a pluralidade pode, de fato, revitalizar as formas tradicionais, ao proporcionar soluções e significados que as grandes narrativas religiosas institucionalizadas não transmitem. Essa percepção é completada por Eliade (1992) quando explora a qualidade sagrada do mundo e como o sagrado se manifesta em superfícies ordinárias em meio à modernidade, mesmo quando secularizada.

Bauman (2001) fornece uma compreensão do porquê as benzedeadas persistem. De acordo com o autor, a modernidade líquida embarca em uma busca contínua por segurança e identidade diante da incerteza. A prática da cura pela fé proporciona um espaço onde a reconexão e a estabilização das experiências individuais e coletivas se tornam possíveis. Esse processo ocorre por meio do preenchimento de lacunas deixadas, em grande parte, pelas instituições religiosas formais, que frequentemente demonstram pouco interesse ou engajamento com as realidades cotidianas das comunidades. Nesse sentido, as benzedeadas não curam apenas corpos, mas também tecem laços comunitários e reforçam um senso de pertencimento e continuidade histórica (Ribeiro, 2017).

A abordagem de Del Priore (2014) sobre a história do sobrenatural e do espiritualismo no Brasil é fundamental para compreender como a cura pela fé se insere em contextos mais amplos de práticas religiosas e espirituais. A autora analisa como, ao longo do tempo, essas manifestações de cura pela fé deram origem a uma complexa teia de sentimentos que escapam às classificações e rótulos tradicionais do julgamento moderno.

Para ela, a modernidade se manifesta na constante simbiose entre o sagrado e o

mundano, o tradicional e o novo, que ocorre em diferentes níveis da sociedade. Por exemplo, Berger (2004) apontou que mesmo em um quadro de pluralidade e secularização, a religião continua a ser uma grande fonte de oferta de um quadro de referência significativo que vincula o indivíduo a algo maior.

As benzedeadas, por meio de seus rituais e orações, constroem um dossel sagrado que protege e direcionam a sociedade em tempos de turbulência, reafirmando o lugar do sagrado no mundo secularizado. Essa interface entre o tradicional e o moderno faz parte da robustez das práticas culturais que se recusam a se extinguir sob a pressão da modernidade.

Para Krenak (2022), o futuro é retornar às raízes, ser capaz de vencer desafios com base na sabedoria desenvolvida coletivamente pela humanidade. Esta é provavelmente uma maneira racional de definir como as benzedeadas mantêm tal sobrevivência em um mundo que apresentou uma visão fragmentada e utilitária da existência.

Eliade (1992) observa que as benzedeadas provam ser representantes das formas de manifestação do sagrado, onde a racionalidade moderna é deixada para trás; pois elas incorporam rituais que estão além da compreensão lógica. A partir desse ponto, a manifestação do sagrado no cotidiano, mesmo quando disfarçada por uma estratégia secular, revela que, ao menos para o ser humano, a busca por sentido e transcendência nunca é abandonada.

É basicamente isso que Weber (2015) quis dizer quando afirmou que é bastante impressionante ver como os religiosos e as práticas espirituais encontram uma saída, se reorganizam e desenvolvem novas formas de expressão mesmo em um mundo tão desencantado e racionalizado.

No mesmo viés, Hervieu-Léger (2015) pondera que em tempos de secularização a globalização e a disseminação de diferentes culturas e crenças geram uma dinâmica de “passeio” entre várias tradições, onde os indivíduos podem caminhar entre diversas tradições, adaptando e reformulando suas crenças de maneira fluida e complexa.

Portanto, a prática da benzeção, pode ser entendida como algo que vai além da cura física e fala de preocupações mais amplas de identidade, pertencimento e resistência cultural. Em um contexto cada vez mais secular e diverso, é um ponto de contato entre a construção do passado e do presente, uma ponte do sagrado para o profano que permite que as comunidades reafirmem suas tradições e enfrentem os desafios da modernidade.

Conforme reforça Krenak (2022) ao dizer que essas práticas não devem ser consideradas ultrapassadas, mas sim fontes de renovação e inspiração para uma sociedade que deseja pensar alternativas ao modelo dominante de progresso e racionalidade.

As benzedeadas, por meio de suas práticas, trazem de volta o fator místico à vida

cotidiana e demonstram que a espiritualidade e os vínculos com tradições pré-capitalistas que ainda podem conferir significado e senso de propósito, são viáveis mesmo em um mundo globalizado e desencantado. É isso que, de acordo com Bauman (2001), descreve a busca por novos significados em um mundo líquido, onde a certeza é transitória e a busca por encontrar estabilidade se torna uma perseguição contínua.

Dessa forma, as benzedeiras contemporâneas estão se apegando às práticas transmitidas pelas gerações e ressignificando seu trabalho em um mundo que busca equilíbrio entre modernidade e raízes culturais. Elas ilustram o pluralismo em um cenário secularizado em que resistência e reconfiguração podem ser extraídas da fé e da espiritualidade.

### 3.3 A atuação das benzedeiras e as relações com as comunidades locais

A análise dos serviços prestados pelas benzedeiras e sua relevância para as comunidades rurais do município de Borba-Am é essencial para compreender como as práticas tradicionais, embora inseridas em um contexto cada vez mais marcado pela modernidade e secularização, mantêm seu significado e importância. A benzeção transcende suas dimensões empiricamente verificáveis, integrando-se a um conjunto cultural e espiritual que proporciona suporte emocional e simbólico. Por meio desse contexto, as comunidades encontram recursos para preservar e sustentar suas práticas e valores.

Para Berger (2004), a religião e, portanto, suas práticas derivadas, são especificamente um dossel sagrado, fornecendo aos indivíduos uma estrutura de significados que constituem coesão social e estabilidade emocional.

Em Borba-Am, um município de rica diversidade cultural, as benzedeiras não são apenas agentes populares no processo de cura; elas representam símbolos da continuidade de um sistema de saberes tradicionais que se mantém resiliente diante das pressões do desenvolvimento moderno e da racionalidade instrumental da ciência. Atuam como mediadoras entre o mundo visível e um poder místico, recriando o espaço-tempo para integrar a experiência espiritual à vida prática das comunidades.

Tomando como referência o papel desempenhado pelas benzedeiras nas comunidades rurais, elas podem ser compreendidas como um elo entre o sagrado e o profano, conforme a definição de Eliade (1992). Essa perspectiva encontra ressonância na reflexão de Krenak (2022), que destaca como as práticas dos curandeiros, articuladas à sua vivência cotidiana, estabelecem uma interação que permite o contato direto com as atividades ordinárias da comunidade.

A familiaridade das benzedeiras de Borba-Am, junto aos comunitários é uma característica singular que influencia diretamente na forma como elas conduzem suas terapias de cura nas comunidades onde atuam. Essa proximidade cria uma relação que, em alguns casos, lhes permite antever tratamentos específicos para determinadas situações.

Tal habilidade não faz parte de um padrão de comportamento previamente estabelecido ou sistematizado por elas, mas se manifesta de maneira espontânea, como reflexo do acolhimento, do afeto e da liberdade de expressão que disponibilizam àqueles que as procuram.

Nos rituais de benzeção, o benzido tem a oportunidade de falar tanto sobre suas doenças, enfermidades e transtornos emocionais ou espirituais, como também de compartilhar aspectos de sua vida, como questões familiares, relacionamentos, sonhos, desejos e frustrações, algo incomum no sistema formal de saúde e nas relações entre médicos e pacientes

Todo esse relato é ouvido com atenção e sensibilidade pela benzedeira, que busca, a partir dessa escuta, oferecer a melhor solução possível. Esse acolhimento profundo é resultado de um vínculo social construído e fortalecido ao longo do tempo, fundamentado nas experiências compartilhadas e na confiança mútua.

Assim, a prática das benzedeiras em Borba-Am transcende a dimensão terapêutica, configurando-se como uma expressão de afinidade e relevância cultural. Trata-se de uma atividade que não apenas simboliza a tradição local, mas também desempenha um papel significativo na vida cotidiana do povo borbense, reafirmando laços de solidariedade na comunidade.

Embora Weber (1999), defenda que na modernidade o “desencantamento do mundo” é o processo histórico pelo qual as explicações mágicas, míticas e religiosas foram gradualmente substituídas por explicações racionais e científicas, especialmente com o avanço da globalização e do capitalismo. Em Borba-Am ocorre justamente o oposto. As benzedeiras continuam tendo um papel fulcral em suas comunidades ao proporcionar uma visão mágica e transcendente sobre a natureza humana.

As benzedeiras entendem a benzeção como algo que vai além do cuidado físico, abrangendo também as dimensões emocional e espiritual do indivíduo. Para elas, a doença não é vista apenas como uma condição fisiológica, mas como um fenômeno complexo, ligado a fatores emocionais e espirituais como tristeza, decepções, possessões, feitiçarias e transtornos da alma.

Ribeiro (2017) afirma que a análise do ofício das benzedeiras em suas comunidades deve levar em consideração a visão do pluralismo religioso e cultural. Isso pode, de acordo com autor, permitir que práticas religiosas e espirituais tradicionais encontrem seus espaços de

ação em meio a um ambiente de pluralidade crescente, por meio da adaptação e do diálogo com outras formas de religiosidade.

A perspectiva de Del Priore (2014) considera o contexto das práticas sobrenaturais e espiritualistas essenciais para compreender a importância das benzedeiras nas comunidades onde atuam. Segundo a autora, as práticas espirituais, em qualquer contexto, sempre estiveram associadas a outras expressões religiosas, funcionando como formas pelas quais as comunidades buscam conforto diante de suas mazelas e sofrimentos.

Em Borba-Am, a convivência entre diferentes espiritualidades encontra sua expressão mais acessível e concreta no ofício das benzedeiras. Por meio da medicina popular, da espiritualidade e das crenças locais, essas mulheres, dotadas de dons espirituais únicos, atuam como verdadeiras guardiãs da fé, oferecendo conforto e acolhimento. Sua presença se destaca, mesmo diante da diversidade de denominações religiosas existentes no município. Elas representam raízes de esperança em um mundo cada vez mais desencantado, excludente e opressivo.

Apesar de enfrentarem uma diversidade de influências religiosas que se opõem a elas, as benzedeiras não apenas preservam e se conectam aos legados de seus ancestrais, mas também incorporam novos elementos, essenciais para sua sobrevivência e constante adaptação. Oliveira (1985, p. 99), ao tratar da contribuição da benzeção na construção de um novo mundo, destaca que

enquanto prática social exercida no mesmo campo de relações no qual se processam outras práticas sociais-religiosas, médicas, educacionais etc. – talvez mais do que essas, a benzeção traga uma forte proposta de vida democrática, dentro de um modo de produção desumano e expropriador, que se articula em cima da linguagem da produção elitizada.

Durante as pesquisas de campo, observou-se que até mesmo as crianças, apesar de seu limitado poder de discernimento, demonstram respeito e reverência pelas benzedeiras. Pode-se deduzir, então, que a relação entre as benzedeiras e a comunidade é fortalecida pelo afeto e pela crença coletiva de que elas são seres especiais, dotadas de qualidades subjetivas que transcendem o ordinário e o terreno.

Para Krenak (2022), o exercício dos saberes tradicionais é um dos modos de oposição à razão utilitária, que renega a maioria das tradições e formas de conhecimento ancestral. Essa perspectiva, complementa o que foi deduzido por Eliade (1992) quando percebe que o sagrado é capaz de se infiltrar no mundo profano e reorganizar as relações sociais para incluir uma experiência de vida unificada de aspectos espirituais e materiais.

Em Borba-Am, a missão das benzedeiras pode ser interpretada também como um reflexo da carência de infraestrutura médica adequada em diversas comunidades rurais. Nessas localidades, onde o acesso a serviços de saúde formal ainda é limitado, essas práticas tradicionais oferecem uma alternativa valiosa, unindo elementos de cura física e espiritual, e atendendo às necessidades da população de maneira integrada e acessível.

Isto se torna um fator essencial para manter o bem-estar nas comunidades, pois reflete uma prática que não é apenas religiosa mas culturalmente significativa. O próprio fato de as benzedeiras serem capazes de combinar diferentes elementos de cura com rituais específicos no universo da medicina popular, mostra um conhecimento em um nível empírico que questiona as divisões entre ciência e religião (Del Priore, 2014).

A atuação das benzedeiras nas comunidades de Borba-Am evidencia como uma reserva do sagrado e do profano oferece um senso de continuidade e resistência em um mundo marcado por constantes mutações. De acordo com Eliade (1992), espaços comuns podem ser transformados em locais de significado religioso por meio do sagrado, e é exatamente isso que as benzedeiras fazem com o ato de curar, tornando-o mais do que apenas uma experiência material. Tais práticas ajudam a manter um senso de identidade que resiste às forças desintegradoras da modernidade e da globalização.

Segundo Ribeiro (2017), o princípio do pluralismo é fundamental para compreender como, em um mundo cada vez mais diversificado culturalmente, se mantém a relevância de práticas religiosas minoritárias, como as benzedeiras.

Essa riqueza cultural e espiritual mostra as maneiras pelas quais a coexistência e o reforço mútuo entre diferentes práticas são possíveis. As benzedeiras de Borba-Am, ao longo do tempo e em diferentes contextos, além de contribuírem para a construção de uma identidade singular, também se destacam como elementos fundamentais para a manutenção dos tecidos culturais e sociais dentro das comunidades tradicionais do município.

Outro aspecto na atuação das benzedeiras é que ela nos possibilita ver as relações entre o humano e o não humano que, como destaca Krenak (2022), assume-se como o fundamento da existência e da própria vida das comunidades, onde o não humano está implicado em uma dimensão cotidiana. Assim, as benzedeiras assumem seu lugar como intermediárias do sobrenatural com o humano, seja através da medicina popular ou pelo ato espiritual de benzer, curar e proteger.

A resiliência cultural das benzedeiras no domínio da modernidade sobre o mundo, se dá como evidência da capacidade de adaptação e renovação das práticas tradicionais. Em um mundo incerto, a intensidade da busca por sentido e necessidade de pertencimento é ampliada,

e as práticas espirituais fornecem um refúgio diante da fragmentação social.

As benzedeiras de Borba-Am desempenham uma função essencial na preservação da memória coletiva e na promoção de uma visão de mundo que valoriza o mundo espiritual e as relações comunitárias. O estudo de suas práticas revela que elas exercem uma missão valiosa na vida e na história das comunidades locais, representando, simultaneamente, atos de resiliência, adaptação e convivência social.

Embora a modernidade e as transformações nas práticas religiosas tenham provocado mudanças significativas, as benzedeiras de Borba-Am persistem em seu ministério. Seguem criando, no tempo e no espaço novas estratégias de resistência. Suas ações são orientadas, sempre, para construção de uma convivência harmoniosa e pacífica, contribuindo para a manutenção da identidade e do equilíbrio social em suas comunidades. De acordo com Oliveira (1985, p, 74),

o ofício da benzeção é um dos momentos em que a benzedeira propõe uma releitura da religião e da medicina através de uma relação de freguesia. É um dos momentos em que a benzedeira se faz existir enquanto um sujeito concreto. Alguém que realiza alguma coisa própria, um trabalho, numa relação com pessoas. Mesmo que não acreditem que alguém pobre e analfabeto, na maioria das vezes, traga alguma contribuição para se pensar a questão das doenças e aflições.

O ponto de vista de Krenak (2022) sobre a valorização do saber ancestral nas comunidades, destaca que as tradições, responsáveis por moldar o presente, são essenciais para a construção do futuro. Esse futuro, segundo ele, é ancestral, pois já existia em potencial no passado.

### 3.4 Benzeção e os serviços de atenção básica de saúde

As práticas de benzeção nas comunidades rurais amazônicas representam formas tradicionais de cuidado que ultrapassam as dimensões puramente espirituais. Essas práticas estão integradas às rotinas de cuidado cotidiano na região e ocupam um lugar de destaque no sistema de saúde local. Mais do que rituais religiosos, a benzeção reflete um conhecimento ancestral que dialoga com os desafios de saúde das populações amazônicas.

A relação entre a benzeção e a atenção primária à saúde pode ser entendida como uma interconexão entre práticas tradicionais e o cuidado biomédico moderno. Essa interseção, que entrelaça o sagrado e o profano, cria uma abordagem plural para o cuidado da saúde. Segundo Eliade (1992), a convivência entre essas dimensões revela caminhos alternativos para enfrentar as demandas de saúde em contextos onde o acesso a esses serviços formais, é limitado.

A incorporação de práticas de cuidado prevalentes no serviço formal de saúde ainda enfrenta desafios consideráveis. O principal deles é o preconceito que muitas vezes existe entre os profissionais de saúde em relação às práticas tradicionais. Há uma cultura dentro do setor formal de saúde de aceitar apenas coisas cientificamente validadas e relegar outras formas de conhecimento imersas na experiência e nas tradições.

Essas perspectivas reducionistas geram um grande problema, pois em vez de favorecer a incorporação efetiva de práticas populares de cuidado, como a benzeção, elas tendem a vê-las como inúteis ou supersticiosas. Cunha e Assunção (2017) argumentam que, para superar esses obstáculos, é preciso primeiro sensibilizar, fornecendo aos profissionais de saúde o treinamento necessário para perceber o valor das práticas tradicionais. Dessa forma, eles poderão trabalhar em parceria com os líderes de uma determinada comunidade.

No decorrer desta pesquisa, tive a oportunidade de conversar informalmente com alguns representantes do Poder Legislativo Municipal. Nessa ocasião, falei sobre os objetivos deste trabalho e destaquei o potencial que ele pode representar para valorização e conservação do celeiro cultural borbense.

Propus que, ao concluir a pesquisa, me colocarei à disposição para, em conjunto, verificarmos as possibilidades de formalizar um Projeto de lei (PL) junto ao poder executivo, com o objetivo de regulamentar o processo de contratação de Agentes Comunitários de Saúde (ACS) nas comunidades tradicionais de Borba-Am. A proposta inicial seria capacitar moradores das próprias comunidades, residentes locais, para que posteriormente fossem contratados para exercer essa função.

Essa iniciativa poderia trazer benefícios substanciais para as comunidades envolvidas. Primeiro, ajudaria a resolver a dificuldade de contratar profissionais dispostos a trabalhar, ininterruptamente, em áreas remotas do município, considerando que fatores como distância, infraestrutura e carência de recursos básicos como telefonia, internet, energia elétrica, entre outros, tornam esse processo desafiador. Segundo, abriria caminho para a integração de técnicas da medicina científica com práticas e saberes tradicionais, respeitando, obviamente, as especificidades de cada abordagem.

A nomeação de um morador da comunidade como agente de saúde representaria um importante reconhecimento e valorização dos saberes locais. Essa escolha seria fundamentada no conhecimento que essa pessoa detém sobre as práticas de benzeção e outras formas de terapias naturais, muitas vezes associados à experiência pessoal com essa tradição.

Ações como essa vão além da melhoria da assistência em saúde nas comunidades. Busca integrar os conhecimentos tradicionais ao sistema formal de saúde de maneira respeitosa e

equilibrada. É evidente que esse diálogo deve ser pautado por uma relação de respeito mútuo, reconhecendo tanto o valor quanto as limitações de cada abordagem. A integração do saber tradicional não implica, necessariamente, sua subordinação ao saber científico, mas sim, a criação de um espaço de convivência, diálogo e enriquecimento mútuo entre diferentes formas de conhecimentos.

Em Borba-Am, no campo da saúde, e em meio a essa pluralidade, as benzedeiras se destacam como uma interface de resistência e adaptacionismo cultural. Elas mantêm vivo o fio ancestral do conhecimento, adaptando-o às necessidades modernas das comunidades, e continuam a proporcionar, ainda que relegadas pela ciência, essa importante forma alternativa de tratamento e cura, mediada pela fé.

Nas palavras de Galvão (1976), a vida religiosa em comunidades tradicionais é uma confluência entre práticas formais e informais. As benzedeiras no exercício de seus dons, manifestam essa dualidade incorporando características de cura espiritual juntamente com a prática da medicina popular. Essa dualidade pode ser compreendida como um elemento natural do processo de coesão e bem-estar das comunidades, pois permite a coexistência harmoniosa entre o conhecimento empírico e o espiritual. Essa interação mútua favorece o apoio e a complementaridade entre ambas as dimensões, especialmente em contextos onde os serviços de saúde são escassos e limitados.

Logo, não é oportuno abordar a relevância da prática da benzeção em Borba-Am sem antes considerar as significativas dificuldades e limitações que ainda persistem no âmbito da saúde pública, sobretudo na zona rural do município.

A vasta extensão territorial e a distribuição da população em áreas remotas, dificultam o acesso aos serviços básicos de saúde, o que torna o deslocamento tanto de pacientes como de profissionais habilitados, um desafio logístico significativo. Aliado a isso, somam-se outros fatores que impactam diretamente a prestação de serviços de saúde à população.

A Lei n.º 8.080, de 19 de setembro de 1990, que estabelece as diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), assegura o acesso universal, integral e igualitário às ações e serviços de saúde em todo o território nacional. No entanto, embora essa garantia seja um marco importante para a saúde pública no Brasil, sua concretização plena ainda enfrenta grandes desafios na prática.

Diversas Unidades Básicas de Saúde (UBS), no município de Borba-Am, que deveriam ser a porta de entrada do SUS para a população, enfrentam problemas estruturais e operacionais que comprometem a qualidade do atendimento. Entre as principais dificuldades estão a precariedade da infraestrutura física, a falta de equipamentos e materiais essenciais, e a

escassez de profissionais de saúde, como médicos e enfermeiros.

Essa carência está relacionada à dificuldade de contratação, especialmente em comunidades rurais distantes, onde muitos profissionais relutam em atuar devido às condições adversas de trabalho. Além disso, há falhas no fornecimento de medicamentos básicos, ausência de Agentes Comunitários de Saúde (ACS), que desempenham importante papel na prevenção de doenças, e desarticulação entre os diferentes níveis de atenção à saúde. Esses problemas não só comprometem o princípio da equidade, um dos pilares do SUS, que busca atender às necessidades específicas das populações mais vulneráveis, como também dificulta a implementação de ações estratégicas e programas sólidos no meio rural.

Para que o SUS cumpra plenamente seus objetivos é essencial que sejam implementadas políticas públicas eficazes para superar essas limitações. Investimentos na melhoria da infraestrutura, incentivos para a fixação de profissionais de saúde em áreas menos atrativas e a ampliação da oferta de medicamentos e insumos são medidas imprescindíveis para assegurar que ele seja, de fato, um sistema universal e equitativo, como preconiza a legislação.

Nesse contexto, as benzedeiras de Borba-Am desempenham um papel fundamental como uma alternativa para a promoção do bem-estar comunitário, especialmente no campo da saúde. Elas preenchem lacunas deixadas pelo sistema formal, atendendo pessoas que, muitas vezes, enfrentam grandes distâncias, custos elevados e falta de infraestrutura para alcançar postos de saúde ou hospitais. Além disso, o acolhimento oferecido por essas mulheres reforça os laços comunitários, promovendo uma rede de solidariedade e confiança mútua.

Galvão (1976) destaca que as práticas religiosas são pilares fundamentais de união e socialização nas comunidades tradicionais. As benzedeiras, por exemplo, expressam um conjunto de saberes que une elementos de cura espiritual e medicina popular, mostrando como o conhecimento tradicional pode ser adaptado para responder às novas realidades sociais, sem perder sua essência. Essa prática configura uma forma de resistência à modernidade e à lógica racional, que por vezes, ainda marginalizam os saberes tradicionais.

Durante a pesquisa de campo, tive a oportunidade de conversar com o senhor Salú (nome fictício), da aldeia indígena do Sapucaia, pertencente à etnia mura e localizada às margens do rio Igapó-Açú, no município de Borba-Am. Aos 75 anos, Salú compartilhou memórias e reflexões que iluminaram aspectos fundamentais da vida e da cultura de sua comunidade.

Durante uma conversa informal, ele relatou que sempre viveu na comunidade e que, até o início dos anos 1990, a presença de profissionais de saúde na região era extremamente rara. Os poucos atendimentos realizados aconteciam anualmente por meio do Projeto Rondon, uma

iniciativa governamental criada em 1967 durante o regime militar e que tinha como foco integrar estudantes universitários às comunidades mais isoladas e vulneráveis do Brasil, visando o desenvolvimento sustentável e a cidadania nas comunidades rurais da Amazônia.

As crianças nasciam pelas mãos milagrosas das parteiras tradicionais que também exerciam a função de benzedeiras. Essas mulheres, além de realizarem partos, eram responsáveis pelos cuidados de saúde da comunidade, utilizando conhecimentos ancestrais e recursos da natureza.

Salú descreveu com admiração o vasto conhecimento dessas parteiras e benzedeiras. Elas dominavam saberes sobre os ciclos da natureza, como as fases da lua, o movimento das águas nos rios, as mudanças climáticas, o ritmo das plantações, o tempo propício da pesca, da caça. Isso permitia que interpretassem os sinais da natureza e buscassem significados para as incertezas da vida, ao mesmo tempo em que explicavam as origens de doenças e transtornos espirituais. O papel dessas mulheres transcendia o cuidado físico, envolvendo também uma dimensão espiritual que contribuía para a harmonia da comunidade.

Enquanto falava, percebi em seu semblante uma expressão de nostalgia, como se revivesse aqueles tempos em que o sagrado e o cotidiano estavam conectados em sua comunidade. De forma serena, Salú proferiu uma frase que sintetiza a relação entre o material e o espiritual na vida das comunidades tradicionais de Borba-Am: “Naquele tempo, nosso povo não tinha nada, mas tinha tudo. A natureza dava”. Compreendi que o “nada” mencionado por ele não se referia a uma inexistência absoluta de coisas, mas sim à ausência dos recursos e inovações característicos da modernidade. Por outro lado, o “tudo” simbolizava a abundância da riqueza natural, acessível a partir de uma convivência pautada no respeito e na harmonia com a natureza. Essa reflexão expressa a riqueza de um modo de vida fundamentado em saberes e memórias coletivas.

As palavras de Salú oferecem uma perspectiva valiosa sobre a importância das benzedeiras e parteiras nas comunidades tradicionais de Borba-Am. Elas representam uma síntese perfeita entre o saber empírico e o espiritual, que é essencial para compreender a vida e os desafios enfrentados por esses povos em seu contexto histórico e cultural. Sua fala não é apenas um relato pessoal, mas também um testemunho da importância da prática da benzeção em contexto tradicional amazônico onde nem sempre, em tempos modernos, é possível universalizar os serviços de atenção básica de saúde. A importância desses serviços também reside no fato de que eles integram práticas terapêuticas ao contexto de vida das pessoas.

Enquanto a medicina moderna se apresenta de forma técnica, impessoal e instrumentalizada, a benzeção é carregada de reciprocidades e empatia, respeitando as crenças e valores das comunidades. Esse cuidado humanizado e conectado às tradições locais não só contribui para o alívio de males físicos e espirituais, mas também promove a valorização dos saberes populares, historicamente marginalizados.

No entanto, é importante ressaltar que a atuação das benzedadeiras não substitui a necessidade de políticas públicas de saúde eficientes e inclusivas. Pelo contrário, ela evidencia a urgência de se integrar os saberes tradicionais às estratégias de saúde pública, respeitando a pluralidade de práticas terapêuticas.

Essa integração tanto pode ampliar o alcance do cuidado em saúde, como também fortalecer as comunidades ao reconhecer o valor dos seus conhecimentos ancestrais. Assim, as benzedadeiras não apenas cuidam de seus semelhantes, mas também resistem à homogeneização cultural e reafirmam a importância da diversidade de saberes na construção de um sistema de saúde mais justo e humano.

Oliveira (1985) destaca a importância de compreender a benzeção não somente como uma expressão de fé ou espiritualidade, mas como um saber integrado que se articula com aspectos culturais, históricos e sociais das comunidades. A integração entre saberes tradicionais e a medicina moderna é possível e desejável, desde que se respeite a especificidade e a legitimidade dos conhecimentos tradicionais.

Percebemos que entre os pressupostos teóricos abordados nesta pesquisa, e conversas informais com profissionais de saúde do município Borba-Am, há um entendimento, ainda que não plenamente consolidado, de que é possível integrar, em determinados contextos, práticas e saberes tradicionais de cura aos procedimentos básicos de saúde pública. Contudo, essas ideias ainda permanecem no âmbito das percepções e não se traduzem em políticas públicas concretas. Até o momento, não há no âmbito municipal, iniciativas consistentes que assegurem a integração ou mesmo o reconhecimento e a valorização dos conhecimentos ancestrais.

Esses saberes, que por séculos se firmaram como dinâmicas sociais, culturais e espirituais na vida da população, continuam marginalizados nos debates formais sobre saúde pública. É urgente avançar na construção de políticas que, além de reconhecer a importância desses conhecimentos, promova também sua articulação com os serviços de saúde, especialmente em regiões com desafios geográficos, sociais e econômicos tão significativos, como é o caso de Borba-Am.

### 3.5 Transformações socioculturais e científicas da modernidade: desafios e estratégias de resistência das benzedeiras

O processo de resistência das benzedeiras de Borba-Am é um fenômeno que atravessa séculos e ultrapassa épocas históricas. Essas mulheres, cujas práticas tradicionais se consolidaram como performances sociais em ambientes rurais e comunitários, têm resistido com simplicidade as grandes transformações sociais, científicas, culturais e econômicas que moldaram o mundo ao longo do tempo.

Desde os implacáveis julgamentos e condenações sumárias promovidos pelos tribunais da inquisição até os desafios impostos pela famigerada globalização capitalista que opera sem fronteiras, essas guardiãs da fé continuam a desempenhar um papel fundamental na manutenção dos saberes e práticas ancestrais.

Por gerações, as benzedeiras têm resistido às tentativas de apagamento de sua missão, lutando contra o desencanto e o esquecimento. Suas práticas não apenas curam o corpo e a alma, mas também simbolizam a continuidade de uma tradição que une comunidades, famílias, amigos, povos de diferentes raças e origens, em torno de valores espirituais e culturais. A força de sua resistência reflete a capacidade de adaptação e renovação diante de contextos adversos, preservando saberes que dialogam com as necessidades contemporâneas sem perder sua essência.

A persistência e a adaptação das benzedeiras demonstram como essas figuras conseguem escapar, resistir e se ajustar às novas exigências da modernidade contemporânea, mantendo seu significado, mesmo diante das pressões impostas pela sociedade dominada pela ciência e pelo desenvolvimento tecnológico.

Hervieu-Léger (2015) considera que, em tempos de modernidade, as práticas religiosas tradicionais resistem de diversas maneiras, especialmente por meio de formas mais individuais e flexíveis de religiosidade. Ela introduz o conceito de “religiosidade individualizada”, sugerindo que em um período de mudanças sociais contínuas, as pessoas podem se afastar das instituições religiosas formais, mas ainda assim buscam experiências espirituais e religiosas que atendem suas necessidades pessoais.

Os testemunhos dos comunitários, abordados no Capítulo II desta dissertação, evidenciam que, diante das mazelas, tristezas e sofrimentos, essas pessoas buscaram na benzeção o alívio para seus males. Ou seja, a fé na benzedeira, aliada à busca por soluções inadiáveis de seus problemas, transformou a benzeção na alternativa mais próxima e oportuna.

Nesse contexto de pluralismo religioso e fé individualizada, característicos da

modernidade contemporânea, a religião de pertencimento desses indivíduos tornou-se um aspecto secundário. O que realmente importou foi o alcance da graça por meio da fé, um fator que reforçou, tanto no âmbito social quanto no familiar, a resistência e a continuidade da prática da benzeção no município de Borba-Am.

Esse fenômeno reflete a ideia de um campo religioso plural, onde diferentes formas de religiosidade coexistem, e as práticas tradicionais podem ser ressignificadas ou adaptadas para manter uma relevância para o indivíduo em tempos modernos. Além disso, a autora destaca a importância da memória coletiva religiosa como um elemento fundamental na resistência das práticas religiosas tradicionais. Ela vê a transmissão dessas práticas não apenas como uma continuidade inalterada, mas como um processo dinâmico de adaptação às novas realidades sociais e culturais.

Portanto, a resistência das práticas religiosas tradicionais, pode se dar tanto pela transformação dessas práticas em respostas às necessidades modernas, quanto pela manutenção de uma memória religiosa que ajuda a preservar a identidade e os significados das tradições religiosas.

O município de Borba-Am, ao longo de seus 269 anos de existência, é popularmente reconhecido como um verdadeiro celeiro de expressões culturais, que desempenharam um papel fundamental na construção da identidade de sua população. Essa diversidade de costumes, lendas e manifestações religiosas se estende por sua vasta área territorial, refletindo a história de um povo que, mesmo diante das transformações impostas pela modernidade contemporânea, persiste em preservar suas tradições.

Entre essas expressões culturais que resistem ao tempo, destacam-se as benzedadeiras, figuras emblemáticas de uma tradição que atravessa gerações. Dotadas de um dom considerado divino e sacerdotal, continuam a desempenhar o sacrossanto ofício de levar esperança, alívio físico e conforto espiritual àqueles que buscam na fé, a cura para seus males e sofrimentos. Sua prática, imersa na cultura local, é um exemplo vivo de resistência cultural e espiritual, reafirmando a importância da manutenção dessas tradições no contexto contemporâneo.

Oliveira (1985), ao analisar o ritual da benzeção como um momento de confronto entre o popular e o erudito, pondera que

o simples fato de ela penetrar num campo de saúde considerado de domínio erudito, subtraindo dele, historicamente, um espaço no qual constitui o seu setor, um setor de cura popular – no qual vincula-se com os seus por meio de uma relação de troca, juntamente com outros profissionais populares de cura, como a parteira, o curandeiro, o ervateiro, o rezador, etc., já é um ato de resistência política e cultural. Ainda que seu saber não seja crítico e questionador, o fato de oferecer para população uma outra

alternativa de cura que não a massacra, porque é mais próxima de sua vida, já traz em si o espaço de resistência à dominação de classe, o espaço de resistência à cultura erudita.

As práticas das benzedeiras representam, diante de todas as inovações desenvolvidas pela modernidade, a busca pelo sagrado e pelo divino que não foi eliminado. Berger (2004) argumenta que, mesmo inserido em um contexto de pluralismo e secularização, o religioso adapta-se às transformações, criando novas formas de coexistir com as demandas da sociedade contemporânea.

Isso reflete o fato de que a modernidade não implica, necessariamente, o fim das tradições, mas, ao contrário, oferece uma oportunidade para que práticas como as das benzedeiras se readaptem e adquiram novos significados no contexto da sociedade contemporânea. A relação evolutiva entre modernidade e práticas espirituais é sublinhada por um dinamismo que contradiz o conceito de que o progresso científico seria um oponente resolutivo das tradições culturais e espirituais.

A resistência cultural e espiritual para as benzedeiras, permitiu que elas combinassem o conhecimento ancestral com as necessidades de sua clientela hoje, um processo que Krenak (2022) se refere como reabertura das raízes da identidade coletiva. Essa resistência constitui não apenas uma manutenção de práticas antigas, mas uma revalidação real do conhecimento tradicional em um mundo que tem forte tendência em marginalizá-lo.

Eliade (1992) quando trata do lugar do sagrado na vida cotidiana, fornece uma ideia conclusiva sobre como as benzedeiras podem continuar a ser significativas dentro do processo de racionalização e modernidade. A cura pela fé é um fenômeno onde os indivíduos podem colocar suas incertezas e adquirir soluções que simbolizam a união do sagrado com o profano, desafiando o raciocínio dualista moderno.

Em tempos modernos, as benzedeiras de Borba-Am buscaram ocupar um lugar singular dentro das novas dinâmicas sociais. Apesar das profundas transformações econômicas e científicas pelas quais a sociedade vem passando, seu ofício continua a ser desempenhado com a mesma naturalidade que sempre caracterizou essa prática ancestral. Elas se integram ao cotidiano das comunidades com discrição, afastando-se da fama, das vaidades e dos reconhecimentos protocolares

Esse caráter discreto de sua atuação reflete uma sabedoria que não precisa de validação midiática ou institucional para se perpetuar. Pelo contrário, sua força reside na relação de confiança que constroem com as comunidades em que vivem, onde sua prática é livremente transmitida e respeitada. Dessa forma, as benzedeiras continuam a reafirmar a importância

das práticas tradicionais em um mundo cada vez mais dominado por lógicas racionais e consumistas.

A contribuição de Bauman (2001), na discussão científica e sociocultural, é, especificamente, por meio da noção de que a liquidez da sociedade moderna depende de uma taxa acelerada de mudanças e incertezas. Isso, por exemplo, oferece uma sensação de estabilidade e continuidade, que é diametralmente oposta à transitoriedade das estruturas modernas.

As benzedeiras, no entanto, não apenas resistem à mudança, mas também podem se adaptar e encontrar maneiras de dialogar com a modernidade. O princípio do pluralismo revela como diferentes crenças religiosas podem coexistir e se adaptar em um ambiente cultural e religioso. As benzedeiras demonstram a capacidade de incorporar novos elementos em suas práticas sem, contudo, abandonar os aspectos tradicionais.

Galvão (1976) ao abordar a vida religiosa dentro de comunidades tradicionais amazônicas, destaca que a benzeção tem a coesão social como sua própria base, onde a estrutura da comunidade está constantemente em um estado de ameaça pelas forças do individualismo e da globalização. Desta forma, as benzedeiras têm que desempenhar um papel significativo na ligação desses laços sociais e na transmissão do conhecimento coletivo. Um ato que representa, ao menos de forma tênue, um gral de resistência contra esse trabalho de desarticulação sociocultural, desencadeada pela modernidade.

Wagley (1988) afirma que o tecido da organização social nas comunidades amazônicas é constituído por práticas culturais e espirituais de primeira ordem. Nesse contexto, as benzedeiras se destacam com sua prática de cura, que combina o uso de plantas medicinais e rituais específicos, situando-se de maneira singular entre o empirismo e a espiritualidade.

Essa união quebra, em parte, o paradigma de que a modernidade possa apagar o conhecimento ancestral, mostrando que as tradições de fato se transformam, mas permanecem pertinentes e aplicáveis na evolução do universo. Assim, as benzedeiras sobreviveram e aumentaram suas forças diante de novas exigências e desafios.

As estratégias de resistência das benzedeiras de Borba-Am revelam um ponto de reflexão significativo. A modernidade, ao privilegiar a racionalidade e a ciência, negligenciou aspectos essenciais da experiência humana, como a espiritualidade, emoções e sacralidades, que são fundamentais na prática do cuidado. No entanto, ao contrário do que se acreditava no passado, o pluralismo religioso moderno abriu novas possibilidades, criando espaços para que diversas práticas e crenças religiosas e espirituais florescessem e se reconfigurassem.

Foi exatamente nessa tensão entre tradição e modernidade que as benzedeiras de Borba-

Am encontraram o cerne de sua resistência e não desapareceram da vida, do mapa cultural e da história do povo borbense. Com a discrição característica de sua prática, elas começaram a dialogar gradualmente com as múltiplas influências e performances que, muitas vezes, contradiziam sua missão. Essa adaptação exigiu delas uma grande resiliência, tanto para reinvenção de seus rituais, como também no estabelecimento de novos padrões de relações sociais com seus comunitários.

Além disso, as benzedeiras de Borba-Am desenvolveram orações e rezas espontâneas, exploraram técnicas inovadoras de utilização de plantas medicinais como chás, óleos, compressas, fricções e, sobretudo, mantiveram o equilíbrio e a harmonia diante de seus desafetos, preservando seus atributos espirituais e curativos em meio aos desafios contemporâneos.

Berger (2004) destacou que a pluralidade religiosa é uma característica marcante da modernidade, pois possibilita a sobrevivência de práticas antigas e novas. Nesse contexto, as benzedeiras exemplificam como uma tradição pode permanecer relevante em um cenário pluralista. Elas conseguem isso ao incorporar elementos de outras formas de religiosidade e ao adicionar novos aspectos para atender às necessidades específicas de suas comunidades. Essa capacidade de adaptação é, de fato, essencial para a continuidade das práticas de cura pela fé em um mundo em constante transformação.

Wagley (1988) realizou estudos sobre comunidades amazônicas e observou que a prática de cura espiritual está inserida nas estruturas sociais dessas comunidades. Ele destacou que essa prática constitui uma parte essencial da identidade cultural do povo e se manifesta como uma forma específica de resistência a um padrão de modernidade que negligencia a importância do sagrado.

Durante os encontros e entrevistas realizadas com as benzedeiras de Borba-Am ao longo desta pesquisa, foi possível observar que elas não seguem, por assim dizer, um caminho estratégico definido que possa ser identificado como uma forma de resistência sociocultural organizada. Isto decorre, em parte, de sua humildade e do limitado acesso às dinâmicas sociais modernas que movem o mundo contemporâneo.

Alheias às forças do capitalismo, à globalização acelerada e às influências persistentes do pensamento colonial, que insistem em marginalizar seus conhecimentos essas guardiãs do saber, continuam desempenhando sua missão em um contexto cultural que historicamente desvalorizou seus saberes e práticas.

Em Borba-Am, com o passar do tempo, algumas transformações são perceptíveis nos procedimentos adotados pelas benzedeiras. Atualmente, por exemplo, elas se deslocam com

mais facilidade até a clientela, algo que contrasta com o passado, quando era necessário organizar toda uma logística para buscá-las em suas residências. Hoje, as sessões de benzeção ocorrem em locais comuns, como praças, calçadas de casas, comércios, pátios de escolas e feiras. Apesar dessas mudanças logísticas, continuam desempenhando sua missão sem cobrar qualquer remuneração.

As benzedeiras atribuem a persistência de sua prática a dois fatores principais. O primeiro é o equilíbrio e a serenidade com os quais sempre enfrentaram a oposição da ortodoxia católica e as críticas de algumas vertentes evangélicas. Mesmo diante de acusações de feitiçaria, charlatanismo, paganismo, heresia e outros estereótipos depreciativos, elas jamais revidaram os ataques. Mantiveram-se resilientes na crença de que são portadoras de um dom divino e estão no mundo para servir.

O segundo fator é a forma acolhedora com que lidam com as pessoas que as procuram. As benzedeiras de Borba-Am criam um ambiente quase familiar, marcado por afeto, carinho, diálogo, compreensão e confiança. Esse acolhimento permite que as pessoas se sintam à vontade para expor seus problemas, estreitando os laços comunitários e fortalecendo a recorrência à benzeção como prática espiritual significativa em suas vidas.

A prática da benzeção em Borba-Am, portanto, pode ser vista como uma resposta ativa aos desafios impostos pela modernidade. A resistência das benzedeiras se manifesta não apenas na preservação de rituais antigos, mas na resiliência e na capacidade de adaptar suas práticas a um contexto contemporâneo em que a busca por significado e pertencimento se torna cada vez mais urgente.

É sobre esse processo que Oliveira (1985, p.95) se refere ao afirmar que

na condição de resistência a isso que a benzeção deve ser vista. Não como um resquício de formas antiquadas de curar, algo já superado pela ciência moderna. Mas como um ato de resistência política e cultural feito como alguma coisa própria, através de uma cultura que contesta e rejeita a linguagem da opressão, da dominação e da exploração entre os homens. Deve ser vista como uma singela contribuição para um novo projeto de mundo.

Essa reconfiguração contínua e por vezes até imperceptível, é reflexo de uma tradição que, longe de ser estática, é dinâmica e capaz de dialogar com as grandes transformações sociais e culturais presentes na modernidade contemporânea.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação tem como objetivo geral analisar as (re)configurações do sistema de crenças das benzedeiras em Borba-Am, com foco nos processos de recorrência às suas práticas de benzeção e nas formas estratégicas de resistência sociocultural em tempos de modernidade contemporânea, e como objetivos específicos: 1. Compreender o sistema de crenças das benzedeiras em Borba-Am, a constituição de sua liderança carismática e como elas se constituem agentes populares de cura; 2. Descrever a prática da benzeção em Borba-Am, analisando o ritual de preparação, o tempo e o local, o universo simbólico, a utilização de plantas, as doenças do corpo e da alma, percepções religiosas, testemunhos e recorrência à prática da benzeção; 3. Identificar os principais desafios enfrentados pelas benzedeiras na preservação de suas tradições, bem como as estratégias de resistência frente às profundas transformações sociais, culturais e científicas da modernidade contemporânea.

Por meio de entrevistas, testemunhos, análises de dados bibliográficos, revisão de literatura e de um sólido referencial teórico, foi possível abordar as dinâmicas sociais, culturais e espirituais que envolvem o ofício das benzedeiras de Borba-Am.

A pesquisa evidenciou como essas mulheres reconfiguraram sua fé, crenças, valores e práticas ritualísticas, permitindo que a tradição da benzeção resistisse às profundas transformações do tempo, mantendo-se como relação social efetiva nas comunidades tradicionais do município.

O primeiro capítulo intitulado “Benzedeiras de Borba-Am: sistema de crenças, liderança carismática e a constituição como agentes populares de cura” revelou que essa prática não está subordinada a dogmas ou doutrinas institucionalmente validados. Ela surge como uma expressão genuína de um dom, atribuído a cada benzeira por meio de uma intervenção divina, acessível apenas àquelas consideradas escolhidas para desempenhar essa missão.

As benzedeiras de Borba-Am reconhecem que a cura não provém delas, mas sim do poder de Deus que as utiliza como instrumentos para realizar o bem, sem distinção. Nesse contexto, os santos atuam como mediadores entre o plano terreno e o sobrenatural, conferindo às benzedeiras forças e preparação espiritual necessárias para o cumprimento de sua missão.

Quanto a liderança carismática das benzedeiras em suas comunidades, os resultados apontam que não se origina por meios institucionais, mas de maneira natural, baseada no papel que desempenham como conselheiras, mediadoras de conflitos e guardiãs de conhecimentos genuínos. A comunidade as reconhece não apenas como benzedeiras, mas como figuras especiais capazes de manter a ordem e a harmonia, especialmente em tempos de caos ou

desequilíbrios sociais.

O pluralismo religioso resultante da modernização levou as benzedeiras de Borba-Am a readaptarem e transformarem seu sistema de crenças, acompanhando a subjetividade dos indivíduos que, em tempos de secularização, constroem sua fé fora das crenças institucionalizadas. Esse processo de desinstitucionalização religiosa colocou as benzedeiras diante de uma nova diversidade de crenças. Como resposta, elas têm ressignificado sua liturgia ritual, integrando novas formas de tratamento através dos recursos naturais e de um conjunto de artefatos nos quais se manifestam as sacralidades cósmicas.

No segundo capítulo, onde tratamos das práticas de benzeção no município de Borba-Am, os resultados revelaram que o ritual de preparação física e espiritual das benzedeiras constitui o primeiro passo no processo de cura. Essa preparação envolve uma série de práticas como banhos, jejuns, alinhamento da intenção e atos devocionais. Essas ações têm como objetivo invocar a proteção de santos, anjos da guarda, espíritos de luz ou outras entidades do mundo espiritual.

No decorrer desta pesquisa surgiram questionamentos acerca da existência de uma oração pré-determinada ou fixa para o ato da benzeção. Nesse contexto, as falas das benzedeiras em Borba-Am revelaram que as orações não seguem um padrão único. Elas emergem de forma espontânea, sendo adaptadas às particularidades de cada caso ou circunstância. Contudo, essas preces geralmente se entrelaçam com orações católicas, como o Pai-Nosso, a Ave-Maria e o Credo, criando uma fusão harmoniosa entre elementos pessoais e a liturgia religiosa.

Quanto ao tempo e o local, estes desempenham um papel importante na eficácia da benzeção, muito embora não haja convergência entre as benzedeiras quanto a esses aspectos. Algumas preferem realizar a benção ao amanhecer, visto que esse é um momento de renovação tanto física quanto espiritual. Outras optam pelo entardecer, acreditando que o sol, ao se pôr, possa levar consigo todas as doenças e desequilíbrios emocionais da pessoa benzida. Esses rituais são realizados em ambientes naturais, como beiras de rios, sombras de árvores e quintais. De acordo com as benzedeiras, esses locais promovem uma integração entre elas e as forças da natureza, o que parece potencializar a eficácia do ritual.

Os dados dessa pesquisa mostram ainda que a prática da benzeção está imersa em um vasto universo simbólico. Elementos como água benta, amuletos, óleos, plantas, fitas de santos e cristais ganham significados sagrados por meio da hierofania. Além disso, fenômenos naturais como as fases da lua, enchentes e períodos de estiagem, também tem reflexos nesse cenário. As benzedeiras não enxergam a doença apenas como um distúrbio biológico, mas compreendem como o resultado de uma desarmonia que pode ser emocional, espiritual ou social, integrando

assim, diferentes dimensões cosmológicas e da experiência humana em suas práticas de cura.

Este estudo revelou também que, embora Borba-Am seja uma cidade marcada por forte influência do catolicismo e de distintas denominações evangélicas, já se observa um convívio mais pacífico com a prática da benzeção, diferente do que ocorria até meados de 1990, por exemplo, quando as benzedeiras eram associadas à prática da macumba, heresia e paganismo. Entretanto, é oportuno destacar que, apesar dessa flexibilidade e garantia de total sigilo sobre suas identidades, surgiram dificuldades durante a pesquisa para realizar entrevistas com líderes religiosos. Isso evidencia que o caminho para uma convivência harmoniosa entre as religiões institucionalmente validadas e os saberes e crenças ancestrais, ainda poderá ser longo e desafiador.

Quanto aos depoimentos dos comunitários sobre as motivações que os levaram a recorrer à benzeção, esta pesquisa apontou três razões principais. A primeira está relacionada à carência de atendimento médico especializado nas comunidades rurais de Borba -Am, tornando as benzedeiras a principal alternativa para os primeiros cuidados e práticas de cura. A segunda repousa na eficácia dessa terapia tradicional. As pessoas que recorrem à benzeção e alcançam os resultados almejados saem fortalecidas na crença de que ela, de fato, tem o poder de curar doenças. A terceira é o acolhimento caloroso oferecido pelas benzedeiras. Elas proporcionam um ambiente familiar, caracterizado por relações interpessoais marcadas pelo carinho, afeto e compreensão onde as pessoas podem se sentem à vontade para falar de seus problemas, sejam eles de ordem familiar, profissional ou amorosa. Essa dinâmica contrasta de forma significativa com a relação geralmente protocolar e instrumentalizada que costuma definir as interações entre médicos e pacientes nos serviços de saúde pública.

O último capítulo abordou a atuação das benzedeiras em suas comunidades, destacando a relação com os moradores e o contexto da prática da benzeção junto aos serviços de atenção básica prestados nas comunidades rurais de Borba-Am. Além disso, discutiu os desafios enfrentados por essas mulheres diante das transformações socioculturais do mundo contemporâneo, bem como as estratégias de resistência que adotam para manter viva essa tradição diante das grandes transformações socioculturais do mundo contemporâneo.

Os resultados sinalizam que a benzeção permanece como um elemento efetivo nas relações sociais das comunidades tradicionais de Borba-Am. Mais do que uma expressão da cultura local, essa prática tem um impacto positivo no cotidiano dos comunitários, influenciando suas interações e processos de formação social. A atuação das benzedeiras é uma dinâmica de crença e espiritualidade na qual a comunidade continua a depositar sua fé e confiança diante das incertezas e adversidades da vida.

Por fim, os resultados desta pesquisa revelam que, apesar das profundas transformações sociais, científicas e tecnológicas impulsionadas pela modernidade e pela globalização, as benzedeiras de Borba-Am não desapareceram. Pelo contrário, elas continuam demonstrando notável capacidade de adaptação e resistência. Sua permanência está ancorada em uma performance dinâmica que envolve a reconfiguração de suas crenças, a legitimação de sua autoridade como líderes carismáticas e a inovação de seus rituais e práticas de cura. Além disso, enfrentam com equilíbrio e resiliência as perseguições sistemáticas e os desafios impostos pela sociedade contemporânea. Alicerçadas em uma relação comunitária pautada no acolhimento, no respeito às diversidades, no afeto e na confiança mútua, seguem atuando como guardiãs da fé e da esperança em um mundo cada vez mais desigual e injusto.

Investigar o processo de resistência cultural e a (re)configuração do sistema de crenças no universo da benzeção em um período marcado por grandes mudanças e inovações do mundo moderno, foi um desafio que exigiu empenho, dedicação e compromisso. No entanto, o foco no objetivo pretendido, bem como a esperança nas contribuições que podem emergir desse trabalho, tornaram essa jornada uma verdadeira aventura, repleta de encontros, descobertas, trocas de saberes e experiências significativas.

Esperamos que essa dissertação possa contribuir para valorização e conservação das crenças e dos saberes ancestrais, despertando a comunidade acadêmica, o poder público e a iniciativa privada para o fomento de novas pesquisas científicas e abordagens epistêmicas em contexto cultural amazônico.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra Rejane Viana de; SOARES, Artemis de Araújo. Traçado Histórico das Influências da Colonização. Somanlu. **Revista de Estudos Amazônicos**, v. 1, p. 193-202, 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BELTRÃO, Luís. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados / Luís Beltrão. São Paulo: Cortez, 1980.

BENEDICT, Ruth. **Padrões de Cultura**. Tradução: Ricardo A. Rosenbusch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. – (Coleção Antropologia).

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 2004.

BERGER, Peter L. Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017

BRASIL. **Lei n.º 8.080, de 19 de setembro de 1990**. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8080.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm). Acesso em: 22 jun. 2024.

CALHEIROS, Karla Rachel Jarsen de Melo. A cura através da fé: um olhar sobre as benzedeadas/rezadeiras alagoanas. In: **Anais do IX Mestres e Conselheiros- Agentes Multiplicadores do Patrimônio**. Belo Horizonte/MG, 2017. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/mestreseconselheiros2017/52335-a-cura-atraves-da-fe--um-olhar-sobre-as-benzedeadasrezadeiras-alagoanas/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

CUNHA, Lidiane Alves da; ASSUNÇÃO, Luiz Carvalho. **Abençoada cura**: poética da voz e saberes de benzedeadas. Revista Brasileira de História das Religiões, v. 9, n. 27, p. 189-227, 2017.

DEL PRIORE, Mary. Magia e medicina na colônia: o corpo feminino. In: DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001.

DUARTE, Rosália. Pesquisa Qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**. [S.N], n.115, p. 139-154, março/2002.

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n24/n24a11.pdf>. Acesso em: 21 out. 2022.

DURKHEIM, Émile; MAUSS, Marcel. **Algumas formas primitivas de classificação**: contribuição para o estudo das representações coletivas. In: Marcel Mauss. Ensaio de

Sociologia. São Paulo: Perspectiva, 1981.

DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**: Tradução: BENTHIEN, Rafael Faraco; WEISS, Raquel Andrade. São Paulo: Edipro, 2022.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes. 1992.

FACCHINETTI, C. **Psiquiatria e espiritismo**: um caso brasileiro. III Encontro da Rede Iberoamericana em história da psiquiatria: livro de resumos. Rio de Janeiro, Fiocruz: 2010.

FERNANDO, Adelson da Costa. **Nas teias do comunitarismo carismático católico**: uma análise sociológica da Comunidade Vida Nova em Parintins/AM. 2018. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2018.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens**: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas. 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília-DF.1976

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2002.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Assim se benze em Minas Gerais**. Juiz de Fora: EDUFJ/Mazza Edições, 2004.

GURGEL, C.B.F.M. **Índios, jesuítas e bandeirantes**: medicinas e doenças no Brasil dos séculos XVI e XVII. (Doutorado em Clínica Médica). Universidade Estadual de Campinas, Campinas: 2009.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Tradução: KREUCH, de João Batista. 2 ed. Petrópolis – RJ. Vozes, 2015.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Sinopse do Censo Demográfico 2022**. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/sinopse/>. Acesso em: 20 junho, 2022.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**. Palavras de um xamã Yanomami. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. Prefácio de Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

LOYOLA, Maria Andréa. **Médicos e curandeiros**: conflito social e saúde. São Paulo: Fidel Ed., 1983.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia**

**Científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

NASCIMENTO, Danielle Gomes do. **Tradições discursivas orais**: mudanças e permanências nas rezas de cura e benzeduras populares da região de Itabaiana. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. **Doença, cura e benzedura**: um estudo sobre o ofício da benzedeira em Campinas. [dissertação]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1983.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é benzeção**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**: olhar, ouvir, escrever. Revista de Antropologia. São Paulo, USP, v.39, n.1, p. 13-37, 1996.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. **O princípio pluralista**. Cadernos Teologia Pública, v. 14, n. 128, 2017.

QUINTANA, Alberto Manuel. **A ciência da benzedura**: mau olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise. Bauru: EDUSC, 1999.

SCHMIDT, Cristina. Folkcomunicação: estado do conhecimento sobre a disciplina. **Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom**. Edição bimestral: nov/dez. 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. São Paulo, Cortez, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**, Coimbra: Almedina, 2009.

SANTOS, M.G.; DIAS, A.G.P.; MARTINS, M.M. Conhecimento e uso da medicina alternativa entre alunos e professores de primeiro grau. **Revista de Saúde Pública**. 1995.

SILVA, Marilene Corrêa da. **O Paiz do Amazonas**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1996.

VERGER, Pierre Fatumbi. **EWE-uso das plantas na sociedade IORUBÀ**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica**: estudo do homem nos trópicos. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. Tradução de Waltencir Dutra. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1982.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. tradução José M. Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. **Sociologia das Religiões**. Tradução Cláudio J.A. Rodrigues. 2.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ícone (Coleção fundamentos da filosofia), 2015.

## ANEXO

Imagens das benzedadeiras

Fonte: Acervo do autor (2024/2025)





## APÊNDICE

### APÊNDICE 1 – ENTREVISTAS COM AS BENZEDEIRAS

#### **Benedeira 1** – (Entrevista realizada no dia 29/04/2024)

##### 1. Como você conheceu a benzeção?

Meu tio que era “pai de santo”. Quando eu nasci com 7 dias de nascida né, aí quando minha mãe me procurou na rede né não encontrou eu na rede né, sete dias de nascido, aí ela chamou o papai né que é do município de Manicoré, do paraná do Uruá, lá que eu nasci, aí ela disse assim pro papai, a nossa filha não tá...eu sou a primeira né. Ele disse cadê ela? Aí ela disse, ela sumiu, ela não tá na rede. Aí ela começou a chorar e também ele né, aí chegou esse meu tio que morava mais abaixo, era pai de santo. Aí ele falou ela tá no fundo, ela é sacaca.

Ela vai aprender. Quando ela vier de lá e tiver com sete anos ela vai aprender de tudo, é benzer, é curar as pessoas, fazer remédio, tudo isso ela vai aprender. Eu passei um dia, uma noite, noutro dia meio dia vieram me trazer de volta. Dísque quando viram era muito boto na beira. Esse meu tio disse, quando ela chegar ela vai chorar muito, vocês não vão pegar ela. Dizem que eu cheguei chorando, chorando e tava com toda roupinha né, toda molhada, aí mamãe deu peito pra mim. Meu tio falou você pega um banho de arruda e dá nela, era gente, muita gente lá. Aí deram um banho de arruda em mim eu dormir. Aí ele (tio) disse “olha Satuca e Dedé, nome dos meus pais, quando ela tiver com sete anos vocês não vão se negar pra ela e vão acreditar nela no que ela vai fazer, eu não vou mais ver porque eu já estou idoso, mas vocês vão ver a proeza que ela vai fazer. Ela vai trabalhar nisso até o último dia da vida dela. Quando tem o dom tem que trabalhar. Papai disse que quando eu cheguei aos sete anos eu comecei a puxar barriga de mulher, comecei a rezar em crianças que vinha descangotada né, e saia boa, saia curada né, e assim foi.

O tempo que me mudei pra cá, eu casei e meu marido não acreditava não, ele cansou de expulsar as pessoas da porta da minha casa. Eu vim aqui com dona Maria né, que me chamavam de dona Maria, eu vim com dona Maria pra ela benzer meu filho ou então puxar uma desmentidura... não! Aqui não tem curador não ele falava. Voltavam da porta, eu me sentia mal, entendeu.

Quando saía as gentes eu dizia você não deve fazer uma coisa dessa porque não é você que vai sofrer, quem vai sofrer sou eu. Aí eu comecei a emagrecer, fiquei magrinha, eu não sentia fome, não me alimentava bem porque eles (guias) não deixavam. Eles falavam pra mim se você não atender eu vou lhe levar. Aí virou e mexeu ele adoeceu, mas não fui eu que matei ele não (risos!). Essa doença que ele adoeceu não teve cura ele morreu, ele tinha 35 anos. Pai de todos meus filhos ele era. Aí eu conheci a dona Geni que me amparou pra trabalhar. Aí eu fiz uma casa lá na colônia, aí eles falaram minha filha agora tu faz o teu centro de trabalho, aí mandei

fazer, tenho minha mesa onde eu continuo trabalhando. Quando precisam de mim eu vou na casa do doente.

2.As pessoas que procuram a benzeção buscam apenas cura para males físicos? Ou existem também questões emocionais, espirituais?

Eu não incorporo (entidade). Eles me ouvem e eu também escuto o que eles me falam. E meu trabalho é esse né, eu não me arrependo, mas quem cura é Deus. Eu não trabalho com a linha negra (Deus me livre!), eu trabalho com a linha branca, só fazendo o bem mesmo. Vou te contar uma coisa, na minha casa já foi todo tipo de gente, vai pobre, vai rico, vai político antes da eleição (risos), vai gente que quer conseguir um emprego, gente que montou um comércio e quer vender mais, mulher que quer voltar pro marido, marido que quer voltar pra mulher (risos), e eu vou atendendo todo mundo né, sempre fazendo minhas orações e pedindo que a mão de Deus esteja sempre comigo pra mim poder ajudar as pessoas. Eu benzo com meu dom pra ajudar as pessoas. Nunca fiz pensando em ganhar dinheiro ou outra coisa.

3.Como benzedeira, você cobra algum valor em dinheiro ou outro tipo de ajuda para realizar seu trabalho?

Eu não cobro pelo que faço, alguma ajuda, é de livre e espontânea vontade em nome do Espírito Santo que é quem cura. Eu não posso ficar gastando uma coisa que não é meu né (risos.) Quando tenho muita necessidade eu aceito ajuda pra comprar um pão, um frango, alguma coisinha que a gente ta precisando, entendeu.

4.Qual planta você acha mais adequada para realizar a benzeção?

Olha, vou te falar uma coisa, eu benzo com a vassourinha, pião roxo, com arruda, sabe. Que são plantas que tem uma boa energia para tirar a doença. Mas assim meu filho, qualquer mato que você pegar se tiver fé o serviço sai bem feito, o que vale é a fé.

Eu tenho uma filha que saiu com meu dom, minha filha caçula... entendeu, eu tenho um filho também com o mesmo dom, só que ele não gosta, mas o que ele fala da tudo certo. Essa minha filha já trabalha junto comigo lá no centro.

5.Existe uma oração pronta especialmente preparada para clamar a cura no ato da benzeção? Ou é algo que surge espontaneamente, como uma inspiração?

Quando eu rezar numa pessoa, não tem uma oração pronta, eles (guias) é que vão me ensinando as palavras. Na hora aparece uma inspiração como eu tenho que falar, como eu tenho que rezar,

como eu tenho que pedir a cura para as pessoas. Aí é que tá o dom que nós temos dado por Deus. Agora quando tô sozinha assim só sei mesmo a minha defesa que Deus deixou.

6.Você tem uma mesa preparada para o ritual da benzeção? Caso haja, poderia descrever os artefatos que compõem essa mesa?

Na minha mesa tem uma bola de cristal, um copo de vidência grande, água benta, fitas coloridas, velas, tem as imagens do divino espírito santo, santo Antônio, mãe iemanjá que ta lá também, São Jorge, São Lázaro, e sagrado coração de Jesus e nossa senhora de Aparecida. Eles protegem tudo que vai lá. Eles tudo são imagem mais protegem como se tivessem vivos, porque na hora da oração eles se fazem presente. Agora quem ta sendo benzido precisa acreditar que tudo que tem lá é sagrado, senão não adianta. A fé é tudo né.

Quando eu fiz minha casa eu tive uma visão nove hora da manhã o espírito santo veio num trono com três anjos, ele não encostou na terra, mas ficou na beira da casa, e uma voz disse “filha eu vim batizar sua casa, você sabe do que eu to falando né”, eu respondi sei. Então o seu centro que você diz não é um centro é será uma assembleia de Deus por aqui vão vir muitas crianças e você vai trabalhar com gosto e satisfação porque eu vou lhe dar a fé. Aconteceu isso e nunca falei pra ninguém... só agora.

### **Benzedeira 2- (Entrevista realizada no dia 08/11/2024)**

1.Como a prática da benzeção entrou em sua vida?

Primeiro foram lá em casa. Meu pai era benzedor e puxava desmentidura. E eu ouvi alguém falando lá pra frente que o homem não conseguia mais fazer nada com seu braço e que ia pra Manaus. A mulher falou manozinho eu não sei que todo mundo já puxou esse homem e nada. Aí eu me levantei e fui lá. Falei! pra Deus nada é impossível, mandei ele levantar, segurei firme nele e só fiz dá uma torcida nele assim aí “trou!”. Aí ele se espantou, eu digo, demore um pouquinho e pode mexer seu braço.

O doutor César (médico/nome fictício) quando tava aí ele me chamava pra puxar. Hoje eu digo assim que é raro as pessoas pra fazer o bem, não acha ninguém, mais pra fazer o mal né.

A benzeção eu acho que é um dom que Deus dá pra gente né, porque antes não ligava pra nada não mais depois eu vi que eu precisava ajudar as pessoas. Então eu não tenho explicação, tudo vem na cabeça na hora que a gente vai fazer uma oração. Não tem explicação pra isso, muita gente vem e pergunta pra mim assim se a gente pode explicar tudo. Não pode! É o segredo da benzeção, porque se a pessoa for falar aí perde a força. Antes tinha muita gente que sabia benzer, a finada tia Izidória (nome fictício) depois ficou a finada Liúca né que puxava e era parteira

também.

Eu acho que já nasci com isso, porque uma vez um menino caiu do jambeiro aí tava rolando no chão e depois desmaiou. Eu fiquei olhando e a modo aquilo disse assim, vai lá e acode ele. Eu fui lá, suspendi ele, coloquei as mãozinhas dele pra trás e fiz uma oração. Ele levantou e me disse que ficava me devendo essa. Eu falei, não suba mais nas árvores, porque senão você pode morrer porque nem toda vez eu poderei estar perto de ti.

As pessoas ainda me procuram muito, mas eu já estou deixando de trabalhar porque tô com problema de osteoporose, mas costurar uma rasgadura eu ainda costuro.

2.As pessoas que procuram a benzeção buscam apenas cura para males físico? Ou existem também questões emocionais, espirituais?

Eu rezo pra quebranto, vento caído, mãe do corpo. Muitas e muitas crianças, as hoje já tem até filho e até neto que eu, como diz a história, já ajudei a viver porque ali era só Deus mermo. Eu fazia parto também agora não faço mais. Eu já benzi gente com depressão, com síndrome do pânico, gente triste por causa de emprego, gente que tinha se separado do marido, da mulher. Eu luto com minha filha também porque ela é assim. As vezes ela ta triste, chora do nada. Então eu vou lá e benzo nela, pronto! Rapidinho ela fica alegre novamente.

Eu sou católica. Pessoa assim não pode ser evangélica, quer dizer ser evangélico ela pode porque tudo depende da oração da gente e da fé. Porque aí que eu ainda não descobri porque que o evangélico as vezes ele é contra isso, devia ser contra a pessoa que faz o mal, não o que faz o bem.

Eu já conversei com diversas pessoas e também já estudei sobre a bíblia e antes já existia essas coisas também, então isso já vem desde o começo do mundo. Tem gente que não acredita no que a gente faz, mas cansei de ver gente correr atrás do papai lá em casa, porque fulano tava com encosto, se jogava no chão, se mordida, se batia, bastava ele chegar pegar um pião roxo e benzer, pronto! Aquilo acalmava como água no fogo

3.Qual planta você acha mais adequada para realizar a benzeção?

Eu lembro que meu pai benzia muito com vassourinha, mas também usava arruda, pião roxo, mucuracaá, que são as que eu uso também né, mas tudo depende da fé, até uma pontinha de palha que você for rezar, usar na oração tudo vale. Por isso tudo que eu vou fazer eu vejo logo se tô com fé, se não tiver eu nem vou porque já sei que aquilo não vai dar certo.

4.Qual o melhor local para benzer uma pessoa?

Meu pai era curador também, ele não parava em casa, inclusive até quando mamãe morreu o papai não tava em casa, iam buscar ele, era pra um canto era pra outro. Ele gostava de benzer embaixo das árvores, na beira do barranco. Eu também prefiro benzer fora de casa, no quintal, onde tem plantas, flores. Isso ajuda né.

Meu Santo é o São Jorge. Mas é como eu pesquiso na bíblia, é uma imagem que sobre Deus não tem poder nenhum, mas tudo que vale é a nossa fé. Aquilo é só mesmo uma estátua representando que São Jorge antigamente ele era uma boa pessoa e um guerreiro, então isso depende de tudo à fé.

No problema da Nicinha eu não tive problema não de ir no hospital porque era o doutor César. As vezes quando tava passando mal uma criança assim a mãe pede pra mim, que me conhece aí eu vou lá e rezo, eu tenho muitos amigos enfermeiros que me procuram em casa.

5.Qual o melhor horário você considera para realizar a prática da benzeção?

Pra mim não tem um horário e nem dia pra benzer, qualquer hora é hora, depende da pessoa querer e ter fé. Porque nada vai em frente sem a fé. Se a pessoa chega contigo com a maior fé, ali ele também já te deu força. E mesmo se a pessoa chegar doente comigo não vou mandar ela voltar outro dia, porque a doença não espera né (risos).

Eu vou te contar uma coisa aqui que eu nunca contei pra ninguém, mas eu vou te contar. Dia 17 de dezembro eu terminei de fazer uma oração e sentei na beira cama e fiquei olhando a novela. Aí veio, tipo uma pombinha, chega brilhava assim! Não tenha medo de mim, falou pra mim isso. Eu disse não, eu não tenho medo não. Eu conheci a voz. Ela disse, olha, eu me chamo Maria do Carmo e u virei um espírito de luz então eu tô aqui em nome da nossa amizade, pedir pra ti rezar, fazer umas orações muito pelo meu filho, porque já andei essa Borba todinha e não encontrei ninguém pra isso. Porque meu filho ta correndo perigo. Aí eu disse mas porque você tá nessa missão? Ela disse porque eu era médium de nascença e recusei de fazer a obra de caridade pros meus próximos, vê as pessoas chorando, morrendo aí. Eu falei então eu vou fazer sim essas orações pro seu filho. Então ela se despediu de mim e foi embora.

### **Benzedeira 3 – (Entrevista realizada no dia 12/11/2024)**

1.Como a benzeção entrou em sua vida?

Olha eu aprendi assim, se tivesse um pegador eu ficava em cima que era pra gente aprender né. Aí eu botava aquilo na minha cabeça por causa de que a minha família, a família Rabêlo tudo eles sabiam fazer né, era partejar, era benzer, pegar desmentidora e era tudo né. Aí eu ia prestando bem atenção, como se colocava uma desmentidura no lugar, como é que benzia pra

quebranto, pra vermelha que dizem né. Sei benzer pra espinha, pra partejar já partejei minhas irmãs, Maria, Joana (nomes fictícios). Eu disse pra ela, mana quando te dar dor tu vai pro hospital, ela disse não eu vou ter aqui por casa mermo. Eu falei ta bom.

Quando deu umas horas da noite o filho dela chegou batendo na porta, eu me levantei fui pra lá e disse o que que é meu filho. E ele disse mamãe ta com dor. Eu fui pra lá, puxei todinho a barriga dela e disse mana, ta direito. A mulher gestante por isso que muitas vezes vai ser cortada por que vai pro hospital e as meninas que trabalham la, elas não têm essa experiência. Porque a mulher buchuda quando a criança custa a nascer tem que sacudir ela pra criança suspender e ficar na posição certa pra poder nascer. Partejei ela, cortei a placenta.

De primeiro a mulher tinha um filho a gente media quatro dedos do umbigo pra placenta né, cortava, espremia aquela espuma que tinha dentro aí amarrava, aí queimava ainda com vela, mercúrio. Assim não dava dor de barriga, cólica né na criança.

Eu sei benzer mesmo bem é quebranto, mal olhado, vento caído, a gente benze, depois de benzer a gente procura as folhinhas pra fazer os remédios pra usar. Além benzer eu faço remédio também, graças a Deus em tudo Deus me ajudou.

Quando vou benzer pra quebranto, eu pego um pires boto um pouco de sal, que é o tempero do mundo né, um pouco de álcool que representa a limpeza, aí pego a vassourinha e benzo a criança. Quanto a gente termina de benzer se o quebranto tiver muito forte a vassourinha murcha. Agora quando ela não fica murcha pode ser só uma dor de cabeça, uma enxaqueca, qualquer coisa né, mas não é quebranto. O quebranto murcha qualquer planta que a gente usar meu irmão.

Tem gente que benze com pião roxo, com vassourinha, com arruda, tem gente que benze com tesoura. Pega a tesoura e vai cortando a palha, depois pega a palha e coloca no pires, depois pega tudo num saco e procura um lixo distante pra jogar.

2.Existe uma oração pronta especialmente preparada para clamar a cura no ato da benzeção?

Pra algumas ocasiões eu tenho uma oração pronta, mas na maioria das vezes vem tudo na cabeça na hora, é um dom mesmo de Deus. Mas antes de fazer essas orações eu rezo sempre um Pai nosso ou uma Salve Rainha como preparação.

Depois eu me pego mais com São Bento, porque com ele faço devoção para os males da garganta né, quando é na vista me pego com Santa Luzia.

Eu sou católica, graças a Deus, tenho fé em Santo Antônio, e qualquer uma coisa, me pego com meus santos. Já teve caso que me aperreei mermo, mas eu tive sempre muita fé nos meus santos. Esse aqui é meu altar (mostrando), onde fica meus santos ornados com fitas, a bíblia, mas fica

também o divino espírito santo, que é quem me deu esse dom. Esse altar já pegou fogo uma vez, queimou toda toalha ao redor dele, mas as imagens dos santos e a bíblia permaneceram intactas. Por isso é que eu tenho fé neles e eles me ajudam sempre junto ao divino espírito santo.

### 3.Qual o tipo de preparação física e espiritual você realiza antes de benzer alguém?

As vezes vem gente aqui em casa pra mandar puxar e benzer a mãe do corpo, mas minha filha não gosta. Porque quem puxa mãe do corpo ainda mais quando tá muito avançada depois de a gente puxar e benzer não demora a gente ta provocando, da aquela murrinha, aquela dor no corpo medonha na gente. Então a gente tem que ta bem preparada pra isso. Antes de eu benzer em alguém eu me benzo primeiro, aí ofereço a devoção para o santo que a gente vai fazer aquela oração, aí pode rezar. Porque antes de fazer a benzeção se não se benzer, não colocar fé naquilo que vai fazer não vai dar certo

Comigo acontece que antes de acontecer alguma coisa com minha família eu vejo tudinho. Taí meus filhos, eu chamo eles, eu fico agoniada, eu digo vai acontecer alguma coisa na família. E acontece mermo meu irmão. Eu vejo tudo. É uma missão que Deus me deu.

Quando uma mulher tinha filho, a gente preparava já a baciazinha, juntava a vela, o algodão, botava o punho, rezava pra esperar a criança nascer, a mãe botar a placenta pra fora pra poder cortar o umbigo, senão a placenta recolhe.

### 4.Espiritualmente o que a prática da benzeção representa pra você e sua família?

Eu vivo assim, eu rezo, entrego minha casa pra Deus, pros anjos da guarda e continuo ajudando as pessoas que precisam de mim até Deus permitir. Nunca ninguém chegou aqui pra nos fazer mal.

## **Benzedeira 4 - (entrevista realizada no dia 13/11/2024)**

### 1.Como o ofício da benzeção entrou em sua vida?

Na verdade, tudo começou quando eu morava lá no São Sebastião. Tinha uma mulher lá pra ter filho e na hora foram chamar a ambulância. Só sei que essa tal de ambulância não chegava e a mulher lá agoniada. Até que falaram que a criança já ia nascer mesmo. Foi quando fui pra lá e não tinha ninguém pra fazer o parto da mulher. Então foi eu mesmo que acabei fazendo (risos). Aí depois desse parto de vez em quando iam lá em casa mandar me chamar pra puxar desmentidura, puxar barriga pra endireitar o filho.

Minha mãe era benzedeira. Ela fazia tudo. Depois que ela morreu eu adquirir esse dom. Eu benzo quebranto, vento caído, eu rezo e benzo em pessoas que tem encosto também né, algum

espírito mal. Isso é um dom que Deus da né, mas tem pessoas que estudam livro né. Eu acho que eu tenho o dom mesmo porque não sei ler nem escrever. Eles vêm dizer as coisas no meu ouvido, eles falam as coisas no meu ouvido, ensinam remédio e tudinho como é pra fazer. Eu já faço isso a mais de trinta anos.

2.Qual planta você utiliza para benzer uma pessoa?

Eu benzo com vassourinha, mas tem vez que só faço botar a mão na cabeça da pessoa, porque se tiver fé a gente consegue curar mesmo. Pra vento caído eu uso a tesoura, coloco a criança de cabeça pra baixo, boto um pano embaixo da cabeça e rezo. Faço isso sempre perto da saída de alguma porta que esteja aberta, pra doença procurar outro rumo né.

3.Qual o tipo de preparação física e espiritual você realiza antes de benzer alguém?

Antes de benzer eu faço minha devoção para nossa senhora Aparecida e santo Antonio que eu tenho na minha mesa. Eu sou católica né. Lá tem outros santos que também são meus guias. A gente tem que se preparar né, se entregar primeiro a Deus pra depois ir fazer o bem pra quem ta precisando.

4.Qual o melhor local para benzer uma pessoa?

Eu também não gosto muito de rezar na minha casa não, prefiro que a pessoa vá me buscar, porque a doença, o mal que ela ta sentindo, ta lá na casa dela né. Agora se ela não quiser na casa dela pode ser até no quintal, a natureza ajuda a afugentar a doença.

5.Existe uma oração pronta especialmente preparada para clamar a cura no ato da benzeção?

Quando eu tô benzendo eu não tenho nenhuma oração pronta pra dizer é essa aqui. Vem na minha cabeça. Eu me concentro primeiro né, pra doença que eu vou rezando eu vou criando as orações, porque tem muitas doenças que não bate com a reza no momento, eu sinto isso, aí eu me concentro ainda mais e vou fazendo outras orações.

6.Qual o melhor horário você considera para realizar a prática da benzeção?

Eu costumo benzer sempre a tarde, cinco horas da tarde. É um momento de paz né, de tranquilidade. Eu também não rezo dia de segunda feira e nem dia de domingo. Eu rezo terça, quarta e quinta. Na sexta também não costumo rezar porque é o dia que meus guias vêm me preparar, porque é uma missão né, tenho que me preparar.

Mas tu sabia meu filho que quando a gente termina de benzer a gente fica meio tonta, porque a

energia negativa da outra pessoa vem pra junto da gente. Porque pra benzer a gente tem que ficar perto e a energia que sai deles abala a gente.

Eu tenho copo que é um copo de vidência, mas não é o copo que sempre usei né, porque o verdadeiro quebrou. Quebrou do nada em uma benzeção, foi uma demanda de energia que ele recebeu, sabe, tinha água benta dentro e uma vela acesa do lado. A benzeção é uma troca de energia e a gente tem que ta preparada espiritualmente, senão acaba adoecendo também.

Eu sei benzer mesmo bem é quebranto, mal olhado, vento caído. A gente benze, depois de benzer a gente procura as folhinhas pra fazer os remédios pra usar. Além benzer eu faço remédio também, graças a Deus em tudo Deus me ajudou, mas eu acredito que a cura vem mais da fé do que do próprio remédio. Até pra gente tomar um remédio desse da farmácia mesmo tem que ter fé pra aquilo fazer efeito. Quando eu tinha 14...15 anos mais ou menos eu já sabia fazer um monte de chá pra curar garganta, febre, dor de estômago, tosse que dava muito nas crianças daquela época. Tudo faz efeito mas tem que rezar também. Isso minha vó ensinou pra mamãe e eu só de ver aprendi também

7. Como benzedeira, você cobra algum valor em dinheiro ou outro tipo de ajuda para realizar seu trabalho?

Olha, pra eu benzer numa pessoa eu preciso ta sem preocupação, sem aborrecimento, porque assim, a gente tem que ir com fé pra fazer aquele trabalho né, tem que pensar, buscar força pra curar aquela pessoa, sem intenção de ganhar isso ou aquilo, se você tiver rezando com o pensamento noutra coisa não vai sair nada dali né.

Esse dom quem dá é Deus, então a cura vem de Deus, vem dele. Então eu aceno primeiro pra ele no momento em que vou fazer um trabalho, fazer uma cura e naquele momento ele vai me dar a ajuda necessária né. Eu peço que me conceda mais uma força no meu corpo, porque em tudo a gente tem que ter Deus em primeiro lugar. Deus é tudo. É primeiro a fé nele pra depois você fazer qualquer coisa na vida. Eu nunca tive conforto, não tenho saber e ficava pensando como eu ia viver, mas a fé em Deus me trouxe e até hoje eu tô por aqui... feliz né (risos).

## **APÊNDICE 2 – ENTREVISTAS COM LÍDERES RELIGIOSOS**

**Padre** (Entrevista realizada no dia 30/05/2024)

1.Como religioso, qual a sua percepção sobre o ofício da benzeção?

A questão da benzeção pode ser um dom de Deus, que Deus dá pra pessoa. Acredito que é da prática do bem pra curar uma doença, ou física, ou psicológica ou espiritual. Agora é algo assim, esse dom da benzeção é algo sobrenatural, é até inexplicável né, mas é algo que eu acredito que vem de Deus esse dom que Deus dá para a pessoa né, se é para o bem, para cura da pessoa é claro que vem de Deus, agora eu só duvido (sei lá) quando é para o mal, mas se é para a pessoa ficar bem, se é para uma cura interior, para uma cura exterior, sabe, eu acredito que vem de Deus, que vem dele. Nem todas pessoas têm esse dom né, esse dom que a pessoa tem eu acredito que ou ela nasceu ou ela adquiriu com passar do tempo ou ela procurou descobrir. Eu lembro que 2007 eu fui fazer uma missão no rio Canumã e eu tava com muita dor de cabeça, mas com dor de cabeça mesmo eu celebrei a missa, tava com um pouco de gripe também, aí me falaram no seu Thiago que era o curandeiro, o pajé da comunidade, então eu fui lá ele me benzeu e me curou mesmo, fiquei bom, fiquei são, na hora parou a dor de cabeça e até os sintomas da gripe sabe...eu testemunho isso.

**Pastor 1** - (Entrevista realizada no dia 02/05/2024)

1.Como religioso, qual a sua percepção sobre o ofício da benzeção?

Penso que o mais importante na vida espiritual de uma pessoa é a fé e nesse contexto não importa o nome que você dá a Deus mais a ideia que você faz dele. Muitos, por desconhecerem a palavra caminham na contra mão das escritura sagradas, mas não cabe a nós pastores, pelo menos eu não faço isso, “jogar” a bíblia na pessoa e dizer taí!, aprenda e caminhe com a verdade, porque somente ela liberta. Pra isso Deus deu a cada um de nós o princípio do livre arbítrio. Você escolhe aquilo que você quer crer. É evidente que como servo do Senhor não posso fugir da responsabilidade de mostrar a luz àqueles que precisam e que por algum motivo estejam nas trevas. Antes da minha conversão eu ainda era muito jovem, mas convivi muito com a benzeção, inclusive fui até benzido várias vezes também. Tinha um tio que era muito procurado pra benzer nas pessoas. Naquela época não tinha muita alternativa, os benzedores eram os médicos das comunidades. Somente os casos assim considerados graves mesmo é que as pessoas corriam atrás de alguma embarcação para levar pra cidade. E era difícil encontrar. Primeiro, acho que

não devemos confundir benzeção com macumba né. A macumba é frequentemente usada para práticas malignas, o que não pode ser aceito por nenhuma religião ou ramificação religiosa que tem em seu pilar a grandeza de Deus. Já a benzeção é um ato de benção, clamando a cura para uma pessoa que se encontra enferma. É uma coisa ainda muito presente na vida dos ribeirinhos né. Mas olha! vou ser sincero com você, hoje eu buscaria uma outra forma de tratamento, não me refiro simplesmente ao fato de procurar um médico, porque esse é procedimento normal né, me refiro ao lado espiritual. As orações por exemplo quando realizadas em congregação são canais estreitos para alcançarmos a graça e a misericórdia de Deus. Por isso que o Apóstolo Paulo dizia que é preciso congregar. Mas não discrimino a benzeção não. Como falei, se a pessoa tem fé e acha importante isso na sua vida, não vejo problema algum, como não vejo maldade também nos benzedores que são pessoas humildes que nem cobram pelo que fazem. Mas hoje não aceitaria outra benção fora da igreja não.

**Pastor 2** (Entrevista realizada no dia 13/12/2024)

1. Como religioso, qual a sua percepção sobre o ofício da benzeção?

Sobre benzer vou te revelar uma coisa. Quando eu era menino, tinha acho que uns nove anos eu morava no interior. Nossa família ainda não era evangélica. Eu tava pescando de linha na beira do rio quando ouvi um boto boiar, ele fez um barulho que arrepiou todo meu o corpo, naquele momento fui pra casa muito triste. Umas seis horas já a noite, eu ouvia aquele barulho do boto boiando pra todo lado. Minha tia morava do outro lado do lago, era ela benzedeira. Minha vó me levou lá e ela me benzeu, nunca mais eu ouvi aquele barulho inexplicável. Eu acredito que tudo é possível sim, desde de que a pessoa creia. Isso aconteceu comigo mano, esse fato né, na minha infância. Aí depois, aos quatorze anos que eu vim pra igreja e aceitei Jesus, como é dito aqui na linguagem evangélica, do povo evangélico. Daí passei a estudar a bíblia e a bíblia ensina de uma outra maneira sobre essas práticas né, mais nada contra, eu sou uma pessoa que sou muito aberto pras conversas, pra gente dialogar e compartilhar as ideias.

### APÊNDICE 3 – ENTREVISTAS COM COMUNITÁRIOS

#### **Comunitário1** (Entrevista realizada no dia 03/05/2024)

1. Em algum momento de sua vida já recorreu à benzeção para cura de seus males? Poderia narrar como foi essa experiência?

Colega em 1985 apareceu uma firma (empresa) aqui em Borba fichando cabôco pra trabalhar. Era a CBG. Era cabôco se fichando de todo jeito, que não tinha trabalho na época né e ela pagava bem, sem contar que tu ganhava saca de jabá, conserva, almôndega, soja, leite, nescau...eles davam um rancho com fartura pro pião. Eu consegui uma vaga e fui embora pro mato, lá pras bandas da BR 319. Colega já tava com uns dois meses lá, engoli uma espinha daquelas de peito de tambaqui, parece uma cruzinha assim. Lá tinha um helicóptero que ficava a disposição pra alguma emergência. Só que tinham levado ele pra manutenção. Tinha um enfermeiro também. Cara aquilo engatou na minha garganta além de eu não poder tomar nem água já tava prejudicando minha respiração também. Engatou mesmo! e eu desesperado resolvi comer uma banana com bem farinha pra ver se descia. Colega acho que foi daí que ela engatou ainda mais. O cara que era enfermeiro mandava eu abri a boca, metia o dedo acho que até no meio da garganta e focava pra lá e nada (rsrs), não achava nada. Nesse dia parou até o trabalho. Pensei que ia morrer mermo! Do lado da fazenda tinha uma vilazinha. E um cara de lá trabalhava com a gente. Eu ouvi quando ele falou “se a dona Joana (nome fictício) tivesse aqui esse caboco já tava bom”. Na hora me levantei e pensei que era alguma doutora e perguntei dele quem era, aí ele falou que era uma velha que benzia e que morava na comunidade. O capataz pegou um jeep velho que tinha por lá e foi eu, ele e esse cara. Fomos direto pra casa da velha. Ela tava varrendo o terreiro da casa com uma rama dessas de cacho de açaí. Aí ela veio o capataz contou pra ela o que tinha acontecido, ela foi lá dentro veio com uma toalha branca, um terço e uma plantinha na mão. Mandou sentar e ficou por trás de mim. Perguntou se eu conhecia São Brás, disse que já tinha ouvido falar. Ela começou a rezar e passar a toalha no meu corpo e a plantinha na minha garganta. Depois foi lá dentro trouxe um copo com água, acho que era até de barro aquele copo, mandou eu respirar fundo e em seguida tomar a água. Colega quase eu grito de alegria, não senti nada quando tomei a água. Engoli a saliva de novo e também não senti mais nada. Ela falou “pronto, pode voltar pro seu trabalho”. Abraçamos ela e fomos embora. No final do mês peguei todo o rancho que a gente ganhava e pedi pro capataz me levar de volta lá. Dei tudo pra ela. Fiquei muito amigo do cara também, mas não tinha esse negócio de celular né, até hoje não sei o paradeiro dele. De lá em diante vi que tem coisa que

até gente estudado né, que estudou pra aquilo não consegue resolver. Tenho maior fé em benzeção, infelizmente hoje já não tem muito benzedor por aí, mas aquela velha me salvou. Quando sei onde tem um benzedor, mermo que não teja sentindo nada peço pra me benzer. Quando eu contava isso pras meninas lá em casa elas ficavam meio assim... Agora elas é que levam meus netinhos pra serem benzido. Só vão no posto mermo quando o negócio é mais sério, que precisa de exame.

### **Comunitário 2** (Entrevista realizada no dia 06/05/2024)

1. Em algum momento de sua vida já recorreu à benzeção para cura de seus males? Poderia narrar como foi essa experiência?

Quando nós chegamos aqui em Borba a gente morava ali do lado do pantanal. Lá perto tinha dona Ana (nome fictício) que fazia uma festa do gambá. Ela era benzedeira das boas meu mano. Qualquer coisa a gente corria pra lá. Nessa época eu tava aprendendo a trabalhar como ajudante de pedreiro. A gente tinha que se virar pra ganhar uma granazinha. Colega peguei uma queda de um cavalete que não sei como não morri. Isso foi mais ou menos em 86 87. Lembro que tinha um médico, doutor Antônio (nome fictício) se não me falha a memória. Meu irmão era um velho muito ignorante, ele mal olhava pro cara (risos). Ele mandou que deitasse e tal, examinou e me encaminhou pra Manaus, porque ele falou que tinha uma costela que poderia ta quebrada e ter atingido algum órgão e na época o hospital não tinha recurso suficiente. Colega eu também não conseguia respirar direito, fora a dor que não passava. Mas como é que eu poderia ir pra Manaus meu irmão se a gente não tinha dinheiro e nenhum parente por lá que pudesse ajudar. Aí mamãe me levou lá na dona Ana. Conteí tudo pra ela, como tinha acontecido, ela me olhou, apalpou e falou “que nada! Não precisa ir pra Manaus não. Falou pra mamãe, tu vai trazer ele aqui durante nove dias seguido. Não tinha pra onde correr foi o jeito fazer o que ela tinha falado (risos). Eu ia lá e ela rezava com uma plantinha passando em todo meu corpo, quando terminava ela pegava um copo com água e mandava eu beber. Mano mais ou menos no sétimo dia eu já respirava bacana sem dor, no nono dia como ela falou, eu já tava bonzinho e tô aqui hoje pra contar a história, graças a Deus e a ela, que Deus a tenha. Eu tenho dois filhos já adulto que tem família e filhos também, vez ou outra eu levo meus netinhos numa benzedeira que tem lá perto de casa porque sinceramente mano, tem doença, principalmente em criança que uma benzeção resolve mais rápido do que esses remédios caros que tem por aí. Agora tem outras doenças que precisa de médico mermo né, eles que estudaram pra isso.

**Comunitário 3** (Entrevista realizada no dia 14/06/2024)

1. Em algum momento de sua vida já recorreu à benzeção para cura de seus males? Poderia narrar como foi essa experiência?

A gente morava numa comunidade dentro do lago do Ararí. Lá meu pai e minha mãe criaram todos nós. Colega... (pausa) que eu me lembre naquele tempo nunca vi um médico por lá. Quem fazia os partos era as parteiras mermo e quando aparecia alguma doença corriam atrás de um benzedor. Quando era um negócio mais grave como um golpe de terçado, machado ou quando pau caía em alguém (risos) que sempre acontecia isso derrubando roçado e o camarada não morria, era tudo curado com remédio do mato mermo, andiroba, copaíba, banha de sicuriú, mastruz e assim a gente ia levando. Hoje eu vejo essas viroses doida que dá por aí, colega é fila no hospital, no posto (UBS). Naquele tempo não tinha isso não, os velhos pegavam uma vassourinha benziam e pronto, noutro dia a criança tava boazinha. Até hoje eu acredito que a benzeção cura mermo. Um dia fomo varar uma canoa no furo que tinha lá, peguei um ferrada de arraia mano que quase me mijava de dor, ainda bem que era perto do rancho de uma velha dona Rosa (nome fictício) que também benzia, pulei na canoa meus irmãos arrocharam no remo e chegamos rápido lá. Nem subimos o barranco, meu irmão que correu lá pra chamar, ela desceu com um pião roxo, mandou eu deitar no porão da canoa e começou a benzer, colega aquilo foi passando, aliviando que peguei até no sono, me acordei a gente tava no porto de casa. Hoje já ta meio difícil encontrar gente que benze, foram morrendo tudo né. Se eu tiver sentindo alguma coisa e puder ir num benzedor eu vou na hora colega, porque eu boto fé mermo, cansei de ver gente ser curada naquela época que como já disse não tinha médico não. Uma ferrada de arraia mano é dois dias doendo e depois inflama... rum! e aquela velha me benzeu noutro dia eu tava cortando juta sem uma dor no pé, te juro.

**Comunitário 4** (Entrevista realizada no dia 30/11/2024)

1. Em algum momento de sua vida já recorreu à benzeção para cura de seus males? Poderia narrar como foi essa experiência?

Bem! Eu sou de uma família cristã, graças a Deus, católica em sua maioria, agora um pouco dividida entre católicos e evangélicos e a agente sempre teve essa ligação, vamos dizer assim né. Com a espiritualidade, então tudo que tem essa relação com rezas, com orações, sempre foi muito bem vindo na minha casa, na minha família. Inclusive até hoje minha mãe que é minha vó que me criou desde os três anos de idade, até hoje ela tem um oratório na casa dela com seus

santos e tudo mais. Então desde pequeno a gente aprendeu a crer nessas coisas, a crer na oração, no poder da oração e da reza. Aqui em Borba, aqui na nossa cidade, uma cidade pacata do interior, a gente sempre teve isso. Nós conhecemos alguns benzedores como a gente diz, pessoas que através de suas orações seja ela feita com algum objeto com algum tipo de ramo de vassourinha, de pião roxo enfim, umas guias de árvores, de plantas nas mãos as pessoas benziavam a pessoa que tava enferma, doente. Eu mesmo fui levado várias vezes pelo seu João Ramos (nome fictício) que era um cearense, que foi soldado da borracha e veio pra cá pro Amazonas e conhecia muito disso. Eu fui levado pra ele, várias vezes ele foi convidado até minha casa, tomava um cafezinho, conversava, contava algumas histórias e benzia ali a gente né que tava com uma febre, uma tosse, enfim, algo que remédio de farmácia não tava resolvendo então a gente partia pros caseiros. E aí ele rezava eu lembro que a gente criança né, se machucava muito e as vezes eu tive alguns machucados assim na perna, uma vez eu consegui cortar num prego, consegui cortar a canela no prego e aquilo no decorrer do processo lá teve um inchaço que eles chamavam de ezipla, que é quando infecciona por dentro, então ele benzia e aquilo magicamente, a gente fala assim né, aquilo sarava. Ia, desinchava... quando tinha uma coisa muito forte assim ele colocava uma andiroba com sal, entendeu, com água também as vezes com sal e molhava aquele ramo que ele usava pra benzer. Ficava fazendo cruzeiros assim pelo corpo da gente e falando as orações que ele sabia. Algumas coisas em latim, outras coisas só os básicos, eu percebia que ele rezava um pai nosso, uma ave maria...essas coisas! E com muita fé. Tinha um mistério que eu percebia que as vezes ele ficava um pouco assim abatido também quando o negócio tava forte, ele ficava abatido seu João Ramos, ele falava tá forte, é alguma coisa assim... assim, ele falava pra minha mãe que tinha que cuidar disso, disso. Enfim, era misterioso aquilo pra mim e ele benzia sempre assim. A mamãe tinha maior fé nele. A dona Maria do Rosário (nome fictício) até hoje ainda é viva, aqui na rua de casa, subindo. Hoje até a voz já é bem baixa, mas eu levei um filho meu mais novo, ele tava com uma gripe forte assim e não passava, a gente ficou preocupado porque já tinha febre. As vezes a gente diz que é quebranto também né, quando a farmácia não consegue resolver que é quando as forças negativas das pessoas passam pra criança indefesa, principalmente quando não é batizado, e eu levei pra dona Maria do Rosário e ela benzeu e ele ficou bom. Eu mesmo tive também, a gente chama de fogo selvagem né, mas na verdade é uma manifestação de um tipo de herpes, que é quando a imunidade tá muito fraca acaba criando as bolhas né, tipo uma queimadura no corpo né, e eu tive na costa e aquilo doía muito, meu Deus!, não desejo aquilo pra ninguém, parecia realmente que tinha sido queimado e ela benzia, eu ia lá ela benzia, ensinava o que tinha que fazer, entendeu, ela passava remédio, pegava a caneta mandava eu escreve ou ela mesmo

escrevia, ela pedia alguma coisa virgem como tesoura, agulha. Não chegava a furar mas fazia ali umas orações em cima e aquilo foi sarando, graças a Deus sarou.

**Comuniário 5** (Entrevista realizada no dia 01/12/2024)

1. Em algum momento de sua vida já recorreu à benzeção para cura de seus males? Poderia narrar como foi essa experiência?

Desde pequeno lá por casa a gente foi benzido. A gente mora no rio Mapiá, numa comunidade chamada São Raimundo, mas temos casa aqui em Borba. Naquela redondeza, antigamente, tinha vários benzedores, mas o papai só levava a gente no seu Domingos (nome fictício), que já era conhecido lá em casa, e ele resolvia mermo. Não tinha médico não, esse negócio de Agente Comunitário de Saúde, não tinha nada disso. Tudo quanto era doença tinha que apelar pra benzeção mermo. Uma vez uma surucucu pico de jaca acertou o tio Aldo (nome fictício) que tava capinando um melancial que ele plantou. Era pequeno, acho que meia hectare. Isso era umas nove horas, logo de manhã, acho que ela saiu só pra se esquentar no sol (risos). Mano o homem gritava de dor e aquilo foi ficando negro de uma hora pra outra, parece que tinham jogado um óleo quente na perna dele. Eu mais uns parentes lá, colocamos ele na canoa e se mandemo pra casa do seu Domingos. Colega ele benzeu, aquela dor foi acalmando, acalmando, ele dormiu bem de noite, mas de manhã de novo a dor voltou, ele gritava de dor e aquilo tava muito inchado já. Dessa vez foram buscar o seu Domingos na casa dele. Ele chegou e disse que alguém com olho “venenoso” ou alguma mulher menstruada tinha olhado pro titio. Que como ela não sabia quem era, era pra deixarem ele sozinho num canto lá, sem visita e ninguém da casa olhando a mordida, que durante três dias eram pra irem buscar ele na casa dele pra benzer. Nessa noite o titio dormiu melhor, amanheceu já sem dor também. Passaram mais uns dias buscando o velho lá e semanas depois ele já tava bom, trabalhando. Isso sem um remédio desses que a gente compra, foi a força da reza mermo! Ele terminava de rezar molhado de suor mano. Depois de benzer ele mandava o titio tomar um copo com água, passava mastruz que ele batia num pilãozinho e passava com um óleo que não lembro direito se era andiroba ou copaíba, eu acho. O pessoal de lá tudo ainda, quando tem alguma coisa corre atrás de um benzedor. É um dom que eles têm de Deus né, senão não curavam ninguém, porque pra isso tem médico, gente que estudou mermo né. Só que hoje já tem pouca gente com esse dom.